

Esta edição é dedicada ao conhecimento compartilhado,
fonte de luz e serenidade à boa caminhada.

ISSN 2237-9762 n° 40

iátrico



Ensinaragem

Os desafios na
arte da Medicina

© TONAN



12

TEMPO DE TRAVESSIA

Educar para a razão com o coração



62

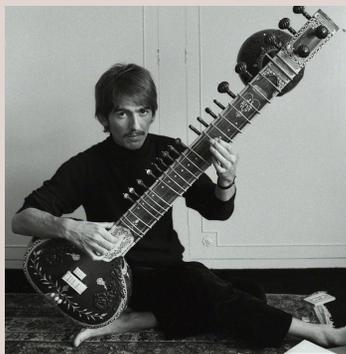
CADERNOS DE VIAGEM

Relíquia no sudeste asiático

22

O BEATLE QUIETO

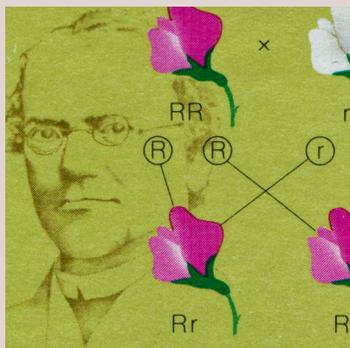
Aprendizagem de George



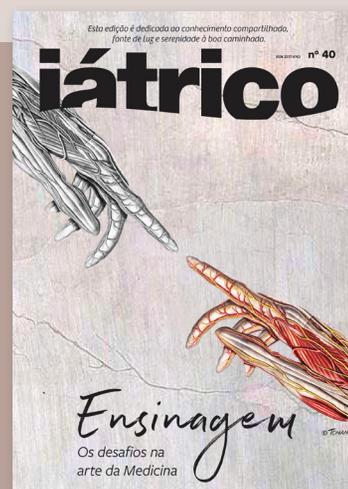
52

O PAI DA GENÉTICA

O bicentenário de Mendel



A CAPA | Autoria do artista médico Rodrigo Tonan, cujas obras ilustram parte desta edição. Não por acaso, é inspirada na icônica *A Criação de Adão*, afresco integrante do conjunto de pinturas do teto da Capela Sistina, onde Michelangelo representou várias cenas bíblicas e figuras proféticas. O acervo foi constituído entre os anos de 1508 e 1510, a pedido do papa Júlio II. A arte original de Tonan foi adaptada para o formato horizontal da capa da revista. Segue o que ocorreu com a pintura do artista italiano, levado a corrigir o detalhe do dedo indicador da mão esquerda de Adão estar encostado no dedo indicador direito de Deus. Michelangelo dobrou uma das falanges do dedo indicador de Adão para simbolizar que a escolha de se aproximar de Deus é do homem, conferindo-lhe, assim, o livre arbítrio. No contraste de Tonan, a concepção de ensinagem. Aqui, também, “o dedo de Deus”. 





"The school exam", óleo sobre tela, 1862, suíço Samuel Albrecht Anker (1831-1910).

O que aprendi como presidente do CRM-PR

DR. ROBERTO ISSAMU YOSIDA

"O homem nasceu para aprender, apreender tanto quanto a vida lhe permita".

GUIMARÃES ROSA

Quando o aluno alcança lugares inimagináveis aos seus mestres, a missão do ensino foi cumprida com êxito. É meu sentimento em meio às turbulências pandêmicas, e ainda por cumprir o caminho que resta e que certamente não terminará no tempo, que caminharei com antigos mestres e novos discípulos.

Assim é na Medicina e na vida. O aprendizado a cada desafio e a cada memória gravada.

Cada momento vivenciado traz em si um aprendizado. Fazer desse aprendizado o combustível para impulsionar nosso entusiasmo é a magia que se traduz na sede de sempre aprender. E assim fazemos de velhos ensinamentos a perenidade da sabedoria que transcende os dias que passamos. O ensinamento é para sempre e somos todos professores de alguém. Seja por uma palavra, um gesto, um exemplo, um olhar, um suspiro.

A presidência de um CRM traz consigo aprendizados de uma vida inteira. Com professores de todas as diversidades e cores. Por outro lado, permite o ensino robustecido pelas situações inéditas associadas ao experimento.

Preparar alunos para superar seus mestres exige determinação e visão. Somente alunos que superaram seus mestres tornam o mundo melhor.

Grato aos meus mestres e aos meus alunos! **📌**

Confira as edições anteriores do *látrico* no Portal do CRM-PR.



IÁTRICO

Publicação do Conselho Regional de Medicina do Paraná
Edição nº 40 – segundo semestre de 2021.

Editor-fundador: Dr. João Manuel Cardoso Martins (*in memoriam*)

Coordenador do Conselho Editorial: Dr. Roberto Issamu Yosida

Jornalista-editor: Hernani Vieira (Sindijor 816)

Jornalistas assistentes: Bruna Bertoli Diegoli e Nivea Miyakawa

Assistente de comunicação: Flavio S. Kuzuoka

Projeto gráfico e diagramação: Victória Romano

Revisão: Rômulo Cunha

Ilustrações especiais: Rodrigo Tonan

Edição exclusivamente digital.

COLABORE COM O IÁTRICO

Envie comentários, sugestões ou críticas para que possamos melhorar o conteúdo da revista. Artigos, crônicas, poesias, charges e cartuns serão bem-vindos para submissão à Comissão Editorial para publicação.

Nossa revista agora tem edição exclusivamente digital, atendendo a questões ambientais, praticidade e economicidade.

iatrico@crmpr.org.br

www.crmpr.org.br (publicações)

(41) 3240-4026 / 3240-4066

CONSELHO EDITORIAL

Roberto Issamu Yosida (CRM-PR 10.063)

Presidente do CRM-PR e Coordenador do Conselho Editorial da Revista. Especialista em Ginecologia e Obstetrícia.

Wilmar Mendonça Guimarães (CRM-PR 3.711)

Vice-presidente do CRM-PR. Pediatra, já presidiu o CRM-PR e Sociedade Paranaense de Pediatria.

Cecília Neves de Vasconcelos (CRM-PR 19.517)

Conselheira, coordenadora da Câmara Técnica de Cuidados Paliativos e gestora do Programa de Educação Médica Continuada do CRM-PR. Especialista em Clínica Médica e Hematologia e Hemoterapia.

Laura Moeller (CRM-PR 17.264)

Conselheira do CRM-PR e 1ª gestora do Departamento de Inscrição e Qualificação Profissional (DEIQP). Especialista em Clínica Médica e Reumatologia. Mestre em Medicina Interna.

José Clemente Linhares (CRM-PR 10.099)

Conselheiro do CRM-PR e coordenador das Câmaras Técnicas de Mastologia e de Cancerologia. Especialista em Oncologia e Mastologia, mestre em Cirurgia.

Paulo Roberto Cruz Marqueti (CRM-PR 5.171)

Especialista em Cardiologia e Medicina Intensiva e Mestre em Cardiologia. Médico intensivista do Hospital de Clínicas/UFPR, professor do Departamento de Clínica Médica e chefe da especialidade de Cardiologia.

José Eduardo de Siqueira (CRM-PR 2.732)

Especialista em Cardiologia. Professor do Curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Paraná/Campus Londrina. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Bioética e conselheiro do CRM-PR. É membro titular da Academia Paranaense de Medicina.

Carlos Augusto Sperandio Junior (CRM-PR 19.295)

Especialista em Clínica Médica, Geriatria e Medicina da Família e Comunidade. Integra a Câmara Técnica de Cuidados Paliativos do CRM-PR.

Valderílio Feijó Azevedo (CRM-PR 12.199)

Especialista em Clínica Médica e Reumatologia. Mestre em Medicina Interna e Doutorado em Ciências da Saúde. Professor adjunto da Universidade Federal do Paraná e chefe do Serviço de Reumatologia do HC. Foi diretor da Associação Brasileira de Medicina e Arte (ABMA).

Isaias Dichi (CRM-PR 7.529)

Especialista em Clínica Médica. Mestre e doutor em Fisiopatologia e Clínica Médica, é professor da Universidade Estadual de Londrina e revisor ou membro editorial de várias publicações científicas internacionais.

Renato Mikio Moriya (CRM-PR 8.254)

Especialista em Pediatria e Medicina do Adolescente. Mestre e doutorando em Ciências da Saúde da UEL. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero (Unesp/Assis).

Hernani Vieira

Jornalista integrante do Departamento de Comunicação do CRM-PR. Editor da revista Iátrico.

COLABORADORES

Cezar Zillig (CRM-PR 3.636 e CRM-SC 2.125)

Especialista em Neurologia e Neurocirurgia. Reside em Blumenau (SC). Membro emérito da Academia de Medicina de Santa Catarina. Escritor, autor de livros como "Reflexos", "De ventos e brisas" e "Fritz Müller, meu irmão".

Clodomiro José Bannwart Júnior (OAB-PR 80.462)

Graduado em Filosofia e Direito. Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Filosofia. É professor de Ética e Filosofia da UEL e autor de livros como "Direito e Teoria Crítica" e "Filosofia do Direito". Membro da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina.

Fernanda Nicz

Escritora. Estudou cinema e jornalismo e atualmente reside em Portugal.

Jaqueline Doring Rodrigues (CRM-PR 35.825)

Especialista em Clínica Médica e Geriatria. Tem especialização em Cuidados Paliativos. É presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames-PR).

Jan Pawel Andrade Pachnicki (CRM-PR 21.992)

Especialista em Mastologia, Ginecologia e Obstetrícia. Mestre e doutor em Cirurgia. Presidiu a Sogipa. É professor da UFPR, UP, PUCPR e Evangélica Mackenzie. É conselheiro do CRM-PR.

José Knopholz (CRM-PR 19.193)

Especialista em Clínica Médica e Cardiologia, mestre em Ciências da Saúde e doutor em Medicina Interna. Professor de Cardiologia e Urgências da PUCPR, onde é também coordenador do Curso de Medicina. É conselheiro e 2º-corredor do CRM-PR.

Luiz Ernesto Pujol (CRM-PR 3.856)

Especialista em Pediatria, ex-presidente e atual conselheiro, secretário-geral e coordenador da Câmara Técnica de Pediatria do CRM-PR.

Maria Ofélia Camorim Fatuch (CRM-PR 10.589)

Especialista em Pediatria e Alergia e Imunologia, Mestre em Pediatria/Doenças Respiratórias pela UFPR e integrante da Sobrames-PR.

Maurício de Carvalho (CRM-PR 9.469)

Especialista em Clínica Médica e Nefrologia. Mestre e Doutor em Medicina Interna, professor da UFPR e PUCPR e ex-chefe do Departamento de Clínica Médica da Federal do Paraná.

Pedro Juan Furtado Neves

Aluno da Escola de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

Pedro Bruno Costa Murara (CRM-PR 34.770)

Especialista em Medicina do Esporte e do Exercício. Mestrando do Departamento de Medicina Translacional da Universidade Federal de São Paulo.

Úrsula Bueno do Prado Guirro (CRM-PR 25.634)

Especialista em Anestesiologia, com área de atuação em cuidados paliativos. Mestre, doutora e pós-doutora em Bioética. É professora adjunta do curso de Medicina da UFPR. É conselheira do CRM-PR.

Varlei Antonio Serratto (CRM-PR 16.900)

Médico especialista em Clínica Médica e Reumatologia.

Vera Lúcia de Oliveira e Silva (CRM-PR 6.529)

Especialista em Clínica Médica.

Victória Ampessan Damas (CRM-PR 44.384)

Formada pelas Faculdades Pequeno Príncipe (2020). Coordenadora-geral do Centro Acadêmico de Medicina Maria Estrella (CAMME) na gestão 2016-2017.

Wael de Oliveira

Psicóloga, especialista em Psicologia Clínica, Psicologia Hospitalar e Fundamentos Filosóficos da Psicologia. Mestre em História. Pesquisadora do Núcleo de Direito e Psicanálise da UFPR.

ENSINAGEM: A IMPORTÂNCIA NA PRÁTICA E NO ENSINO MÉDICO

DR. VALDERILIO FEIJÓ AZEVEDO

“O objetivo da educação é aprender e não ensinar.”

(RUSSEL L. ACKOFF E DANIEL GREENBERG. FRASE DO LIVRO *TURNING LEARNING RIGHT SIDE UP*)

Muitos se perguntam: o que é a ensinagem? Essa palavra existe na língua portuguesa? Ensinagem é, resumidamente, o processo pelo qual se dá a aprendizagem. E o que temos nesta edição da revista *Iátrico* para dar-lhe este título? Antes de responder a estas questões é preciso enfatizar que vivemos em um período difícil, desafiador, quase dois anos de uma grande pandemia que ceifou milhares de vidas em nosso planeta.

Aprendemos a duras penas a entender o processo pelo qual ocorre a transmissão do novo coronavírus, reaprendemos medidas de prevenção de grandes pandemias, o uso de máscaras, o isolamento social, a importância da antisepsia, da cobertura vacinal e discutimos muito, muito, as terapias contra a Covid-19.

A ciência moderna foi exigida ao extremo para o equilíbrio da sociedade e para a manutenção da saúde humana. Gestores enfrentaram crises em diversos setores essenciais do desenvolvimento humano. Enfim, vivemos quase dois anos de grandes aprendizados, de maior valorização da vida, da comunicação e da solidariedade humana em todas as culturas existentes. Com este real cenário como pano de fundo, vamos situar o processo de ensinagem.

O verbo ensinar surge do latim *insignare*, o que significa marcar com um sinal; sinal de vida, de busca de um despertar para o conhecimento. Outrossim, o processo de ensinar não é unidimensional, pois contém em si pelo menos duas dimensões: a intenção de ensinar e a efetivação dessa meta pretendida. Dessa forma, se um mestre explica um conteúdo e o seu discípulo não se apropria dele, será que podemos dizer que houve ensino ou que apenas se cumpriu uma parte do processo?

O termo ensinagem (ensino/aprendizagem) é usado para definir uma prática social complexa que se dá entre professores e alunos, contendo em si tanto a ação de ensinar quanto a de aprender, em um casamento, uma

parceria deliberada, consciente, visando o enfrentamento na construção do conhecimento humano. Por outro lado, há uma via e dois sentidos incluída no processo de ensinagem, pois quem ensina pode também, ao mesmo tempo, aprender e quem aprende de forma correta também pode ensinar!

No núcleo da sociedade humana esse processo é uma prática constante, especialmente nos tempos modernos, tempos dinâmicos, plenos de ambientes virtuais da informática: pais ensinam e também aprendem com seus filhos.

Na Medicina, a transmissão de conhecimentos surgiu de forma extremamente artesanal, informal, com os primeiros médicos do mundo antigo, especialmente nas civilizações asiáticas e greco-romana. O médico transmitia seu conhecimento aos seus aprendizes, de forma artística, pois não havia uma ciência nos modelos que a entendemos atualmente. A Medicina só se apropria de conhecimentos científicos, além daqueles artísticos e artesanais, muitos séculos depois de sua origem.

Atualmente, o médico permanece sendo um importante agente social, um verdadeiro professor, pois além de tratar seu paciente, pode ensiná-lo a conhecer melhor sua enfermidade, ajudando-o a criar uma conscientização importante para o enfrentamento do seu processo de adoecimento. Por fim, o médico também aprende com seus pacientes. A ensinagem está embutida na prática médica. Um médico se torna melhor na sua prática quando, de súbito, percebe seu aprendizado nela e usa a ensinagem a seu favor e de seu paciente.

Admite seu paciente como um parceiro, assim como o professor com seu aluno compartilham dessa parceira. Simplesmente porque sem parceria não ocorre a ensinagem. “Muitas vezes ensino, mas sempre aprendo”. Que seja esse nosso lema para um mundo de transformações e esperanças que busca ressurgir de recentes dificuldades. **■**

Hora de educar

DR. JOSÉ KNOPFHOLZ

Qual é a diferença entre treinar, instruir e educar? A palavra “treinar” remete a uma proficiência relacionada a uma habilidade específica, geralmente associada a uma tarefa bem definida. “Instruir” leva à concepção de trazer conhecimentos, aumentando o cabedal de informações para que o instruído seja mais assertivo em um diagnóstico ou atividade. Finalmente vem o “educar”, que transcende o “treinar” e o “instruir”, trazendo a dimensão humana do “saber-ser”, com o “saber” e o “saber-fazer”. Entretanto, isso ainda seria insuficiente não fosse o agente do educar, o educador, um eterno incendiário. Sim! Uma antiga frase diz que educar não é “encher um balde”, mas sim “acender uma chama”.

“Conhecimento” se transmite, mas hoje em dia se encontra facilmente nas diversas e abundantes fontes escritas e digitais. “Habilidades” se treinam, mediadas por métodos poderosos, como a simulação clínica, e avaliadas pelas mais diversas ferramentas criadas para esse fim. “Atitudes”, entretanto, são as mais difíceis. Passam por uma íntima reflexão e dependem de aspectos tão pessoais que podem parecer intransponíveis. Na concepção de vários professores, “vêm de berço”.

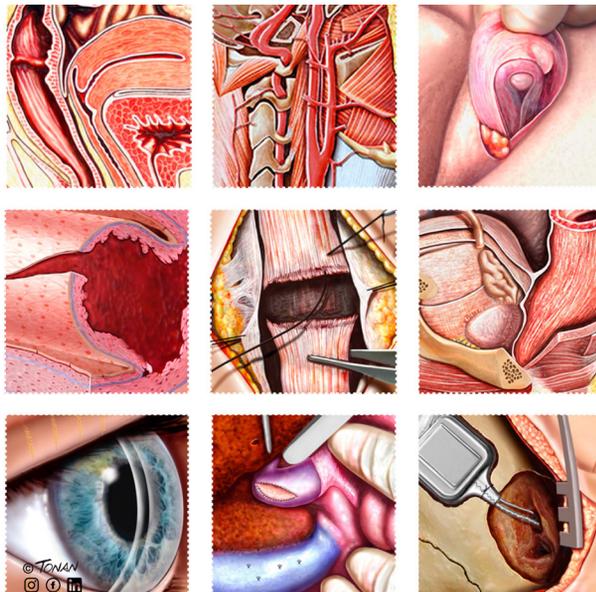
É aí que o “educador” aparece. No momento inflexivo da dor, da decisão difícil, da lágrima nos olhos, do olhar tri-

ádico do paciente, do educando e do educador. Não é com a página do livro, mas sim com o intangível que se constrói esse momento em que por tantas vezes os personagens trocam seus papéis numa elevação uníssona. Mestre e aprendiz se misturam, mas mantêm-se o modelo, o exemplo, a experiência e a postura.

Estamos precisando de mais educadores e menos instrutores. Aqueles que sabem que marcarão para sempre a vida de seus alunos, deixando um pouco de si em cada um de seus pacientes. Faz-se um educador não pelas certezas, mas pela humildade de reconhecer as incertezas; não somente pelas palavras, mas também pelos gestos simples; não somente pela didática, mas, também, principalmente, pelo toque sereno da alma.

Treinar é executar uma importante – mas limitada – missão de reproduzir; instruir é perpetuar o que se sabe; mas educar é mover-se para a imortalidade. Como diria Drummond, de “tudo fica um pouco. Fica um pouco do teu queixo no queixo de tua filha”. **❶**

ESTAMOS PRECISANDO DE
MAIS EDUCADORES E MENOS
INSTRUTORES. AQUELES QUE
SABEM QUE MARCARÃO PARA
SEMPRE A VIDA DE SEUS ALUNOS,
DEIXANDO UM POUCO DE SI EM
CADA UM DE SEUS PACIENTES.



MÉDICO MANDALORIAN X MÉDICO JEDI

DR. CARLOS AUGUSTO SPERANDIO JUNIOR

(Atenção! Contém “spoiler” tanto da série The Mandalorian quanto do seu futuro como médico!)

Como nasce um médico? Comum durante a faculdade, a pergunta incita profunda reflexão. Afinal, por que fizemos Medicina? Influência de familiares, caso de mandante em familiar próximo, possibilidade de carreira promissora, independência financeira ou, simplesmente, vocação? As motivações, variadas, juntam jovens de idade semelhante nos bancos da faculdade. Seis anos depois, poderíamos ser novamente avaliados conforme nossa – digamos – “performance”?

Fiquei profundamente envolvido durante o curto e necessário período de descanso na última semana de 2020 com o seriado *The Mandalorian*, da Disney+. Não há como não se envolver com um guerreiro solitário, extremamente habilitado na sua arte de guerrear (especialista!), utilizando de ferramentas que o auxiliam (propedêutica e terapêutica armadas!), servindo a um propósito para sobreviver (SUS ou operadoras de saúde!). Sim, durante os primeiros 15 episódios dos 16 disponíveis, a contratransferência impressiona. Ainda mais quando nos percebemos cuidando do *baby Yoda*. Fazer algo bem-feito, lutando contra entidades, defendendo alguém fragilizado e usando a tecnologia a seu favor. Qualquer médico diria: esse cara sou eu!

Finalmente chegamos ao último e derradeiro episódio. O modo *Jedi* de viver e encarar os problemas encanta o fã de *Star Wars*, mas cutuca o espectador médico até então trajado com o *Beskar* da melhor qualidade. Sabe-se que nem todos os colegas entendem que a **Força** é muito mais do que mover as coisas telecineticamente. Dr. João Manuel, nosso grande mentor, escreveu algumas vezes aqui neste *látrico* sobre o poder do médico como ferramenta terapêutica. Esse é o nosso poder psiônico.

Os médicos *Mandalorian* talvez sejam a maioria. Extremamente capacitados, são estudiosos da Medicina. No entanto, não valorizam o médico (eles mesmos!) como uma variável positiva da equação. Não são menores ou menos ca-



pacitados. Muitos, inclusive, conseguem posições de extremo destaque e sucesso profissional. Não os chame, porém, para discutir a **Força**. Para eles é quase um charlatanismo!

“Doutor, só de ver o senhor já me sinto melhor”. Essa frase resume o poder dos médicos *Jedi*. Eles entendem estar em meio a um conjunto de forças imensuráveis e invisíveis. Nem todos utilizam esse conhecimento para o bem, embora isso ocorra em todos os setores de atividade profissional. Os médicos que conseguem ler além do óbvio podem – mal-intencionalmente – ludibriar pessoas com curas inexistentes e interesses comerciais obscuros.

Do lado bom da **Força**, tem-se aqueles que a utilizam para somar aos conhecimentos clássicos em busca do entendimento pleno. Afinal, os organismos humanos são mais do que conjuntos de células agrupados em tecidos, órgãos e sistemas. Há padrões de energia, comportamentos e reações que extrapolam a compreensão do óbvio.

Como se tornar um bom médico *Jedi*? O caminho passa por um treinamento *mandaloriano*. Somado ao olhar de *thundera*, ao humor *montypythoniano* e o interesse puro no melhor ao próximo de um *designated survivor*. Não esquecer que a maioria dos bons médicos são excelentes pessoas; e somente os excelentes médicos podem evoluir.

As respostas não estão em um único livro. Tão somente em uma única maneira de reter conhecimento. É necessário conexão com a **Força**. Não se assustem, pequenos gafanhotos, o aprendizado é constante para aqueles que se deixam ensinar. *May the Force be with you.* ⓘ

Sapere Aude!

DRA. JAQUELINE DORING RODRIGUES

Utiliza-se a palavra educação para referir-se ao processo pedagógico vigente. Entender esse significado facilita a compreensão desse rico construto humano que é a educação. E, se ensinar é sempre ensinar a viver, “aprender”

deveria ser obrigatoriamente um verbo transitivo direto de seu complemento “vida”. Por conseguinte, se a transmissão oral e a escrita se dão por meio das palavras e as palavras codificam experiências e símbolos de símbolos, os sintomas podem ser entendidos como uma forma de comunicação do nosso corpo com nossa mente. Assim, se a vida encarrega-se de ensinar a viver, há de haver um rico propósito até mesmo no processo saúde-doença.

Etimologicamente, a palavra educação vem do latim *educare*, que deriva de *educere*, a qual contém a ideia de eduzir, conduzir, trazer para fora. Para tanto, o processo pedagógico teria como sentido original retirar de dentro, transmitir. Nesse sentido, pode-se compreender como um método de ensino para formação de instrução. Ensino vem do latim *insignare*, derivado de *insignire*, que significa indicar, marcar com um sinal. Ainda, a palavra formação, do latim *formare*, verbo que remete ao substantivo *forma*, ou seja, molde; a tradução latina *forma* do grego deriva por sua vez de *eidos*, ligado a ideia. Podendo a palavra “formar” evocar num sentido mais nobre o processo de aflorar o conhecimento; num conceito platônico: concretizar algo do plano das ideias. Já a palavra “instruir”, do latim *instruere*, vindo de uma raiz indo-europeia (*str*), que significa “semear”, “lançar grãos ao solo”.

Pode-se inferir que instruir em conjunto seja um “construir”, semear no coletivo. Ou seja, unindo as quatro palavras – educar, ensinar, formar e instruir –, temos que a educação nada mais é do que um trazer para fora a essência de uma ideia para uma semeadura em conjunto, ou seja, uma construção do conhecimento. Conclui-se que estamos sempre aprendendo e sempre ensinando durante toda a nossa vida. Nesse sentido, um bom professor é aquele que tem uma profunda convicção da utili-



"A criação de Adão", de Michelângelo

dade prática daquilo que ele ensina.

É através da linguagem que uma sociedade se constrói. Ela retrata a compreensão de um povo acerca do mundo. E suas palavras traduzem acima de tudo o que há de incomunicável de um tempo.

Assim, sensações, emoções, sentimentos, sons e gestos são sintetizados, limitados nela. Pode ser considerada um fenômeno ideológico por excelência. Um material que se pode veicular as ideias de um corpo. Assim, poder-se-á considerar que nela enseja a verdade. Partindo disso, pensando no corpo humano como um grande alfabeto, os sinais e sintomas são como as palavras que compõem um símbolo. E cabe a nós desvendarmos esse mistério. Se eu não sei o significado de uma palavra, posso substituí-la ou buscar esse conceito, mas ela não irá deixar de existir se eu simplesmente excluí-la do dicionário. Da mesma forma, não se exclui nada da vida. Tenta-se, assim fazer, quando se foge de uma situação que se apresenta com sofrimento ou dor, ao invés de refletir sobre o que esse “problema” está tentando dizer. Não há arbitrariedade nas leis da natureza.

E se tudo se resume a aprender a viver, como fazer isso? A vida ensina de forma direta através, acima de tudo, da convivência. Ensina através das dificuldades, dos problemas, das dores, das doenças e da morte. Questões estas as quais se teme falar, sentir e muitas vezes experimentar. Teme-se viver. E aprender a viver leva à liberdade. Então, ousar dizer que, sem saber, a sociedade contemporânea é escrava de si mesma. E assim sofre por ignorância às leis da natureza. O caminho que conduz à liberdade é o cumprimento dessas leis. A maioria das pessoas tenta alcançar essa liberdade através da arbitrariedade – o que está fadado ao fracasso –, já que se exclui justamente a linguagem simbólica da vida. Seria como saquear as antigas escrituras de um povo; gera um esquecimento de quem se é. O sofrimento seria o atritar do homem a essas leis esquecidas. Para tanto, cumprir essa ordem significaria conhecer-se a si mesmo, conhecer as leis do universo,

“A FALTA DE MORAL LEVA À AUSÊNCIA DE DECISÃO, DE PERDÃO E DE DISCERNIMENTO, ACIONANDO UMA CARGA EMOCIONAL NOCIVA À SAÚDE COMO UM TODO.”

para assim poder viver em harmonia e, mais do que isso, reconhecer essas leis como perfeitas e subordinar-se a elas (através da não resistência ao processo pedagógico de formação moral).

Essa formação moral, para os filósofos clássicos, era chamada de filosofia moral. Consiste numa prática para conhecer e vivenciar as leis da natureza. Quanto mais filosofia moral, mais saúde as pessoas tinham. Isso, porque ela ensina o caminho da responsabilidade. Traz o protagonismo do homem – e, assim, a liberdade – ao viver com coerência, ao liberar-se da culpa e ao agir com discernimento. Portanto, era considerada a melhor medicina. Afinal, tratava de dar as ferramentas ao homem para ele superar os seus desafios, para não mais ser escravo de seus instintos, de suas emoções não dominadas e das manobras de manipulações externas.

A filosofia moral refina as nossas lentes da vida, as chamadas crenças, captadas pelos nossos sentidos. Uma forma de dar os verdadeiros pesos e medidas aos fatos, sem fantasias, suposições, ofensas ou culpas. Esse movimento faz com que a leitura do mundo seja mais clara, com que o sentido das vivências, por mais adversas, seja positivo. Assim, menos traumas e mais paz mental. A falta desta moral leva à ausência de decisão, de perdão e de discernimento, acionando uma carga emocional nociva à saúde como um todo.

Mas se a vida ensina a viver, o que a doença está tentando ensinar para o paciente? A palavra curar, do latim *curare*, no seu sentido primitivo, remetia a “cuidado”, “atenção”, “diligência”, “zele”. Sendo assim, curar poderia significar dar a atenção a algo, compreender e libertar uma informação. Se toda a doença traz um significado, ela poderia ser considerada uma parceira no árduo caminho da evolução. Se o corpo é o *habitat* da alma, estar doente seria como ter se afastado de uma certa ordem, não estar mais dentro da lei. Este estado manifestar-se-ia através dos sinais e sintomas. Considera-se, assim, um equívoco a metáfora da luta contra a doença, pois isso gera uma resistência e não a sua aceitação. Como citava o imperador Marco Aurélio: “O que pode acontecer ao boi que não seja próprio do boi ou à abelha que não seja próprio da abelha, e ao homem que não seja próprio do homem?”

Somente mais tarde o significado de curar foi atribuído ao restabelecimento da saúde do enfermo, um tornar-se inteiro novamente. Nessa linha de raciocínio, isso só

poderia acontecer se ele integrar o aspecto que lhe falta e para isso precisa entender simbolicamente os sintomas e as doenças. Ainda, lembrando que saúde é considerado um bem-estar, físico, mental, social e espiritual, podemos inferir que talvez a tão buscada cura pode encontrar-se em outros campos, não apenas no aspecto físico.

Nesse processo pedagógico da vida, quando saímos de sua rota, ela, sutilmente ou não, tenta nos colocar de volta. E por que temos tanto medo disso? Porque precisa-se sair da comodidade, porque exige esforço, perdão, superação e, acima de tudo, exige amor. Então, se educar é trazer aquilo que se tem de melhor e a vida está num constante ensinar, infere-se que a dor, a velhice, a doença e a morte podem ser o que de melhor a vida tem para oferecer em determinadas circunstâncias para o crescimento de um ser. Isso não significa que se deve acomodar. Se considerarmos que o homem moderno existe há centenas de milhares de anos e que se tem registro de história oral e escrita de alguns milhares de anos, melhor ainda se puder aprender com aqueles que passaram pelas experiências, já refletiram e deixaram um legado de sabedoria. Ou seja, aceitar, sem lamentação, sem dramatizar os fatos ou culpar. É melhor fazer uma escolha e errar do que não tentar. A dúvida é cúmplice do medo e paralisa. E, conforme a tradição filosófica, a vida é movimento, movimento para dentro e para cima.

Um professor, sobretudo, é um grande aprendiz e está em constante processo de se autoeducar. A vida com seus processos proporciona a verdadeira cura, uma vez que agrega e tem uma tendência à unidade quando se seguem suas leis. Essas leis são próprias de uma ciência da arte de viver, mais do que isso, da arte de curar através da vida. Isso, porque se busca um estado de consciência mais do que um adestramento social, mais do que um acúmulo de bens e de informação.

Portanto, um professor é um construtor da arte de viver. E, quando sua forma de vida representa a ideia do que se é, expressa uma realidade que está dentro dele, torna-se autêntico e verdadeiro e, naturalmente, instrui os demais. Nisso, firma-se um código de ética que deve estar por trás de cada ofício, seja ele qual for. É como construir um lar: um local acolhedor para que as pessoas tenham um ambiente de paz, de serenidade para desenvolverem o seu melhor. O lar da educação é a vida e é feito, todo ele, de puro amor à sabedoria. *Sapere aude!* **❶**

O exercício da Medicina na sociedade do desempenho

DR. JOSÉ EDUARDO DE SIQUEIRA

Vivemos em tempo de Olimpíadas e a cobrança do mais perfeito desempenho feita pela sociedade e autoimposta pelos próprios atletas atinge níveis surreais, para não dizer desumanos. Esperava-se em 2021 melhor *performance* de Simone Biles, ginasta norte-americana, ganhadora de quatro medalhas de ouro na versão anterior dos jogos. O mundo todo se surpreendeu ao assistir àquele frágil ser humano afirmar que desistia de participar das demais provas e declarar com a voz embargada: “Preciso me concentrar no meu bem-estar, há vida além da ginástica”.

As palavras de Simone nos dão conta da cruel realidade de que vivemos e quão acertados são os ensinamentos do filósofo teuto-coreano Byung-Chul Han em sua obra *Sociedade do Cansaço*. Nela, o autor argumenta que a sociedade disciplinar descrita por Foucault nas obras *Microfísica do Poder* e *Vigiar e Punir* já não mais representa o modelo de convivência social na hipermodernidade. Segundo ele, a cobrança exercida “de fora para dentro”, do modelo foucaultiano, foi substituída pela autocobrança. Para atender às expectativas de alto desempenho exigido pela sociedade, as pessoas passaram a competir consigo mesmas. Segundo Han, as pessoas não mais figuram como “sujeitos de obediência” descritos por Foucault, mas como “sujeitos de desempenho”.

Todos aqueles que militam como docentes na área do ensino médico já se confrontaram com situações de extremo sofrimento e até mesmo de estados depressivos de estudantes que, por não terem obtido notas satisfatórias em provas parciais de alguma disciplina, foram obrigados a realizar o exame final para que pudessem ser promovidos para o período seguinte do curso. Reconhecendo-se inferiores aos demais colegas de turma, passaram a fazer uso de drogas antidepressivas ou outros tipos de estimulantes, as “smart pills”, substâncias que prome-

tem melhorar as funções cognitivas humanas.

Não se pretende discutir, neste breve ensaio, os benefícios à saúde mental humana proporcionados por novas drogas que resultaram de pesquisas clínicas conduzidas com rigor científico e passaram a figurar no portfólio do mais elevado nível da medicina baseada em evidências. Não, o que se discute é sobre a pertinência do uso de fármacos que prometem o imponderável “melhoramento” de habilidades naturais, próprias da condição humana.

O depoimento de Simone nos obriga a refletir sobre o mantra olímpico “faster, stronger and fast” e nos impõe a complexa questão: “A biologia humana deve/pode ser passível de manipulação em busca de atingir o estado de ‘alta performance’, desconsiderando o conceito de saúde estabelecido pela OMS há mais de 70 anos?”

Seria ocioso discutir a utilização do “dopping” nos esportes olímpicos. Basta, para tanto, considerar a atual punição imposta pelo Comitê Olímpico à Rússia, o que obrigou os atletas daquele país a se apresentarem sob o manto de outra bandeira que não a de seu país de origem.

Mesmo que futuras pesquisas consigam produzir drogas ou “devices” capazes de melhorar o desempenho humano, como prometem os defensores do transumanismo, persistirá a questão ética relativa ao fato de que nos será imposta sobre a moralidade de aceitarmos conviver com dois tipos de seres humanos, os artificialmente “melhorados” e os “normais”, representantes atuais da família “homo sapiens sapiens”.

A história recente da humanidade mostrou as consequências desastrosas da institucionalização de regimes políticos totalitários, que se utilizando de práticas eugênicas por meio do descarte dos “menos dotados” e selecionando os “melhores dotados” imaginavam construir a “sociedade perfeita”. Será razoável imaginar que no curso do século XXI, marcado por uma desigualdade social escandaloso-

O SENTIMENTO DE FRUSTRAÇÃO COM A PROFISSÃO TEM EFEITOS NEGATIVOS NA QUALIDADE DE VIDA DOS MÉDICOS.

sa, seríamos tentados a reeditar a tese da pureza racial e convivermos com duas categorias de seres humanos?

Retornando ao ambiente acadêmico, considerando, sobretudo, os cursos da área da saúde, vários autores têm relatado o uso de drogas que comprovadamente podem induzir à dependência física e psíquica e são consumidas por estudantes, como é o caso do cloridrato de metilfenidato, vendido com o nome comercial de Ritalina. Segundo Affonso e cols., em pesquisa realizada na Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB), 57% dos estudantes de biomedicina, enfermagem, farmácia e nutrição declararam ter usado com regularidade metilfenidato para melhorar seus desempenhos acadêmicos. E o fizeram sem orientação médica, valendo-se tão somente de sugestões de amigos ou em busca de informações oriundas de sites da internet.

No caso dos estudantes de Medicina, existem outros fatores agravantes, como, por exemplo, a necessidade de dedicação integral em um curso de graduação que, embora contando com carga horária total em média de 10.000 horas, não pode ser considerado terminativo, já que necessitarão dar continuidade a seus estudos em programas de residência médica, com duração nunca inferior a três anos, para obterem o certificado de especialista em alguma área mais restrita do conhecimento médico. Igualmente dramático é o fato de que, ao final desse enorme percurso, eles ainda nutram a expectativa de que exercerão a Medicina como arte e poderão desfrutar de uma vida profissional digna.

O Portal PEBMED publicou, em 2020, matéria sobre o Dia da Saúde Mental, comemorado em 10 de outubro. No material, relata que a depressão e a “Síndrome de Burnout” constituem os tipos mais recorrentes de transtornos mentais, com maior incidência entre os médicos. O Portal faz referência à pesquisa *The Truth About Doctors*, realizada pela agência McCann Health, em 2017, que revelou que a frustração é uma das palavras mais relacionadas à prática médica ao redor do mundo e que, na percepção

dos egressos do curso médico, a realidade da profissão mostrou-se muito aquém das expectativas que os motivaram a estudar Medicina e que estiveram presentes nos primeiros anos do curso.

Ao final dessa longa jornada, as variáveis que mais contribuem para a frustração dos médicos brasileiros podem ser assim resumidas: a) o exercício da Medicina na esfera de saúde pública caracteriza-se por exigir o máximo empenho do profissional em atender o maior número possível de pacientes, não importando a qualidade, pois o que realmente interessa ao gestor público é a quantidade de atendimentos prestados como elemento de comprovação da eficiência dos serviços prestados à população; b) os planos de saúde privados seguem roteiro similar, com valores pífios destinados aos honorários por consultas combinados com a obrigação do médico em prestar atendimento ao maior número de pessoas com o menor número de pedidos de exames para complementação diagnóstica.

Das primeiras lições deixadas pelo aforismo hipocrático “onde houver amor pela arte da Medicina, também haverá amor pela humanidade”, nada resta senão a obrigação do desempenho em atender mais e mais pessoas, sem que se possa praticar a Medicina como arte para acolher seres humanos biográficos que sofrem nas esferas biológicas, psicossociais e espirituais. Segundo a pesquisa da McCann, o sentimento de frustração com a profissão tem efeitos negativos na qualidade de vida dos médicos. Ao todo, 66% dos entrevistados relataram problemas de sono. No Brasil, foram 72%.

Considerando atentamente o depoimento da jovem Simone Biles e os ensinamentos do filósofo Byung-Chul Han, é chegada a hora de repensarmos o modelo de sociedade que desejamos legar para nossos filhos: aquele que leve em conta a preservação da saúde física e mental de todos os membros da família humana ou insistir no atual modelo obcecado pelo desempenho a qualquer custo? Vida saudável ou autofágica? **!**

“O que pode ser afirmado sem provas pode ser rejeitado sem provas.”

CHRISTOPHER HITCHENS (1949-2011)

Aforismo

Todo médico pesquisador ou clínico tende ao ceticismo. Aliás, precisa ser cético. Ao contrário do que se imagina, cético não é o que não acredita, é o que busca – embora com rigor e medida – a evidência das coisas. E a busca é o início da fé. Mesmo em pesquisa. O melhor do médico não está no que diz, sempre suscetível a erros ou más interpretações, mas no que faz. E no que fica.



A Travessia, de Hans Dahl (1849-1937), pintor norueguês.

Tempo de travessia

DR. JOSÉ KNOPFHOLZ

É tempo de travessia. Entre tantas caminhadas ímpares que a vida vêm impondo, uma delas merece um destaque pela inventividade e impacto sem precedentes: a educação universitária.

É tempo de educar para a razão com o coração. Ensinar sempre foi uma missão igualmente técnica e missionária. Como um último sopro, o educador vocacionado sempre entrou em campo certo de que se eterniza em um aprendizado constante no ciclo de energias que se constrói na ímpar relação professor-aluno. Entretanto, ensinar em tempos de Covid parece reforçar o conhecido paradigma de que saber perguntar pode valer mais do que trazer dezenas de respostas cujas certezas podem se esvaír em segundos.

Sim! É tempo de certeza das incertezas e, por outro lado, é tempo de certeza da nossa única certeza. Exercitar a humildade e a humanidade nunca foi tão necessário em um sistema educacional que precisa ser mais pessoal, que nunca por detrás das telas dos computadores, e mais assertivo que sempre ao exercitar o criticismo construtivo e a humanidade acolhedora. Se já era um desafio a construção de habilidades referenciadas por um misto de tecnicismo e emoção, a tendência do ensinar além do livro paradoxalmente nunca esteve tão forte.

É tempo de transmitir o que não sabemos e o que precisaremos construir. Quantas aulas sobre coronavírus nos foram dadas em nossos cursos universitários? Subitamente o maior problema da humanidade torna-se um assunto cujo nome não constava no ementário das melhores universidades do mundo. E esse mesmo problema desencadeia a certeza de que verdadeira é apenas a busca. A verdade é sobretudo um caminho, não um fim. Ensinar a trilha científica das verdades nos mais diversos campos que se mesclam se torna o maior ativo de uma instituição de ensino.

É tempo de criatividade. Em um modelo cada vez menos presencial, cabe uma reflexão sobre o paradigma temporal. Concluir um curso universitário tem que ser mais do que vencer uma corrida de obstáculos representados por disciplinas que somadas se constituem uma graduação. É mister sair da colcha de retalhos e, ao invés dela, construir um fluido, colado pela alma humana e pela curiosidade genuína, que não precisa ser igual para todos, mas que busque de cada aluno sua forma mais bela, mais vívida, mais servil e mais feliz.

É tempo de travessia. E, como diria o poeta Fernando Teixeira Andrade, “se não ousarmos fazê-la, estaremos para sempre à margem de nós mesmos”. **❶**

Lapidando o dom de ensinar

DR. JAN PAWEL ANDRADE PACHNICKI

“O professor medíocre conta. O bom professor explica. O professor superior demonstra. O GRANDE professor inspira”. A frase do educador e escritor norte-americano William Arthur Ward representa bem a importância e a responsabilidade dos professores, que precisam inspirar no aluno a confiança, o desejo de aprender e, sobretudo, os bons valores.

Ensinar é uma missão honrosa. O professor tem a força do conhecimento e o dom da transmissão do saber; todavia, não basta ter o dom, sendo necessário buscar sempre aprimorá-lo. O que seria de um atleta profissional se apenas acreditasse no seu dom para a prática esportiva, desprezando o treinamento contínuo, árduo e extenuante? A resposta é fácil: ele seria amador, nunca um profissional.

Todos percebem o diamante como uma pedra extremamente bela, delicada e de elevado valor. Para se transformar naquilo que vemos nas joalherias, ele precisa ser lapidado. Quanto mais bem-feito o trabalho na pedra, mais admirável é o resultado. Aí sim, colocado sob a luz, o diamante produz um conjunto de reflexos e, mesmo sendo incolor, adquire a capacidade de refletir as cores do arco-íris. Também assim o é o professor que, através de cursos e oficinas, renova seu aprendizado, em uma contínua lapidação, trilhando um caminho direcionado para a grandeza entre os seus pares.

E quando o assunto é o professor de Medicina, o aprendizado a que o texto se refere não se trata apenas das inovações (e por que não revoluções?) de sua área de atuação na prática médica, mas sim aprender a ensinar. Você, professor de Medicina, já estudou sobre a taxonomia de Bloom para alcançar profundamente seus alunos? Já se aprofundou no assunto de como montar um teste, uma avaliação que realmente avalia os objetivos educacionais das aulas ministradas e o conhecimento de seu aluno?

Retornando ao diamante, deparamos com um artesão paciente. Lapidar um diamante pode consumir dias, meses, ou até anos... O lapidador estuda a pedra em seu tamanho, formato e imperfeições. Faz esboços, a aprecia pelos diversos ângulos. Suas mãos anseiam por trazer aos olhos o brilho escondido no interior daquela pedra bruta. A simetria está precisa, o polimento fino traz o brilho e as facetas estão em harmonia umas com as outras, refletin-

do entre si luzes que maravilham os olhos. Cuidadoso, dia após dia, o profissional trabalha arduamente até alcançar o resultado por ele esperado.

E o professor? O mestre também é como uma pedra trabalhada, delicada, sensível, bela e de elevado valor. Mas para chegar àquilo que objetiva ser, a cada dia precisa se aperfeiçoar. Esta é uma etapa que não permite atalhos.

A diferença entre a pedra e o professor é que o segundo tem a possibilidade de ser seu próprio criador. Este trabalho também é ininterrupto e demanda paciência, determinação e muito amor, mas como artífice pode estudar sua privacidade, modificando-se; traçar metas, rever atitudes, organizar-se melhor, questionar-se... Tudo para que suas facetas fiquem perfeitas e alcance, dentro de período razoável, a meta de ser uma pessoa diferente.

O professor é a pedra preciosa que esconde, atrás da aparência simples, um brilho disfarçado. Pedra que precisa ser meticulosamente trabalhada para revelar os belos atributos escondidos em seu âmago. Entretanto, a vida exige sacrifícios que, seguramente, trarão como recompensa o aprimoramento do ser, da essência humana. Todo professor é assim: dureza de diamante pela solidez de um conhecimento que sobrepuja as forças contrárias ao progresso intelectual do aluno.

O primeiro passo para quem ainda não iniciou a própria lapidação consiste em ter a predisposição para se tornar melhor. Não é possível ficar intocável, julgando-se sabedor de tudo, congelado no tempo, e querer participar de um processo de ensino/aprendizagem tão dinâmico que não permite nem o piscar. O processo de transição de pedra bruta para pedra preciosa depende do que ele faz, do que busca ser, para si e para o próximo.

Por fim, para o GRANDE professor, a constatação desse brilho almejado, de intensa e irradiante luz, que tem o poder de fascinar seus alunos, aparece no brilho dos olhos, na alegria, no sorriso nos lábios de cada um, quando experimentam a satisfação intelectual decorrente da descoberta de que foi alcançado um novo patamar de conhecimento e de progresso individual. E saber que o esforço para o próprio crescimento trouxe consigo o poder para transformar positivamente as pessoas é a sua maior recompensa. **❶**

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERAÇÃO PROFESSOR- ALUNO NA EDUCAÇÃO MÉDICA

DRA. WAEL DE OLIVEIRA

O ensino da Medicina sofreu imensa reviravolta com o Relatório Flexner, em 1910, que estabeleceu diretrizes técnicas rigorosas para a formação do médico, com predomínio de formações adicionais e complementares à graduação até os dias atuais.

Nos anos 1970, o Relatório Carnegie alterou sua hegemonia ao postular novos parâmetros para o ensino da Medicina, com introdução precoce dos estudantes na clínica, metodologias de ensino baseado em problemas e direcionamento ao trabalho em atuação comunitária.

A incorporação de novas tecnologias eletrônicas também alterou o campo do ensino médico com a utilização de meios virtuais para leitura e debate, além de trazer alunos mais avançados na graduação para funções de tutoria, diluindo a presença do professor.

Face à complexidade cada vez maior no ensino de Medicina, interrogar os fundamentos da interação entre professores e seus alunos pode ser relevante, visto que, historicamente, esta interação sempre teve importância capital na formação de jovens médicos. Olhada de perto, ela mostra uma diferença entre ensino médico e educação médica ao apresentar a importância da educação como elemento formador e não como mero transmissor do conhecimento.

Nessa perspectiva, a educação médica pode ser compreendida como um conceito mais amplo por favorecer o desejo de aprender. Para tanto, é necessário considerar que há um campo de subjetividades envolvidas na interação entre um professor e seus alunos: a subjetividade docente e a de cada aluno em sua sala de aula. Uma espécie de campo de forças variadas no qual a resultante é imprevisível, pois

cada aluno está sujeito tanto ao vetor de sua relação com o professor quanto aos vetores da relação deste com os outros alunos, além de sua própria relação com eles. Panorama dinâmico, para cuja complexidade contribuem as dúvidas próprias do aprendizado teórico e prático.

Isso é particularmente agudo nas disciplinas semiológicas que introduzem anamneses e exames físicos de pacientes, quando se espera do estudante um aprendizado criativo de competências clínicas necessárias ao exercício da Medicina. Nesse momento, quando os alunos começam a se sentir médicos, é fundamental acompanhar os processos subjetivos que fazem parte de seu aprendizado. As imagens culturalmente difundidas sobre a atuação médica, em filmes e séries televisivas, e os conteúdos aprendidos anteriormente no curso, contribuem para a força que esse momento exerce nos alunos.

É nesse momento do curso que a história de vida de cada um – com os problemas vividos e as soluções encontradas – pode fazer muita diferença no enfrentamento dos enigmas apresentados pelos primeiros contatos com pacientes. Nenhum roteiro de anamnese prepara os alunos para a diversidade de falas e reações de cada paciente examinado, com a conseqüente insegurança sobre atitudes a serem tomadas frente ao inesperado. Aqui, o conhecimento adquirido é testado quanto à sua consistência e à sua relevância.

Nesse contexto do aprendizado semiológico, a interação professor-aluno pode ser considerada um mecanismo institucional importante para a construção do sentimento de ser médico. Talvez seja a ocasião mais propícia para o manejo dos elementos relativos a essa construção, sobre-

tudo por colocar à prova os fatores que determinaram a escolha da Medicina enquanto formação acadêmica. Assim, a função docente na sustentação do desejo em formação é um pilar na formação do futuro médico.

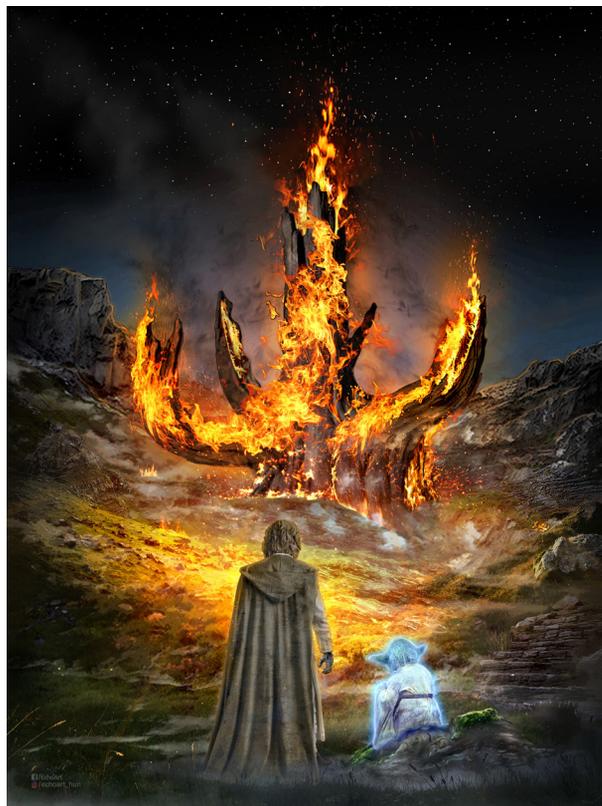
Não é comum que o docente de Medicina tenha formação pedagógica para exercer sua função. Com isso, o peso de sua influência desloca-se da técnica pedagógica para sua posição em sala de aula, incluindo o conhecimento temático, o domínio da técnica e o acolhimento que pode oferecer aos alunos nesse momento de instabilidade construtiva. E a influência também se desloca para o campo da interação em si, pois seu exemplo como docente é matéria de observação atenta pelos estudantes. Por isso, características docentes podem facilitar ou dificultar o engajamento discente no momento em que o estudante desenvolve competências clínicas a partir de seu próprio modo de resolver enigmas que a vida apresenta.

Sobre a interação, dois mecanismos psíquicos se destacam nela dentre vários: a percepção e os processos inconscientes ligados à relação dos alunos com o professor.

A percepção é o processo que organiza e interpreta dados sensoriais para constituir e manejar a consciência de si e do ambiente. É intimamente relacionada à dimensão inconsciente dos processos psíquicos, sendo estes os de maior impacto no psiquismo, porque são encarregados de processar as quantidades de afetos presentes na percepção. Dito de outro modo, as funções de sensação, percepção, atenção e memória são permeadas por quantidades de afetos e/ou sentimentos inconscientes próprios de cada pessoa, cada subjetividade, produzindo estados motivacionais suscetíveis à influência de outras pessoas por ocasião de interações sociais diversas, entre as quais se incluem as relações entre professores e alunos.

Aqui se pode enfatizar o encontro entre a função docente e a história de cada aluno: este traz para a sala de aula uma determinada imagem, uma determinada configuração de si mesmo, inconsciente e construída durante uma vida inteira, reagindo de modos consolidados ao que pode considerar como avaliação e julgamento no olhar dos outros. Este segundo elemento responde pela posição que o aluno supõe depositada no docente quanto a seu rendimento acadêmico e clínico, no caso de disciplinas semiológicas.

Aqui, a importância da interação entre alunos e seus professores em sala de aula mostra sua dimensão. É um terreno movediço que convém considerar, pois tan-



to pode fornecer o substrato onde florescem autonomia e desenvoltura clínicas quanto pode ser matéria tóxica, onde fenecem sonhos e ideais.

A insegurança do aluno pode levá-lo a endeusar o professor, a colocá-lo num lugar idealizado que obtura o que o receio, a falha e as tentativas de superação podem ensinar. É nesse hiato entre o que o professor consente encarnar e o que mobiliza nas fantasias inconscientes de seus alunos que a transmissão possível trabalha, que o amparo ao desejo nascituro produz efeitos de construção de futuros médicos.

A melhor figuração de tais considerações pode ser encontrada na cena de *Star Wars*, em que um Luke assustado vê Yoda incendiar os textos sagrados Jedi, até que Yoda lhe diz que a biblioteca não continha nada que Rey já não tivesse. Segue dizendo a Luke para ser um mestre de Rey, sobretudo ao transmitir o que falha, o que não tampa o aprendizado com uma figura ideal:

“Transmita o que aprendeu. Força, mestria. Mas fraqueza, insensatez e fracasso também. Sim, fracasso acima de tudo. O maior professor, o fracasso é. Luke, nós somos o que eles superam. Esse é o verdadeiro fardo de todos os mestres.” **❶**

Ensinação de pais e filhos

DR. LUIZ ERNESTO PUJOL

A Pediatria é, sem dúvida, a especialidade médica que maiores possibilidades de aprendizagem e de ensinamentos disponibiliza.

Primeiro, quando o médico tem a satisfação de esclarecer e ensinar os jovens pais a respeito de detalhes de higiene, alimentação, cuidados ambientais e prevenções de doenças e traumas a seus filhos. Como dar-lhes atenção e aconchego, respeito no falar e no tocar, recebendo como agradecimento um sorriso angelical e franco, ou um balbuciar cujo significado só o amor é capaz de entender o que foi dito.

Em segundo lugar, quando tanto o pediatra quanto os pais necessitam aprimorar um olhar especial aos pequeninos, cuja sabedoria fascina pela sua simplicidade, espontaneidade e curiosidade, temperadas de coloridas interpretações próprias da primeira infância.

Fatos que exemplificam essa troca de ensinagem, ou seja, ensinamos nós a eles as nossas vivências, e eles nos fazem apreender, com suas visões puras das coisas da vida, mostrando-nos que a sinceridade e a imaginação sem limites de uma criança podem nos surpreender quando dizem “vou buscar na fonte água cheia de imagens”.

Portanto, minha gente adulta, aprenda o significado que existe nas mais simples atitudes, gestuais e palavras da gente miúda, na maioria das vezes nos obrigando a pensar na exata mensagem que eles nos enviam. Com elas podemos perceber o quanto se podem misturar na bondade verdadeira e sensível as maldades inventadas pelo passar dos anos.

Pedro Luiz, 4 anos, questionado pelo pai o motivo de estar tão quieto, disse sussurrando para consigo mesmo: “Não gosto que me interrompam quando estou conversando comigo mesmo...”

Antonio, 7 anos. Órfão de mãe, tinha um sonho: conhecer o mar. O pai, por um bom tempo, fez economias e no dia de aniversário do filho comprou uma passagem para o litoral; e lá se foram pai e filho. Desembarcaram na rodoviária e fizeram longa caminhada, sob sol escaldante,

até próximo à praia, separada da rua onde estavam por um pequeno monte de areia. Subiram até o topo e Antonio estagnou. Seu corpo tremia frente àquela imensidão azul que lançava espumas brancas como ele jamais havia imaginado. Agradeceu com um choro contido a surpresa, procurou a mão do pai e lhe disse: “Pai, me ajude a ver tudo isso”.

Maria Helena, 8 anos, correu do quintal para dentro de casa, gritando: “Venha mãe, venha correndo ver o passarinho azul. Corra antes que ele vá embora”. Juntas, foram ao jardim e mal deu tempo de a mãe ver o pássaro alçar voo. A filha disse: “Que pena você não viu o passarinho azul, mãe”. E a mãe: “Vi sim, ele voou e era lindo”. E Maria Helena: “Não viu não. O passarinho parado no galho não é a mesma coisa que o passarinho voando. Quando ele voa é outro passarinho”.

Jorge, miúdo e ligeiro nos seus 5 anos de idade, teve chamado atenção por sua mãe por estar, permanentemente, com os botões de seu casaco de inverno desabotoados. Após a terceira reprimenda sobre esse fato, na mesma noite, ele desabafou: “Meus botões não gostam de ficar presos em suas casas. Eles querem liberdade!!!”

Luiz Carlos, 12 anos, foi surpreendido pelos pais em posição ereta, firme, mal se percebendo que respirava, voltado à quina das paredes da sala. Eles o observaram por alguns minutos e, curiosos, perguntaram: “Filho, você está bem? O que tá fazendo aí parado, de cara colada à parede? Você não tem nada melhor para fazer, do que essa brincadeira sem graça?”

Ele se afastou lentamente da parede, em passos firmes, calado e com uma silenciosa lágrima correndo pela face, entrou em seu quarto. Os pais foram vê-lo e ele estava sentado na sua cama, com a cabeça entre as mãos. “Vamos filho, o que tá havendo? Pra que isso? Não nos assuste. Conte logo a besteira que deve ter feito”. E ele: “Eu tava aqui com meus pensamentos e me lembrei que quando eu era pequeno vocês me punham de castigo virado para a parede para que eu pensasse no erro cometido;

na maioria das vezes eu não havia feito nada errado. Não me lembro no que pensava naqueles momentos, mas sei bem que não era nada bom. Hoje tentei lembrar de meus pensamentos naqueles momentos e percebi que, de fato, não eram nada bons. Eram coisas que passaram pelos meus sentidos e que nunca esquecerei ou lembrarei nitidamente”. E em prantos completou: “Mas que não eram bons, não eram não”.

Clóvis, 10 anos, em conversa com amigos em altas horas da noite: “É muito inconveniente a gente criar fantasmas. Depois que a gente os cria, eles perseguem seus criadores”. Todos permaneceram em respeitoso silêncio, pensativos...

Angélica, 8 anos, visitando a avó que há muito não via, ouviu a idosa senhora dizer: “Minha querida neta, quanto tempo você não me vem visitar aqui em casa? Me esqueceu, sua danadinho?” E Angélica: “Tenho vindo sempre aqui vó, nas minhas saudades”.

Paulo Guilherme, 6 anos, interiorano passeando à noite entre os prédios da metrópole, olha o céu e diz: “O céu desse lugar é pequeno para tantas estrelas”.

Caminhavam já há tempo, quando a tia de Rosângela, 11 anos, fez proposta de pararem por já estar muito tarde. E a pequena: “Tia, nunca é tarde para se ir mais longe”.

O filho do anestesista era extremamente resistente a banhos. Com seus 5 anos de idade não mais eram efetivas as suas desculpas, de que não podia tomar banho porque estava com dor de dente, tinha um arranhão no

joelho, estava com dificuldade para fazer xixi, sentia que iria ficar com gripe dentro de alguns minutos, amanhã era dia de prova na escolinha, já havia tomado banho no dia anterior... Quando todos esses argumentos já tinham se tornado ineficazes, certo dia disse ao pai: “Será que eu não posso ser sedado antes do banho?”

Laura, 3 anos, entra esbaforida na varanda onde estavam seus pais e com ar de espanto diz: “Gente, corram no meu quarto ver; tem um bicho horroroso lá”. O pai foi correndo ver e voltou sorrindo: “Não é nada grave, não. É só uma pequena e inofensiva lagartixa que está no teto”. E Laurinha, arregalando os olhos: “É que você não viu o olhar de perigo que ela lançou para mim!!!”

O avô Gerson, absorto lendo um livro em sua sala de estar, que dava acesso ao quintal. Repentinamente, o neto que corria e pulava lá fora entra na sala ofegante e se coloca ao lado do avô, tocando-lhe o braço: “Vô, velhinhos morrem logo, não é?” E o avô assim concordou. E o neto: “Então venha brincar comigo. Me aproveite. Me aproveite!!!!!!”

Que nós, adultos, não deixemos de sentir o encanto de conviver com esses ensinamentos, recordações ingênuas que adormecem em nós, e só despertam depois, muito depois, quando a vida vai a repetir-se, quando as rugas, se ainda não apareceram em nossa face, lenharam já bastante o nosso coração. Guardemos essa ensinagem só possível àqueles de alma aberta para essas vivências. **❶**

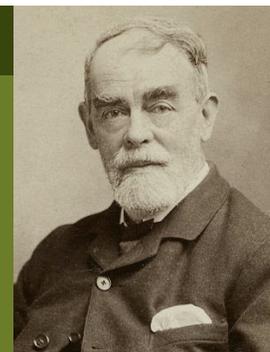
Aforismo

“A vida é como tocar um solo de violino em público e aprender a manejar o instrumento enquanto se toca”.

SAMUEL BUTLER (1835-1902)

Contemplar um quadro, ler um poema, ouvir uma sonata ou observar um paciente nos remete à questão essencial do ser. Esse encontro nos permite a experiência da liberdade mútua.

A vida médica é um permanente ensaio graças à multifariedade dos problemas e a disparidade das respostas clínicas. Mas, repetindo o mestre, não temos duas vidas, uma para ensaiar e outra para representar. Portanto, não espere. Está atuando, em cena. Deve fazer o melhor possível dentro das circunstâncias, sempre embasado na ciência. E usar a arte quando a ciência não der respostas.

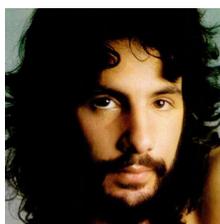




GUIA DE BORDO

DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

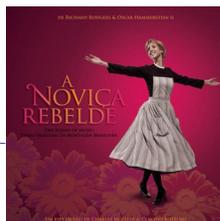
Para o tema central desta edição, EN-SINAGEM, selecionamos músicas relacionadas aos aspectos do que é (e do que não deve ser) o ato de ensinar algo a outra pessoa, tanto em termos de conteúdos quanto de experiências, bem como ao ato de aprender algo, e também reminiscências do tempo da escola fundamental. Talvez alguma dessas canções evoque uma lembrança do quanto foi agradável (ou não) aprender aquilo, ou de quantas vezes tiveram que tentar até aprender. De todo modo, nossa vida, crescimento pessoal e felicidade são decorrentes em grande parte de tudo o que aprendemos ou compartilhamos com outras pessoas. Dito isso, desejamos a todos uma boa viagem!



CAT STEVENS (ATUALMENTE YUSSUF ISLAM)

(Remember the Days of the) Old Schoolyard

O londrino de origem grega Steven Demetre Georgiou evoca as emoções do início da vida escolar, com suas alegrias, tristezas, simplicidade e, também, o primeiro amor, que nunca esquecemos. Estamos assim começando a aprender o que é a vida.



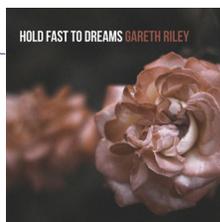
CORAL A NOVIÇA REBELDE *Dó-Ré-Mi*

Mesmo não seguindo literalmente as rimas da canção imortalizada por Julie Andrews no filme *The Sound of Music*, esta versão para o português foi bastante feliz no resultado e sempre é lembrada quando alguém se dispõe a ensinar música para crianças, não podendo ficar fora desta lista.



AC/DC *School Days*

Aqui o clássico de Chuck Berry é revisitado pela banda em TNT, seu primeiro disco, na versão lançada somente na Austrália, e também nos traz de volta as boas lembranças do ensino fundamental: matemática, história, o bolo recém-assado na hora do lanche e, no final da tarde, a corrida até a *jukebox* para dançar com a primeira namorada até anoitecer.



GARETH RILEY *Learning*

Esta singela peça instrumental foi aqui incluída no contexto do aprendizado musical porque me despertou uma dúvida: não sei se o autor a compôs quando estava aprendendo a tocar piano ou se ela foi composta para que principiantes a usassem para estudar. Música de elevador, dirão alguns, mas não deixa de ser uma forma de subir na vida...



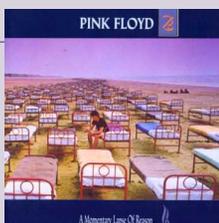
JETHRO TULL *Teacher*

O protagonista é procurado em casa por uma pessoa que diz ser “o professor”, e se dispõe a lhe ensinar uma lição, que não adianta ficar em casa com raiva do mundo. Tem que abandonar o ninho e, assim, ele começa a procurar um sentido para a vida...

TOQUINHO

Aquarela

Quem não passou bons momentos aprendendo a desenhar ou ensinando um(a) filho(a) a pintar? Desenham-se sóis, castelos, contornos das mãos, gaiotas, barcos, guarda-chuvas, até mesmo um círculo desenhado a compasso torna-se o planeta Terra se colocarmos rabiscos representando os continentes... É só dar asas à imaginação, rumo ao futuro, construindo a vida com suas alegrias, tristezas e incertezas, até que, como bem diz o autor, a velhice faz com que nossa vida, como uma velha aquarela, perca suas cores. Temos que evitar que isso aconteça, retocando-a sempre com novas experiências e aprendizados.



PINK FLOYD

Another Brick in The Wall, Pt. 2

É claro que não poderíamos deixar de fora desta lista a figura do professor opressivo, bitolado, que é uma das figuras centrais da obra-prima do Pink Floyd, *The Wall*, de 1979, imortalizado por Alan Parker no filme homônimo. Praticando “bullying” constantemente contra os alunos, o professor diz: “Se você não pegar a carne, não ganha pudim!” E, no filme, as crianças, com uniforme escolar, seguem numa esteira em direção a um moedor de carne, em uma metáfora do ensino massificado que os tornará apenas mais um tijolo no muro que separa as pessoas. Se alguém ainda não viu o filme, recomendo-o enfaticamente.

PERFUME GENIUS

Learning

Michael Alden Hadreas, cujo pseudônimo artístico inspirou-se no fabricante de perfumes do filme *Perfume*, com músicas autobiográficas baseadas na sua Doença de Crohn, abuso doméstico, “bullying” no colégio e agressões que sofreu na rua, ensina-nos aqui que temos que aprender a superar as perdas, sem dar ouvidos ao que os outros digam, em um blá-blá-blá inútil, pois a força para esse aprendizado e superação está em cada um... Pungente tanto quanto sincero.

PINK FLOYD

Learning To Fly

Neste processo de ensinagem que é a vida, quem nunca se imaginou pilotando um avião? A pista infinita no momento da decolagem, o gelo na ponta das asas, a sensação de liberdade no voo, o rastro de vapor deixado pelo avião, tudo isso é cantado por David Gilmour em meio aos sons incidentais dos diálogos do piloto com a torre de controle, como um estado de animação suspensa, um estado de graça... Um desajuste em relação à realidade dos pés no chão.

JACK TEMPCHIN

Learning to Dance

Quem não se lembra com saudade das festinhas de garagem dos adolescentes? Os meninos de um lado junto à parede, as meninas do outro... A timidez na hora de tirar a menina para dançar (...e se ela não aceitar?). Aprender a dançar era fundamental para não fazer feio. Assim, nessa paquera ingênua, aprendia-se também a conseguir arranjar uma namorada. Afinal, não havia celular, WhatsApp, Instagram, nem Tinder. Aqui o autor menciona uma noite romântica, em uma festa, dizendo que deveria ter aprendido a dançar muito tempo atrás, pois perdeu a chance com a garota. Que pena!

RINGO STARR

Teach Me To Tango

Já que o assunto é aprender a dançar, que tal esta? Quem já aprendeu – ou pelo menos tentou aprender – a dançar tango sabe o quanto é difícil. Aqui o que Mr. Richard Starkey quer nos dizer é que não desistamos até que consigamos aquilo que queremos. Boa metáfora usando o tango, afinal. Para quem nunca tentou, o passo básico tem oito etapas, e cada uma tem muitas variações. Parece difícil? E é mesmo. Por isso ele diz: “*Live it up until you get what you want*”. Então, vamos à luta!

APRIL STEVENS

Teach Me Tiger

Claro que não poderia faltar em nossa lista o aprendizado referente à descoberta da sexualidade. Gravada em 1959 por Carol Vincinette LoTempio (seu nome real), em duo com seu irmão Nino Tempo, esta canção chegou a ser banida em muitas estações de rádio devido ao seu contexto sexual, em que uma jovem pede ao seu amado tímido que a ensine a beijar (!) e termina dizendo que, se ele não a ensinar, ela o ensinará... Precursora da canção *Je t'aime...moi non plus*, gravada oito anos depois por Serge Gainsbourg e Jane Birkin, cuja venda chegou a ser proibida em vários países, inclusive no Brasil, esta suave balada merece estar aqui porque, afinal, não estamos mais em 1959.

ANIMAL COLLECTIVE

I Remember Learning How To Dive

Do ar para a água. Aqui a banda, formada em Baltimore, em 2003, descreve as sensações de aprender a mergulhar, andando até a ponta do trampolim mais alto e deixando-se cair até sentir a ponta dos dedos tocarem a água. Parece simples, mas imaginemos a primeira vez que se pisa no trampolim, o medo da altura, a insegurança da queda, o risco de um mergulho de barriga... Realmente, o segredo é não desistir (parece que já disse isso lá em cima...) até que se aprenda; e cada salto após o primeiro vai ficando mais fácil. Mas não é tudo assim na vida?

J. R. RUND
Learning To Love

Aqui o autor diz à sua amada que quer continuar aprendendo a amá-la, que isso nunca acabe e que nunca cheguem ao topo desse aprendizado. Simples assim, mas depois disso o que há para se acrescentar? O amor é lindo... Boa lição para ser aprendida.



KEATON HENSON
Teach Me

Epa! Aqui o sujeito se dá conta de que não ama sua parceira tanto quanto tinha escrito a ela, mas lhe pede que o ensine a amá-la dessa forma, que o ensine a abraçá-la sem apertar demais para não machucar. E, ao mesmo tempo, pede que ela nunca o faça se lamentar nem desprezá-la; que de todas as formas lhe dê lições nos seus caminhos, sem, contudo, querer que ele mude, moldando-o para ser o homem que deveria ser, mas sabendo que assim não o considere livre. Aí diz que nunca amará o suficiente e nunca a abraçará o suficiente... Por mais que tento, não consigo entender se o cara procura uma Amélia (lembra do Ataulfo Alves?) na sua vida, se é indeciso ou sadomasoquista mesmo. Parece-me que ele precisa de um longo processo de ensinagem afetiva. Vou ter que discutir isso na minha terapia.



CHARLIE J. MEMPHIS
Learning To Cry

Agora vamos a uma lição importante na ensinagem: aprender a chorar. Uma causa muito frequente é a dor, principalmente de cotovelo. Aqui o coitadinho diz que está aprendendo a chorar desde que ela foi embora, que está aprendendo a morrer, mas não tem ninguém para ver, então vai continuar acordando todo dia sabendo que vai encarar seus medos sem ninguém ao seu lado. Alguém pode, por favor, chamar a mãe dele? Tudo bem que música *country* pode ter um pouco de dor de cotovelo, mas esta nem morfina resolve!



ELIS REGINA
Aprendendo a Jogar

A verdade é que a Vida é um jogo, e isso nos é muito bem lembrado pela saudosa Elis. Lobo, cachorro, *Sarcoptes*, besouro, macaco, não faltam animais nesta música, mas a verdade é que, se a vida é um jogo, há que aprender a jogar. Ganhando ou perdendo, sempre temos algum aprendizado. Nem que seja de zoologia ouvindo esta música.

TOM PETTY
Learning To Fly

O voo aqui é metafórico, não físico. Aqui o grande Tom Petty nos diz que está aprendendo a voar, mas sem ter asas, e que o pouso é a parte mais difícil. Os bons tempos podem não voltar, a Vida pode lhe derrubar, partir seu coração e roubar sua coroa, mas sempre se pode aprender a voar, mesmo sem saber para onde ou quando se vai chegar. O importante é voar alto e saber pousar.

ALANIS MORISSETTE
You Learn

Quase ao final do nosso processo de ensinagem musical, a Professora Ms. Morissette nos lembra que, por mais estranhas que sejam suas recomendações, quando a poeira baixar e a fumaça se dissipar, você verá que você vive, ama, chora, sofre perdas, sangra, grita, lamenta, engasga, ri, faz escolhas, ora, pede, sempre aprendendo com isso.

BOBBY MCFERRIN
Don't Worry, Be Happy

Chegamos assim à formatura do nosso curso musical de ensinagem. Este é o discurso do nosso Paraninfo, Professor McFerrin, que vai nos ensinar a lição mais importante: os problemas dobram de tamanho com a preocupação. Se você está sem dinheiro ou sozinho, seu semblante fechado se espalha às outras pessoas e só aumenta o seu problema. Se você se preocupar menos, encontrará uma solução. Então, não se preocupe, seja feliz!

Esperamos que tenham gostado da viagem e que possamos nos reencontrar na próxima! Agradecemos por terem escolhido viajar em nossa companhia! 



ENTRE NESTA VIAGEM COM O DIÁRIO DE BORDO.
TRILHA SONORA DO IÁTRICO NO SPOTIFY:
<http://tiny.cc/iatric40>



Letras mínimas

"VOU ME ENCONTRAR LONGE DO MEU
LUGAR, EU, CAÇADOR DE MIM."

MILTON NASCIMENTO (*Eu caçador de mim*)

*"A estrada sempre tem luz, o amor
tem sempre razão. Quando a alegria
conduz, não importa qual direção."*

OSWALDO MONTENEGRO (*Não há segredo nenhum*)

"SIGA EM FRENTE E NÃO OLHE PARA TRÁS, O
MELHOR DA VIDA É VOCÊ QUEM FAZ."

FUNDO DE QUINTAL (*Pra alegria eu peço bis*)

*"A melhor viagem é seguir
a trilha que eu abri."*

BANDA DO MAR (*Me sinto ótima*)

"CADA UM DE NÓS COMPÕE A SUA HISTÓRIA. CADA SER,
EM SI, CARREGA O DOM DE SER CAPAZ E SER FELIZ!"

ALMIR SATER (*Tocando em frente*)

*"Você que inventou a tristeza, ora,
tenha a fineza de desinventar."*

CHICO BUARQUE (*Apesar de você*)

"VOCÊ VAI RIR, SEM PERCEBER;
FELICIDADE É SÓ QUESTÃO DE SER"

MARCELO JENECCI (*Felicidade*)

*"É foco, força e fé,
coragem e coração!"*

PROJOTA (*Desci a ladeira*)

"NA SOLIDÃO DE CASA, DESCANSAR.
O SENTIDO DA VIDA, ENCONTRAR."

ZÉ RAMALHO (*Sinônimos*)

*"Quer saber o sentido da
vida? Pra frente."*

EMICIDA (*A cada vento*)

"SE EU NÃO GUARDO NEM DINHEIRO,
QUE DIRÁ GUARDAR RANCOR."

NEGO DO BOREL (*Você partiu meu coração*)

*"Não espere o futuro mudar
tua vida, porque o futuro é a
consequência do presente."*

RACIONAIS MC'S (*A vida é desafio*)

"SER MELHOR DO QUE FUI ONTEM É O
PLANO QUE A MINHA ALMA ESCREVEU."

PROJOTA (*Plantar o bem*)

*"Vamos acordar, hoje tem um sol
diferente no céu, gargalhando
no seu carrossel, gritando
nada é tão triste assim."*

PAULINHO MOSKA (*Tudo novo de novo*)

George Harrison

A Aprendizagem do Beatle Quieto

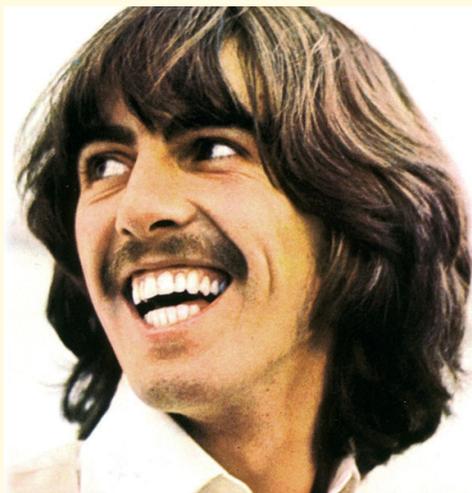
DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

Dos quatro Beatles, George foi o que teve a infância mais difícil. Nascido em 25 de fevereiro de 1943, em Wavertree, bairro proletário de Liverpool, tomava banho de bacia, com água aquecida em uma chaleira, porque seus pais não tinham dinheiro para comprar um aquecedor. Louise, sua mãe, era dona de casa, e seu pai, Harold, era motorista de ônibus no serviço de transporte público, mas inteligente e dedicado o suficiente para planejar as 80 rotas de todos os 6.000 ônibus da cidade; e o fazia com eficiência.

Passou a infância brincando com amigos nos destroços da cidade devastada pelos bombardeios dos alemães e, depois da escola, não via a hora de chegar em casa e ouvir seus discos favoritos. Aos 10 anos, comprou, com a ajuda da mãe, um violão para principiantes por £ 3.10, mas o instrumento tinha o braço torto, e, para aprender a tocar, George apertava as cordas com força até os dedos sangrarem. Mesmo com tal dificuldade, ele não desistiu, pois nunca lhe faltou o encorajamento de Louise.

Sua irmã (também Louise) fez faculdade para tornar-se professora, e os dois irmãos fizeram cursos técnicos; Harry, mecânica, e Peter, mecânica de automóveis e soldagem. Harold pensava que George poderia se tornar electricista e abrir uma oficina com seus dois irmãos.

Aos 12 anos, entrou para o *Liverpool Institute*, escola secundária cujo ensino de bom padrão lhe permitiria aspirar a uma vaga na faculdade no futuro. Arthur Evans, um



dos professores, o definiu como “um garoto muito quieto e introvertido, que sentava no canto mais isolado da sala e nunca dizia uma palavra ou mesmo dirigia um olhar”.

Os amigos o viam como tendo “um terrível senso de humor, e intolerante quanto a idiotices”. Não tolerava o “bullying”, e aprendeu que a melhor maneira de se defender dele era um soco rápido em quem o intimidava. Não entregava os trabalhos escolares, e as constantes ameaças dos professores só serviram para diminuir o seu interesse, levando-o a abandonar a escola.

Aos 13 anos, teve repetidas amigdalites, seguidas de uma nefrite que o fez ficar 6 semanas no hospital.

Era 1956, e nessa época surgiu o “rock’n’roll”, definido por F. J. Braceland, presidente da Associação Americana de Psiquiatria, como “uma doença transmissível, canibalésca”. Aos 13 anos, George ouviu *Heartbreak Hotel*, de Elvis Presley, e *Tutti Frutti*, de Little Richard, e seu sonho passou a ser entrar para uma “skiffle band”.

As “skiffle bands” eram um fenômeno tipicamente inglês, com adolescentes tocando instrumentos rudimentares, um violão barato, um cabo de vassoura com uma corda de metal presa a uma caixa ou bacia servindo de contrabaixo e uma tábua de lavar roupa como percussão. Sendo Liverpool um porto, era por ali que chegavam os discos da América, antes de qualquer outro lugar, e as “skiffle bands” tentavam aprendê-los e tocá-los.

QUANDO EXPERIMENTOU LSD, FICOU DECEPCIONADO. PERCEBEU QUE PESSOAS ESTÚPIDAS QUE O USAVAM, QUANDO ABRIAM A BOCA SOB EFEITO DELE, CONTINUAVAM ESTÚPIDAS.

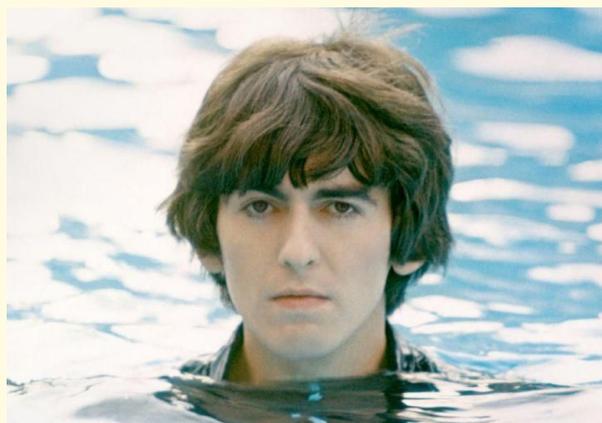
George ia para a escola em um ônibus de 2 andares e se sentava com seu violão sempre no último banco do andar de cima e, um dia, conheceu um colega nove meses mais velho, também com seu violão, chamado James Paul McCartney. Este tocava em uma banda da *Quarry Bank High School*, *The Quarrymen*, e disse ao líder da banda, John, que George era um pouco novo, mas tocava “Raunchy” direito. Ao ouvi-lo tocar, John Lennon disse: “Você tá dentro”. Era fevereiro de 1958.

Ensaivavam na casa de John, mesmo com sua tia Mimi dizendo: “Tocar violão é um bom passatempo, John, mas não lhe trará nenhum dinheiro”. Sobre George, ela disse: “Parece que você sempre gosta dos tipos de classes baixas, não é, John?”

George então convenceu seus pais a aceitarem que a banda ensaiasse na sua casa, e Louise sempre lhes servia biscoitos caseiros e, às vezes, até um gole de uísque.

Em 1960, quando George tinha 17 anos, a banda, agora já batizada de *Silver Beetles*, foi convidada tocar por duas semanas na Escócia, o que o levou a pedir demissão do seu emprego. A turnê foi desastrosa, mas nada os faria desistir. Ao voltarem a Liverpool, Alan Williams os convidou para tocarem no pequeno Jacaranda Club, e George pediu a ele uma vassoura e um esfregão. Nada a ver com limpar o local, mas sim para prender neles os microfones, pois eles não tinham dinheiro para comprar pedestais para os microfones, e suas namoradas os mantinham na posição correta durante a apresentação.

O mesmo empresário os convidou a tocarem em Hamburgo, em um local chamado Indra, onde eles fizeram tanto sucesso em um mês que os vizinhos reclamaram do barulho e o local voltou a ser um tranquilo clube de “strip tease”. Passaram a tocar no Kaiser Keller, também na zona portuária, onde seu público, basicamente marinheiros bêbados e prostitutas, como não falava sua língua, tinha que ser cativado com uma apresentação agitada, com micas, “sketches” simulando brigas. E foi assim que eles aprenderam sua técnica de palco para entreter o público e mantê-lo atento. Para virar a noite com às vezes três shows, passaram a usar Preludin (flumetrazina), o estimulante da época. Assim George já ganhava £ 15 por semana, mais que o salário do seu pai.



Quando foram tocar com George Sheridan em outro local, o dono do Indra e do Kaiser Keller os denunciou por George ser menor de 18 anos, e eles foram expulsos em 24 horas, voltando a Liverpool em 22 de novembro de 1960. Em 27 de dezembro, tocaram em um baile no Litherland Town Hall, e o público ficou histérico. George, John, Paul, o baterista Pete Best e o baixista Chas Newby deixaram a plateia maravilhada com o inglês perfeito “daquela banda de Hamburgo”.

Com 40 shows em três meses, eles se tornaram a principal banda de Liverpool, passando a ser a banda residente do Cavern Club, um porão anteriormente usado como depósito de legumes, sem janelas ou ventilação, que só tinha cadeiras. Durante os shows, saía vapor pela porta, pela transpiração do público. O vapor condensava-se nos tijolos e causava curtos-circuitos, que interrompiam os shows.

Até agosto de 1963, a banda, agora chamada The Beatles, tocou 292 vezes no Cavern Club. George não sorria no palco porque era o solista e tinha que ficar concentrado para não errar.

Em abril de 1961, eles tinham gravado um disco em Hamburgo como banda de apoio do cantor Tony Sheridan. Em 28 de outubro, um jovem entrou na loja de discos NEMS, em Liverpool, e pediu um exemplar do disco *My Bonnie*, e o gerente da loja, Brian Epstein, ficou surpreso porque nunca tinha ouvido falar dele. Após pesquisar, importou 25 unidades do disco, que foram vendidas em menos de uma hora. Descobriu que eles não eram alemães e tocavam bem perto da sua loja. Em 9 de novem-

bro, foi com um assistente ao Cavern Club para ouvi-los tocar. Achou-os “medonhos, mas fantásticos...” E o resto é a história que quase todo mundo conhece. Brian tornou-se seu empresário e, após serem recusados para testes de gravação em muitas gravadoras, foram aceitos para um teste na gravadora EMI com o produtor George Martin, em 6 de junho de 1962.

Em outubro de 1962, lançaram o primeiro compacto, *Love Me Do*, que deu início à sua meteórica carreira de sucesso. O jornal inglês *The Observer* chegou a lembrar que a deusa grega da fertilidade, Amorgos, cuja estátua lembrava a forma de uma guitarra, já era um símbolo sexual 4.800 anos antes, e que isso explicava a histeria das fãs...

Mas onde isto tudo se conecta com o nosso tema central, ENSINAGEM?

Em agosto de 1963, George compôs sua primeira canção, *Don't Bother Me*, na qual afirmava estar se sentindo solitário e não querendo ser incomodado pelo assédio dos fãs e da imprensa.

Em fevereiro de 1964, quando eles fizeram sua primeira turnê pela América, George disse à sua irmã Louise: “Nós não somos músicos excepcionais. Nós ainda estamos aprendendo. E nenhum de nós sabe ler música. Ninguém aqui é particularmente bonito e nenhum de nós tem uma personalidade fantástica. Nós somos apenas uns caras normais.”

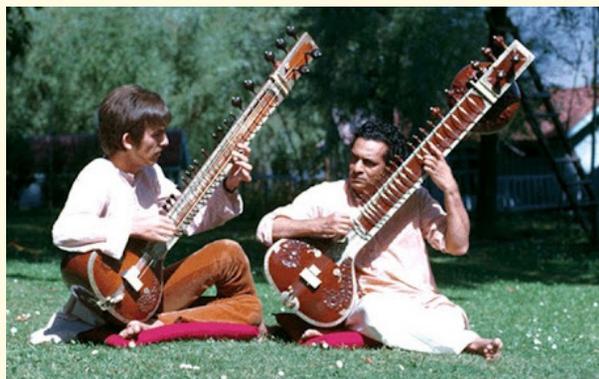
Quando experimentou o LSD, percebeu que não tinha nada inerentemente espiritual nele e se decepcionou. Percebeu que pessoas estúpidas que o usavam, quando abriam a boca sob o efeito dele, continuavam estúpidas.

Em 1965, em uma visita à casa de Elvis, o seu estilista, Harry Geller, disse a George que estudava a Kriya-Yoga, do Mestre Paramahansa Yogananda, havia já cinco anos e que conversava com Elvis sobre isso. Os amigos de Elvis diziam que Geller embaralhava sua cabeça. George sempre quis saber como era estar no topo, e se decepcionou com a visita a Elvis.

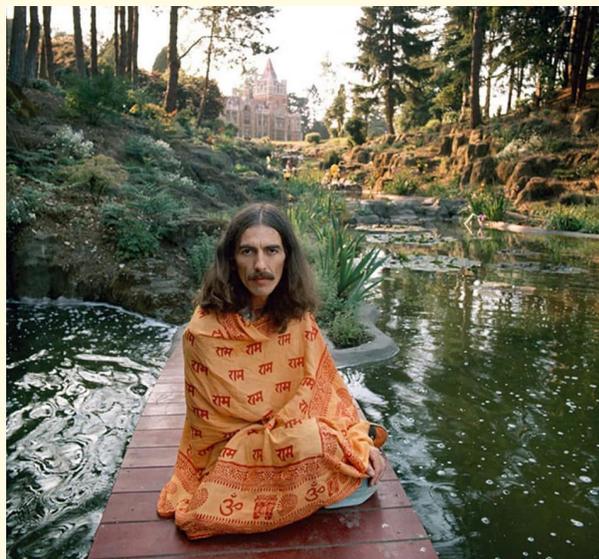
Em outubro de 1965, durante a filmagem de *Help*, George descobriu o sitar e ficou fascinado. Dias depois, comprou um na Oxford Street e o levou ao estúdio onde iriam gravar *Norwegian Wood*. Abertos a novas sonoridades, incluíram-no na gravação. Amigos músicos lhe recomendaram que ouvisse os discos de Ravi Shankar. George ouviu a *Raga Palas Kafi* e ficou extasiado com o som do sitar junto à base monocórdica da Tambura, dando-se conta de que Ravi considerava sua arte como sendo uma disciplina espiritual e tentava traduzir Deus na forma sonora.

Ainda em 1965, George pediu a Ravi Shankar que lhe desse aulas de sitar. Ravi lhe ensinou que Deus está à nossa volta, mas escondido. Se George tocasse a sonoridade certa, ele poderia revelar Deus, tirando-O do seu esconderijo. George, que tinha chegado ao topo da montanha material, sentiu nessa afirmação um impacto transcendental, transformador e permanente.

George, Ravi e suas esposas, Pattie e Kamala, viajaram para a Índia, onde George teve o primeiro contato com a religião indiana e com os livros sobre Yoga, especialmente o *Raja Yoga*, escrito por Swami Vivekananda, que lhe ensi-



George tocando sitar com Ravi e em seu refúgio (abaixo).



George Harrison

nou: “Você é o que você busca. Não há nada a fazer senão compreender isto.”

George se deu conta de que a meditação poderia ampliar seus horizontes tanto quanto o LSD, levando-o a atingir a sua consciência cósmica. Aos 23 anos, deu-se conta de que a sua infância, família, fama e estereótipos nada tinham a ver com o seu verdadeiro eu. O George físico era real, mas temporário, com o corpo físico (terra, ar, fogo, água e éter) e o corpo sutil (mente, inteligência e ego). A alma, o seu verdadeiro eu, era envolto por tudo isso.

Aprendeu que para tocar bem uma Raga, precisaria estudar 20 horas por dia durante 12 anos. A celebridade efêmera como um Beatle lhe permitiu vislumbrar uma existência eterna como a sua verdadeira recompensa.

Após seis semanas na Índia, voltou para Londres, fez gravações com fitas tocadas de trás para a frente, inseriu fotos de gurus indianos na capa do álbum *Sergeant Pepper* e compôs a maravilhosa *Within You Without You*, sem dúvida a faixa mais complexa do álbum, a primeira música dos Beatles com três mudanças de compasso, tambura, tablas, sitar e santoor, e um vocal que cantava que uma barreira de ilusão nos separa uns dos outros; e que a paz virá quando aprendermos a ver além da ilusão das diferenças, e quando aprendermos que somos um, e que a vida está em todo lugar, dentro e fora.

Aprendeu a cantar o mantra Hare Krishna, que a religião indiana usa para aproximar-se de Deus, e instalou em Londres o templo Hare Krishna. Em 1970, disse: “Eu não quero morrer como ‘o produtor George Harrison’ ou ‘o guitarrista George Harrison’ ou simplesmente como ‘um Beatle’. Eles todos são eu, mas eles não são realmente eu. Quando as pessoas começam a rotular, então é hora de seguir em frente. Eu sou ilimitado. Todos nós somos ilimitados”.

Sua irmã Louise afirmou que “atos de bondade tornaram-se uma arte com ele. Podia pagar a conta do hospital das pessoas e fazer outros atos de bondade, não para que as pessoas pensassem bem dele, mas simplesmente porque ele acreditava que bondade deveria ser feita no mun-

do. Tudo bem, ele estava numa busca espiritual, mas ele era um bom ser humano. Nossa mãe sempre nos ensinou a sermos cuidadosos ao julgar o bem e o mal. O critério dela era, ‘Isso prejudica alguém?’ Se sim, então estava errado, e George viveu desse jeito”.

Quando um repórter perguntou se era possível ser espiritual em um mundo material, ele disse: “Nossa consciência tem sido tão poluída com a energia material, que fica difícil enxergar nosso caminho rumo à espiritualidade. Contudo, todos temos dentro de nós as mesmas qualidades de Deus, assim como uma gota do oceano tem as mesmas características do oceano. Todos estão procurando por algo externo, mas tudo está aqui, dentro de nós.”

Em julho de 1997, percebeu um nódulo no pescoço. A investigação revelou um câncer na garganta. Ele disse ao seu amigo Shyamsundar: “Eu simplesmente vou embora, algum dia, não importa. Estou pronto, Krishna, quando você quiser puxar a tomada. Eu só quero estar com... Quero dizer, você consegue só imaginar o céu espiritual?”

Em 29 de novembro de 2001, George Harrison foi ao encontro de Krishna. O dia estava ensolarado, as nuvens se moviam lentamente, em um tom laranja.

Algum tempo depois, seu filho Dhani divulgou uma carta que George escrevera para sua mãe quando tinha 24 anos, em que dizia: “Eu quero ser autorrealizado. Eu quero encontrar Deus. Não estou interessado em coisas materiais, neste mundo, fama... Estou procurando a verdadeira meta. E espero que você não se preocupe comigo, mãe.”

Nesta edição do *Íátrico*, pareceu-me adequado resumir a trajetória da vida do Beatle Quieto, em sua busca incansável pela sua paz interior. E ele a encontrou. Creio que, em nosso tema, *Ensinagem*, o seu aprendizado pode nos ensinar que, independentemente de qual fé, religião, crença que cada um de nós tenha, ou mesmo na absoluta ausência de uma, sempre podemos realizar nossa busca pela paz interior. E encontrá-la, como George encontrou a sua. Basta que nos lembremos de buscá-la em nosso âmago e a encontraremos. Este é o ensinamento que ele nos deixou. **i**

LEITURAS SUGERIDAS

1. The Beatles – *Antologia* – Cosac & Naify, São Paulo, 2001.
2. Harrison, George – *I Me Mine* – Genesis Publications Ltd., Guildford, England, 2017.
3. Greene, Joshua M. – *Here Comes The Sun – A Jornada espiritual e Musical de George Harrison* – Relighare – Pindamonhangaba, SP, 2015.

CARTA DE UM GERIATRA

A SEUS FILHOS

DR. CARLOS AUGUSTO SPERANDIO JUNIOR

Missão difícil para um pai, em pleno pandêmico 2021, concorrer com *youtubers* e *tiktokers* virais pela atenção da sua prole. A Matrix está mais presente do que nunca e, uma vez não termos a opção da pílula vermelha, cabe à central de controle parental tentativas de resgate à sociedade concreta, a de carne e osso, que envelhece regida pelos estilos de vida que vão das escolhas alimentares às atividades físicas regulares.

Eu, pai geriatra, aqui uso a linguagem que domino: o português escrito; posso ouvir vocês dizendo “que arcaico”. Façam um esforço, embora as horas estudando como ler e interpretar textos não cheguem perto do seu tempo conectado, sei que será possível me compreenderem.

Trinta anos atrás eu tinha a idade de vocês. Minha vida era outra. Vivía na rua em meu tempo livre, correndo atrás de uma bola e discutindo o sentido da vida com meus amigos. Tive muita sorte de pertencer a um grupo limpo. Não usávamos drogas, não fazíamos loucuras impensadas. Hoje, na metade da quinta década de vida, estamos todos formados e bem encaminhados, com filhos na adolescência.

Desta forma, dirijo-me a geração de vocês com o conteúdo aprendido como médico especialista em envelhecimento.

Há máxima que diz o que você carrega dentro de sua cabeça ninguém poderá nunca retirar. O tempo a comprova. Quanto mais conhecimento geral vocês conseguirem acumular durante essa fase de formação escolar, mais possibilidades de sucesso pessoal no futuro terão. Aprendam línguas estrangeiras tantas quantas vocês conseguirem. Comunicação é a principal habilidade humana, que diferencia as pessoas para o melhor. Tenham conteúdo,

sendo abertos às leituras de todos os tipos que lhe interessem. Cultura inútil não existe. Absolutamente tudo pode ter significado em algum momento da caminhada. Saibam pensar, saibam se expressar.

O tempo que vocês passam conectados é o sinal mais claro de que estamos vivendo a era digital. Se não podemos reverter a tendência, é necessária a adaptação. A comunicação logo começará a ser feita em novo idioma, a chamada programação. Quanto antes vocês a dominarem, mais fácil será a progressão pelo corredor da vida, em que a abertura de portas dependerá da quantidade de chaves que vocês carregam em seus cérebros.

Cuidem de seus corpos físicos. A velhice, hoje medida por vocês em metades de séculos, um dia chegará. Acreditem, será uma surpresa o quão rápido isso acontece. Dizem que devemos viver um dia de cada vez. Embora verdade absoluta, jamais esqueçamos que o amanhã só existirá se passarmos pelo hoje. Mais do que isso, o amanhecer do dia seguinte é releitura e escrita sequencial do que acabamos de fazer nos dias anteriores. O futuro de nossa saúde física, emocional e financeira depende das escolhas que estamos fazendo agora. Aprendam tudo o que puderem sobre isso. Fará toda a diferença em poucos anos.

Esse cuidado passa pela exposição segura de sua pele ao Sol e pelo uso de fio dental e correta higienização dentária. Tomem todas as vacinas que possam prevenir doenças graves. Diminuem o sal e o açúcar de suas refeições. Comam saladas e frutas. Não se envolvam com drogas. Usem o álcool com muita sabedoria e jamais o misturem com tomadas de decisão que possam repercutir em dano à sua saúde ou de terceiros. Fugam de conflitos, não vale a pena. Saibam se impor por suas ideias, jamais pela força física, especialmente se for contra os mais fragilizados.

Se quiserem ser atletas, mesmo que de fim de semana, importante entender seus riscos físicos como uma boa avaliação biomecânica e antropométrica. Visitas regulares

HÁ MÁXIMA QUE DIZ O QUE VOCÊ CARREGA DENTRO DE SUA CABEÇA NINGUÉM PODERÁ NUNCA RETIRAR. O TEMPO A COMPROVA.

aos profissionais que possam auxiliar nas suas dificuldades e também na discussão das tomadas de decisão. Tenham um médico para chamar de seu o quanto antes. Por ora, o pai está aqui e ajudará. Mas chegará a hora que o pai precisará de ajuda. E depois serão vocês. O ciclo é recorrente e previsível. As despedidas fazem parte, tão naturais quanto as chegadas.

Quanto maiores as reservas que vocês consigam acumular enquanto jovens, funcionais e financeiras, maiores as chances de um futuro com menos dependência funcional e financeira.

Aproveitem seus avós. Eles estão mais à frente na corrida da vida e, portanto, mais perto da linha de chegada. Eles os amam mais do que tudo. Uns minutos por semana dedicados a uma ligação ou mensagens os deixarão não só mais felizes, mas mais interessados em se manter vivos e se cuidando.

Aproveitem seus pais. Só queremos ver vocês felizes. Muitas vezes queremos saber o que vocês pensam para podermos entender e dar nossa opinião. Sim, somos de gerações totalmente diferentes. Precisamos aprender a nos comunicar!

Não tenham receio de falar comigo sobre sexualidade. Hoje, a sexualidade molda o comportamento da nossa sociedade de modo bastante diferente do que na minha época de garoto. A adolescência, por se tratar de fase de autoafirmação, traz muitos questionamentos e enormes desafios. Isso não significa que eu não possa ser referencial para vocês. Abram suas dúvidas, o pai está aqui para acolher e apoiar. Não há mais espaço para medo, dúvida, discriminação ou insegurança por falta de informação. Cuidem da sexualidade de vocês com responsabilidade, pois ela é uma das maiores ferramentas de autoconhecimento do homem. Ser feliz nessa área é sinônimo de sucesso pessoal. Contem pra mim e comigo sempre que precisarem!

Poderia escrever um tratado sobre as possibilidades que a vida apresentará a vocês, meus filhos. Prefiro concluir com o óbvio: a vida de cada indivíduo é única; as circunstâncias são originadas da complexa interação das decisões com o meio; pai estará aqui como um observador-orientador sempre.

“Todos, invariavelmente, chegaremos ao final da estrada; o que torna, indubitavelmente, o apreciar do caminho a parte mais importante da viagem. Amo vocês!” . ❶

Do Caderno Verde

O prontuário é a segurança do médico.

A observação médica se faz diariamente. Não se deve deixar para depois. O médico deve registrar o quê e o porquê. Com clareza, concisão, prudência e veracidade. O prontuário é onde treinamos nossa objetividade e blindamos nossa segurança. E depositamos um possível norte para o paciente e a pesquisa. Então, sejais conciso, com siso. Exerça a lógica impiedosa e prudência consumada.

A MEDICINA E O ENSINO: DESAFIOS E CONFLITOS

DR. PEDRO BRUNO COSTA MURARA

O processo de formação de profissionais médicos visando à perpetuação do nosso ofício dentro da sociedade, que é uma condição essencial e mínima para a própria perpetuação dessa sociedade, é repleto de desafios e conflitos.

Um profissional, mais velho, é colocado em posição de ser um facilitador em processo de aprendizado de um ofício infinito, dinâmico e de responsabilidade imensurável, lidando com as fragilidades da vida, protagonizado por indivíduos e grupos de alunos, jovens, adultos e até adolescentes, com diferentes graus de maturidade, realidades socioeconômicas, culturais etc. Este professor, por sua vez, teve professores ainda mais velhos e, naturalmente, o seu lecionar será carregado das bagagens de quando fora aluno destes. A explosão tecnológica da era dos dados com seus naturais impactos no comportamento e costumes das pessoas, especialmente dos mais jovens, parece distanciar ainda mais as gerações de alunos e professores, mesmo destes que fizeram a transição entre esses papéis há menos tempo.

Especificamente no ensino em saúde, os livros, publicações e periódicos rapidamente migraram de suas formas físicas para digitais. Vídeos e animações de computação gráfica de procedimentos, achados semiológicos, exames físicos, manobras e exames complementares surgem agora em escala industrial, quando há poucas décadas a leitura, a imaginação e a experiência prática em casos reais eram os únicos meios de contato com o conteúdo. Modelos de treinamentos de habilidades em simuladores, videotreinamento cirúrgico, realidade virtual, elevam ao mais alto patamar tecnológico a experiência educacional.

Nós, médicos, a priori, não fomos capacitados em nossa graduação para sermos educadores médicos, apesar de não haver medicina sem praticar a educação.

Educamos nosso paciente o tempo todo, quantas vezes for necessário. Explicamos o que é o açúcar no sangue que está alto e o que deve ser feito. Explicamos o que é a pressão alta e o que deve ser feito. Devemos ser tão bons nisso que nossos pacientes, mesmo que em muitos casos

como propositalmente nos exemplos colocados nada sintam, mesmo assim, pela compreensão, mudarão hábitos cunhados ao longo de décadas. É por isso que, conforme aprendi com meu professor, nos chamam de doutores (*docere*, do latim - docência, relativo ao ensino). A Medicina é praticada ensinando, mas ensinar a Medicina é muito mais profundo, até pretensioso.

Podemos, sim, ter sido estimulados a preparar aulas, seminários, apresentar pôsteres em congressos, mas a educação e a formação de um profissional-cidadão vão muito além disso.

Com toda a certeza, os educadores mais marcantes que tive na minha formação médica não foram os que mais despejaram conteúdos, estatísticas epidemiológicas, artigos e técnicas, apesar de isso ser sim fundamental e atemporal. Os grandes educadores foram os que me inspiraram, os que dividiram comigo as razões pelas quais se apaixonaram e se apaixonam reiteradamente pelo exercício da vocação médica.

São seis anos de graduação médica, mais alguns tantos de residências, especializações, subspecializações, aperfeiçoamentos e por aí em diante. Situações nas quais somos predominantemente alunos, orientandos. Pode até parecer muito, mas não é nada comparado ao tempo em que seremos nossos próprios professores daí em diante.

A formação é um processo contínuo, que tem na graduação apenas o seu início formal. É uma construção de responsabilidade compartilhada entre alunos, docentes e instituição. O papel do médico educador não se encerra ao final de uma prova, uma disciplina, um estágio. Ele cria marcas, impressões, hábitos, comportamentos.

Assim como um pai, inflexível, que, mesmo tendo crescido em constante atrito com seus próprios pais, educa seus filhos à perfeita cópia da educação que recebeu, não vejo possibilidade de grande êxito na educação médica àquele que não for capaz de trocar perspectivas e estar disposto a “molhar os pés” na realidade do discente. De maneira nenhuma isso quer dizer abandonar tradições e legados dos mestres do passado, mas sim encontrar o melhor dos dois mundos num contínuo processo de melhoria. **❶**

E você, doutor, aprende ou ensina?

DRA. MARIA OFÉLIA CAMORIM FATUCH

Falar sobre esse tema do título é abordar Paulo Freire; ninguém mais do que ele para retratar a pedagogia do ponto de vista filosófico.

Em qualquer escola, mesma a da vida, o objetivo em aprender é pensar. E o ensinar não seria transferir conhecimento, mas permitir ferramentas para desenvolver o raciocínio. A capacidade em persuadir alguém sobre determinado assunto.

Simultaneamente, durante o viver, executa-se ambos. Poucos interrogam o que está envolvido nessa troca: consciência crítica, transformadora e diferencial.

Todos os pais almejam para seus filhos a melhor educação, universidade, pós-graduação etc. Poucos deles, porém, serão estimulados como futuros educadores; isto tem sim relação com o aspecto financeiro.

Ninguém detém a totalidade do conhecimento; aprende-se diariamente durante o percurso. Repassando as pessoas ao redor, de forma direta ou indireta, talvez essa seja a grande fonte do saber.

Na criança, o aprendizado é direcionado e a repetição é o melhor método. Ser lúdico é facilitador. Através do brincar, treina-se o que é ser adulto.

Com a maturidade, aprender requer desejo. Saber o que quer é o desafio.

Através dos sonhos projetados pelos pais, ou por impulso interno, chega-se à Medicina!

A convicção do exemplo ser uma fonte inspiradora para o futuro não é determinante. Existe necessidade em criar oportunidades e estímulos.

Ao escolher a profissão mais concorrida, desafiadora e com proeminência social, perde-se a consciência do maior privilégio, o aprender a viver.

O sofrimento, dor ou morte se aproximam da essência do ser humano e traz o melhor dele. As máscaras e armaduras são retiradas. E momentos profundos de reflexão surgirão: qual é o sentido da vida?

Ao estudar, ler, conhecer o desconhecido e ser desafiado física e emocionalmente, os melhores serão selecionados.

O consumo de letras através da escrita e leitura cria o grande comunicador. Através das suas experiências, diferencia-o dos demais. Assim como a criatividade é uma característica individual e provoca no outro a curiosidade.

A escuta é um facilitador do processo de aprendizagem. Contar histórias desperta a empatia e envolve o espectador, aproximando-o da realidade.

Ser médico vai além do ato de exercer o culto ao corpo humano. É tocar na alma de alguém.

O confronto entre vida e morte, pobreza e riqueza, saúde e doença, amor e ódio proporciona a dimensão do universo e as suas escolhas.

Talvez nesse momento surge a fé mística, a famosa espiritualidade.

Em crônica publicada recentemente, onde retrata a sua experiência sobre a Covid-19, o renomado advogado Sérgio Bermudes recordou Louis Pasteur: “Certa vez lhe perguntaram como era possível um cientista que havia lido tudo sobre todas as coisas conseguir ainda ter fé. Ele respondeu que, por ler muito e estudar muito, tinha a fé de um camponês bretão. E completou dizendo que quando estudasse mais e lesse mais, teria a fé de uma camponesa bretã. Eu penso mais ou menos assim. Minha fé é muito pequenininha, mas muito convicta.”

O conhecimento humano e técnico é expressado diante do amor de alguém. Amor é um ato de coragem, mesmo no sentido figurativo; apenas alguns terão o poder de entrega. O acesso a esse amor se faz através da humildade. Diariamente, ao entrar no hospital, lembre-se disso! Nas palavras mais uma vez de Paulo Freire: “É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”. **i**

Para Refletir

"Não há mestre que não possa ser aluno".

BALTASAR GRACIÁN (1601-1658)

Conhecimento e verdade estão longe de ser a mesma coisa; e geralmente nem se relacionam. O conhecimento habita em cabeças repletas de pensamentos de outros homens; a sabedoria nas mentes atentas às suas próprias ideias. O conhecimento se orgulha de ter aprendido tanto; a sabedoria é humilde por saber tão pouco.

Sobre tornar-se professora

DRA. ÚRSULA BUENO DO PRADO GUIRRO

Primero vestibular para Medicina e lá estava meu nome; passei na universidade pública. Eu era caloura do tão sonhado curso! Mudei de cidade, aprendi a viver em república estudantil e com orçamento contado.

O desejo de ser cirurgiã sucumbiu nas primeiras aulas de anatomia, pois tive certeza de que jamais compreenderia tantas relações anatômicas e, definitivamente, eu preferia as relações humanas.

Fui apresentada a muitas matérias ao mesmo tempo, relatórios e provas. Semestres atrás de semestres e a complexidade só aumentava.

O encantamento inicial do curso de Medicina deu lugar a uma inquietação sem nome. Uma angústia misturada com insatisfação; um sofrimento que resultou em desencanto. Sempre li e estudei muito, portanto, desempenho acadêmico não era o problema. O que eu queria era o brilho nos olhos, aprender de um jeito diferente do que me ensinavam, mas não sabia o quê, nem como.

Compreendi que não bastava estudar; precisava urgentemente alimentar aquela inquietação, senão ela me devoraria.

Fiz o caminho que acadêmicos de Medicina fazem: busquei estágios supervisionados por outros médicos. Aprendi muito nestes plantões. Entretanto, ainda faltava algo na alma para encantar novamente. Onde estava aquele brilho nos olhos?

Apareceu uma seleção para iniciação científica com um mestre da Psiquiatria, o Prof. Dr. Mário Sérgio Ribeiro. Alguns falavam que ele era uma pessoa difícil. Por que não tentar e ver no que isso levaria?

Não passei na primeira seleção, mas em seis meses fui chamada para conversar. Outros candidatos desistiram. “Ele exige muito”, disseram.

O nosso primeiro contato foi ótimo e de pessoa difícil não vi nada: o professor foi claro com o que deveria ser desenvolvido e as metas a serem atingidas em poucos meses. Eu, que adoro um planejamento, amei.

Ele disse: “Você tem uma pilha de prontuários dos últimos dois anos para digitar e conferir o banco de dados dos últimos dez anos. Quer?”

“Sim, quero”, respondi. Claro que uma bolsa de estudos do CNPq ajudou a querer ainda mais a oportunidade.

Aprendi que em pesquisa há muito – mas muito mesmo – trabalho a ser feito: planejar, liberações éticas, compreender metodologia de pesquisa, coleta e digitação de dados, conferir minuciosamente banco de dados, fazer busca bibliográfica em bases de dados, ler artigos científicos criticamente, correlacionar os achados, testes estatísticos, escrita científica, pensar, refletir, revisar, questionar... Um artigo publicado é só consequência de muito trabalho.

A inquietação ruim que me corroía foi se transformando em algo bom. Em poucos meses, trabalhar com pesquisa e com aquele professor me fizeram gostar de Medicina novamente. Estava aí o brilho nos olhos!

Preciso contar uma dica valiosa que aprendi com o professor: salvar arquivos em dois disquetes sempre. Hoje seria o *pen drive*, nuvem e *e-mail*. Salvar arquivos nunca é demais. Nossos traços obsessivos-compulsivos se transformaram em piada digna de gargalhadas. Pode parecer brincadeira, mas você nunca irá se arrepender de ter feito *backup*, exceto quando não o fizer e perder arquivos.

Poucos meses depois de me tornar orientanda, apresentei uma pesquisa em congresso pela primeira vez. Subi no palco com a mão gelada e falei. Alguém da plateia fez pergunta e, confesso, de tão ansiosa não entendi nem a pergun-

A INQUIETAÇÃO RUIM QUE ME CORROÍA FOI SE TRANSFORMANDO EM ALGO BOM. TRABALHAR COM PESQUISA E COM AQUELE PROFESSOR ME FIZERAM GOSTAR DE MEDICINA NOVAMENTE. ESTAVA AÍ O BRILHO NOS OLHOS!

ta e seria incapaz de responder. O professor Mário Sérgio me salvou do vexame! A partir daí foram várias apresentações de pesquisa e perdi o medo do palco e das perguntas.

Escrevi manuscritos científicos e fui corrigida exaustivamente até aprender a fazer melhor. Nada como a experiência do professor e o meu tempo para aprender. Recebemos os primeiros aceites para a publicação de artigos científicos. Que orgulho ser autora pela primeira vez!

Ao longo dos anos de iniciação científica com o professor Mário Sérgio, encontrei um local para mim na Medicina: queria ser professora, pesquisadora, queria ser aquela humana que ajuda outros seres humanos a aprender. Compreendi também a humildade; que eu precisaria ganhar anos experiência como médica e ter outras formações como residência médica, mestrado, doutorado, pós-doutorado, pós-graduações e experimentar a vida...

Foram anos para chegar até aqui e me tornar médica, professora e orientadora. Não escolhi a especialidade do meu professor e jamais houve essa pressão. Talvez eu fosse feliz na Psiquiatria, mas minha história levou à Anestesiologia, Medicina Paliativa e Bioética. Ambos nutrimos amor pela Filosofia. Ele, como um bom professor, ensinou que eu deveria crescer e estimulou a dar meus próprios voos.

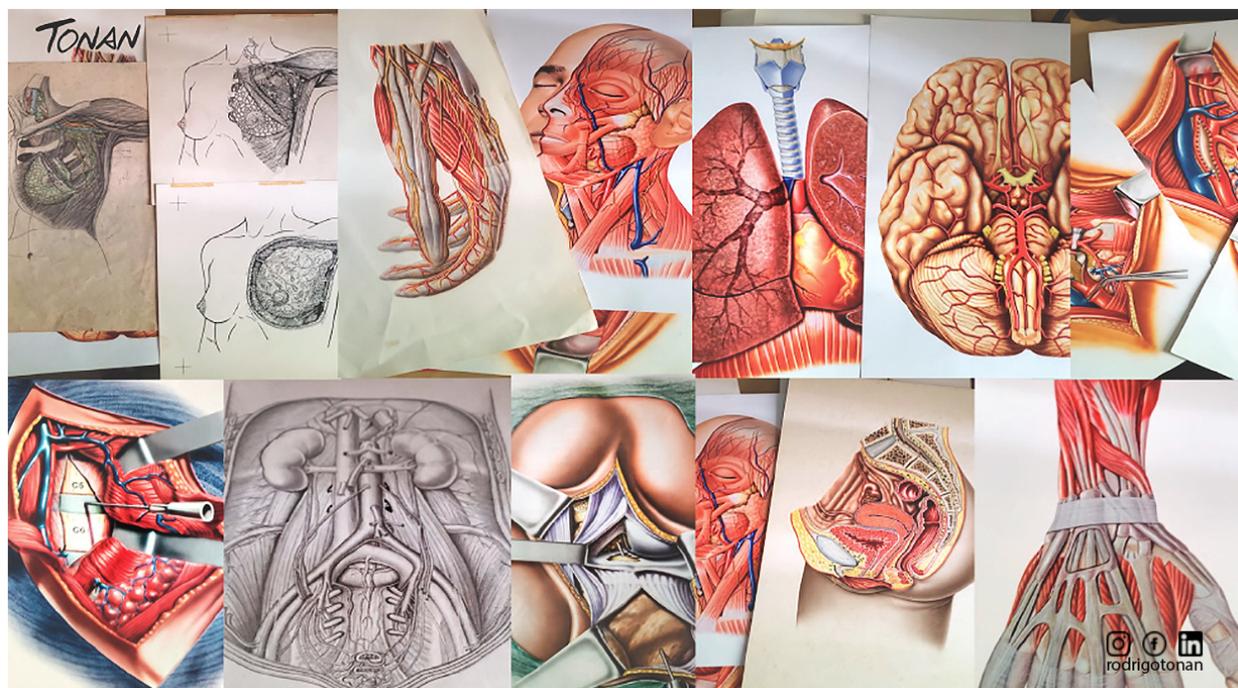
A relação professor-estudante se transformou em

amizade que dura mais de 20 anos e 900 km de distância. O Mário Sérgio se tornou amigo da minha família e eu, da dele. As reuniões de orientação se transformaram em jantares com conversas agradáveis sobre filosofia, viagens e a vida.

O nosso último encontro marcante foi na minha apresentação do pós-doutorado em 2020. O professor sabia que tinha um tanto do que aprendi com ele ali, melhorada e amadurecida. Claro que houve acréscimos de outros mestres incríveis que a vida me proporcionou, como os Professores-Doutores Elizabeth Milla Tambara, Carla Corradi Perini e José Eduardo de Siqueira.

Aprendi – e ainda aprendo – a ser professora com os meus professores. Também aprendo com os estudantes. Acredito que a docência é isto: aprender para ensinar e ensinar para aprender. Ou seja, a ensinagem, essa parceria deliberada entre estudante e professor para a construção dos conhecimentos e que deixa marcas para toda a vida.

Agradeço aos meus professores, professoras e estudantes. Eu seria outra Úrsula se não tivesse o privilégio de conviver e aprender com eles. Obrigada por me devolverem o brilho nos olhos e o encanto pela Medicina. Que eu possa proporcionar o que desejei aos estudantes que hoje convivem comigo. 





There's Plenty of Room at the Bottom (“Há muito espaço lá embaixo”)

Estamos em 12 de maio de 2012, em Ouro Preto, MG, no último dia do 12º Simpósio Internacional de Urolitíase, pela primeira vez realizado na América do Sul. Divido a mesa com um palestrante brasileiro, um inglês e o moderador americano. Uma pergunta é lançada sobre mecanismos moleculares de cristalização urinária (uau, felizmente o inglês apressa-se em responder). O questionamento era da dra. Rosemary Ryall, australiana, muito conceituada pesquisadora de micromoléculas urinárias. A dra. Ryall enfatiza a necessidade de mais estudos nesse campo e utiliza a seguinte frase: “*There's Plenty of Room at the Bottom*” (algo como “Há muito espaço lá embaixo”). E em seguida acrescenta: “É claro que vocês sabem que esta frase é de Feynman...”

Bem, não posso dizer com certeza se alguém do pódio conhecia o autor. Eu nunca tinha ouvido falar. Ao retornar, fui procurar saber algo sobre este Feynman. E é este conhecimento, que tem uma interessantíssima conexão com o Brasil, que compartilho agora.

Richard P. Feynman nasceu em 1918, em Nova York, nos EUA. Estudou física no M.I.T. e em Princeton. Lecionou em Cornell e no Instituto de Tecnologia da Califórnia. Deu admiráveis contribuições à Física e foi considerado uma das mentes mais criativas de seu tempo. Participou do Projeto Manhattan, aquele que criou a bomba atômica americana, e liderou as investigações do acidente do Ônibus Espacial Challenger. Ganhou o Prêmio Nobel em 1965 e faleceu em 1988.

Em 1959, fez uma conferência para a Sociedade Americana de Física, com o título “*There's Plenty of Room at the Bottom*”, na qual chamou a atenção para o enorme po-

tencial existente na escala atômica. Queria com isso dizer que, entre os átomos e as moléculas, havia muito espaço vazio e que, aproveitando esse fato, poderíamos mover os átomos e as moléculas da maneira que quiséssemos para criar estruturas ou modificar estruturas já existentes.

Essa palestra é considerada por muitos o ponto de partida da nanotecnologia. “Por que não podemos escrever os 24 volumes inteiros da Enciclopédia Britânica na cabeça de um alfinete?”, ele questionava. Ou ainda, mais interessante para nós médicos: “...Seria interessante se, numa cirurgia, você pudesse engolir o cirurgião. Você coloca o cirurgião mecânico dentro da veia, e ele vai até o coração e ‘dá uma olhada’ em torno [...]”. Lembram-se daquele filme de ficção científica *Viagem Fantástica*?

Incomodado com a falta de liberdade ocasionada pelo macarthismo vigente nos Estados Unidos, Feynman veio ao Brasil em 1951 para um período sabático de quase um ano e lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Feynman criticou o ensino de Física no Brasil por ser baseado na “decoreba”, sem estimular o raciocínio científico ou a observação empírica. Essa experiência rendeu um capítulo de seu livro *Só pode ser brincadeira, Sr. Feynman!* (traduzido de *Surely You're Joking, Mr. Feynman!*), publicado em 1985 nos EUA.¹

Um trecho do livro: “Só quando o estudante está pesquisando fatos que efetivamente estão se desenrolando perante ele (e não imaginariamente no quadro negro), só quando investiga, aguçado pela curiosidade e pelo encantamento ante o mistério, está ele aprendendo ciência (...). O maior valor da ciência é alimentar a curiosidade e nos dar o inigualável prazer de desvendar o desconhecido.

**DA BIBLIOTECA PESSOAL,
SOBRE O MESMO TEMA:**

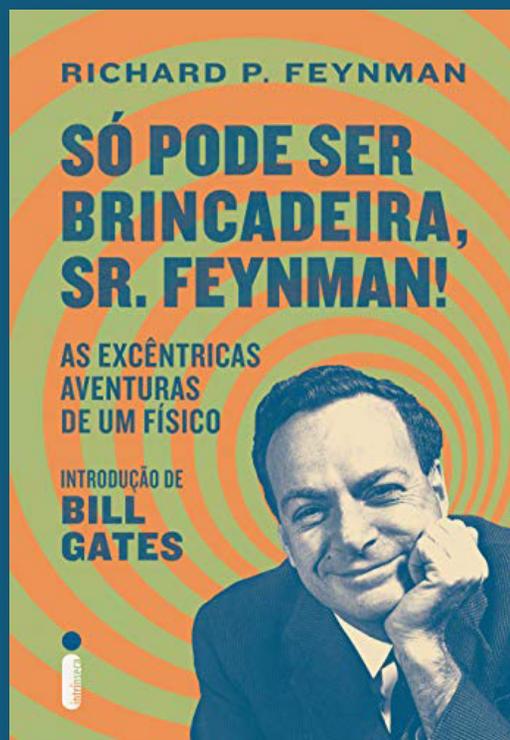
- **Rápido e Devagar – Duas Formas de Pensar –**
Daniel Kahneman
- **A vantagem humana: como nosso cérebro
se tornou superpoderoso – Suzana**
Herculano-Houzel
- **A lógica da Pesquisa Científica – Karl Popper**

Devemos ensiná-la para ampliar o círculo dos que podem participar da deliciosa aventura de conhecer.”

Resumidamente, Feynman acreditava na rejeição do aprendizado como mera memorização de nomes e informações; na rejeição a figuras de autoridade intocáveis na educação. Afirmava que notas e premiações não deveriam ser o objetivo final da educação. O prazer em aprender coisas novas, sim; que deveria haver respeito à singularidade de cada indivíduo, já que, segundo ele, não existiria método universal de ensino que contemple a todos; e, finalmente, que a dúvida deveria ser estimulada. Não haveria mal nenhum em não saber todas as respostas.²

Acredito que Feynman permanece muito atual em nossos dias. Hoje, a busca pelo conhecimento tornou-se objeto de debate raso, longe da ideia de ensino e aprendizagem, de troca entre o professor e o aluno. Os posts e textos autodescartáveis, feitos para durar menos que uma tarde, muitas vezes substituem o conhecimento adquirido de forma mais lenta e laboriosa. Este, entretanto, deixa um legado sólido e palpável. Conhecer o nome de algo e realmente conhecer algo são coisas diferentes.

Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação? T. S. Eliot, *The Rock* (1934) ⓘ



O QUE DIRIA SHAKESPEARE:

*“Beleza, Bem, Verdade” sós, outrora;
Num mesmo ser vivem juntos agora.*

*A aprendizagem é um simples
apêndice de nós mesmos; onde
quer que estejamos, está também
nossa aprendizagem.*

*O bobo se acha sábio, mas
o sábio se acha bobo.*

1. Feynman retornou várias vezes ao Brasil. Considerava o samba um ritmo alegre, criativo e espontâneo e desfilou em blocos carnavalescos e escolas de samba do Rio de Janeiro.
2. Bacheга RRA. **Richard Feynman e os Fundamentos da Educação Libertária**. Universo Racionalista, 2015. Disponível em: <https://universoracionalista.org/richard-feynman-e-os-fundamentos-da-educacao-libertaria/>. Acesso em 13/08/2021.



A Escola de Atenas, pintura de Rafael Sanzio (1483-1520). renascentista italiano.

Da sabedoria chinesa à perfectibilidade de Rousseau

FERNANDA NICZ

Aos olhos daqueles que, como eu, acreditam que se está nesse mundo para evoluir e que evoluir significa aprender/aprimorar-se, é suposto vida (relações, circunstâncias e situações) ser escola. Eterno lapidar-se.

Num passado distante, o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau discorreu sobre perfectibilidade; não como o tornar-se perfeito, mas como a capacidade do ser humano de aperfeiçoar-se ao longo da vida.

Os mestres chineses definem o homem sábio como sendo aquele que observa e segue as leis (gratuitas) da natureza. “A água vai pelo caminho mais fácil”, “o bambu curva-se no vendaval para não quebrar e sua maior qualidade é o vazio interior”, “as folhas caem, o tronco fica” e por aí vai. Mas, destas lições, só usufruem os que se recusam viver “no automático”. Para enxergar presentes, é imprescindível reaprender a estar presente no momento presente.

Vale lembrar que experiência não se transfere, adquire-se e que sabedoria não é acúmulo de conhecimentos, mas disponibilidade e vontade de observar e assimilar.

E, se está atento exatamente agora, sabe que, neste momento, alterações climáticas em diferentes continentes denunciam porquê clama o Universo; mudanças são urgentes no modo de vida, valores e na relação com o todo. A consciência de unidade ou emerge de vez ou se assistirá à inevitável destruição do espaço.

E por onde começar?

Primeiramente é preciso mudar (despertar e reeducar) as pessoas para que estas mudem a sociedade e então, o mundo. Processo demorado e difícil, mas não impossível. E como se mudam pessoas?

Rousseau (novamente) acreditava que um novo formato de educação seria o caminho para formar um novo homem. Segundo ele, as instituições educativas tradicionais corrompiam e tiravam a liberdade.

Aí vem em mente uma frase – de autoria de Neale Donald Walsch – que me lembra uma fase de descobertas; *os maiores aprendizados acontecem, de fato, fora da zona de conforto*. E foi exatamente muito longe do meu “porto seguro” que, em 2014, numa longa viagem por Itália e Portugal, deparei-me com diferentes maneiras de estar no mundo e conheci projetos inovadores voltados à educação.

Vale ressaltar, por óbvio, que sair da zona de conforto não implica necessariamente mudança de espaço. Mas, para “reinventar a sociedade”, rever valores, aplicar novos conceitos e reformas é fundamental deixar de olhar apenas para si e seu entorno e enxergar um pouco mais além da zona de conforto/segurança. Viver não pode ser apenas fazer parte de um todo, mas fazer sua parte dentro deste todo. **❶**

MÃOS DADAS

DRA. LAURA MOELLER E DR. VARLEI ANTONIO SERRATTO

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*

*Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente,
os homens presentes, a vida presente.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Em tempos pandêmicos, quando o Sentimento do Mundo correu assustado entre angústias de nova doença, lutos confusos e distanciamento entre as pessoas, o presente se refez na sua apresentação e valores.

Apesar de singelamente termos nos adaptado a saudações com cotovelos, toque de ponta de sapato e *namastes*, sempre apertamos as mãos: damos uns aos outros as mãos como expressão de respeito. Andamos de mãos entrelaçadas quando enamorados por carinho e cumplicidade, uma união fortalecida e quiçá um medo de perda. Não existe nada mais humano que dar as mãos.

Quem nunca se encantou com as mãos de um bebê?

Estendemos as mãos para receber e porque não aproximar o que às vezes se encontra longe.

Supinamos as mãos em orações e pedidos, suplicando; e as pronamos, pendidas e curvadas, mostrando nossa finitude material e respeito ao celestial.

É a mão que nos apresenta, que nos revela, que nos representa!

A humanidade passa pelas mãos, nos conectando e comunicando, com libras e figuras de linguagem.

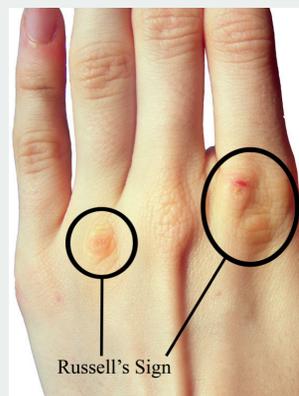
A Medicina também; doenças são deflagradas por sinais nas mãos. A mão reveladora!

E é esta a coluna do *látrico*, de “mãos dadas”, que tenta humildemente junto com os colegas das diversas especialidades vislumbrar e valorizar a prática clínica através da semiologia nas mãos.

O primeiro contato físico. O nosso primeiro exame físico. E como isto é importante e atualmente esquecido pela prática médica contemporânea, armada – sem mãos – de irrestrito arsenal tecnológico, que dificilmente consegue extrair informações que uma simples mão possa gratuitamente fornecer, seja do examinador, seja do examinado. Tato, pressão, calor, rugor, texturas, tremores e porque não sentimentos que somente uma mão e seus inúmeros receptores podem nos revelar, num desprezioso cumprimento. E muito da semiologia pode ser revelado num cumprimento de mãos.

E vamos lá, compreender os sinais! Por que não?

SINAL DE RUSSEL: úlceras ou escarificações dorsais da superfície das mãos e a presença de calos nos dedos podem ser observadas em decorrência dos vômitos excessivos e foram descritos em 1979 por Gerald Russel. O nome “Sinal de Russel” foi dado a estas lesões que ocorrem como resultado de um trauma na pele, secundário ao uso das mãos como instrumento indutor dos vômitos. As lesões podem aparecer em qualquer lugar do dorso das mãos, muito embora se situem mais usualmente na junção metacarpo-falangeana. Podem ser superficiais ou progredirem para calosidade hiperpigmentada com escarificações. ⓘ



Seleção de filmes para ver e rever

JUDAS E O MESSIAS NEGRO (2021)

POR QUE VER: indicado a seis estatuetas, ganhou o prêmio de melhor ator coadjuvante (Daniel Kaluuya) e de música original feita para filme. A biografia de Fred Hampton, um dos líderes dos Panteras Negras, braço armado do movimento negro em defesa dos direitos civis americanos e seu contraponto com os movimentos pacíficos com os mesmos objetivos. O dúbio combate do FBI (agência federal de investigação) americano e de seu mítico chefe Edgard J. Hoover contra os Panteras Negras e os não menos violentos movimentos de extrema direita.

DIRETOR E ATORES: Shaka King, prestigiado diretor de curtas-metragens e “habitué” do festival independente Sundance, entrega o seu primeiro grande filme protagonizado pelo excelente Daniel Kaluuya (*Corra*, 2017; *As Viúvas*, 2018; *Pantera Negra*, 2018; *Queen & Slim*, 2019), tendo como coadjuvantes Lakeith Stanfield (*Selma*, 2014; *Corra*, 2017; *Entre Facas e Segredos*, 2019) e Jesse Plemons (*O Irlandês*, 2019; *Black Mirror*, 2017; *Fargo*, 2015), também com ótimos desempenhos.



NÃO PERCA DE VISTA: no título primoroso do filme; na transformação que sofre o relacionamento do agente do FBI (Plemons) com o “Judas” (Stanfield); na ponta do quase irreconhecível Martin Sheen (*Apocalypse Now*, 1979; *Os Infiltrados*, 2006) como E. J. Hoover; Lakeith Stanfield também concorreu ao Oscar de melhor coadjuvante por este filme, o que estranhamente sugere que a Academia tenha julgado que o filme não tenha um ator principal.

QUO VADIS, AIDA? (2021)



POR QUE VER: indicado ao Oscar de melhor filme internacional e detentor de 10 prêmios em festivais internacionais. Pela relevância do tema, o genocídio praticado pelos sérvios contra a população de maioria muçulmana de Srebrenica (Bósnia), em 1995, no maior massacre ocorrido na Europa após a Segunda Guerra Mundial.

DIRETOR E ATORES: a diretora Jasmila Žbanić arranca uma performance visceral de sua protagonista principal, Jasna Juricic, no papel da infatigável Aida.

NÃO PERCA DE VISTA: no *run movie* protagonizado por Aida, tradutora das tropas da Organização das Nações Unidas (ONU) sempre tentando proteger a sua família e o seu povo; na impossibilidade de medidas efetivas devido a alegada “imparcialidade” da ONU quando se está diante de um genocídio; no *know-how* nazista utilizado pelos comandantes sérvios para a realização do massacre.

A MULHER NA JANELA (2021)



POR QUE VER: mulher com agorafobia presencia um assassinato de sua janela. Bela e explícita homenagem a um dos maiores autores do cinema, Alfred Hitchcock, tendo como principal referência *Janela Indiscreta* (1954), já evidenciada na primeira cena do filme. Enredo envolvente com final imprevisível.

DIRETOR E ATORES: diretor de *O Destino de uma Nação* (2017), além de boas (*Ana Karenina*, 2012) e ótimas (*Orgulho e Preconceito*, 2005; *Desejo e Reparação*, 2007) adaptações literárias, Joe Wright dirige um excelente elenco encabeçado por Amy Adams (*Suspeita*, 2008; *Julie & Julia*; *O Vencedor*, 2010; *Curvas da Vida*, 2012; *Trapaça*, 2013; *A Chegada*, 2016), Gary Oldman (*Drácula*, 1994; *O Profissional*, 1994; *O Livro de Eli*, 2010; *O Destino de uma Nação*, 2017; *Mank*, 2020), Anthony Mackie (*Sob o Domínio do Mal*, 2004; *Menina de Ouro*, 2004; *Os Vingadores*, 2016) e Julianne Moore (*Fim de Caso*, 1999; *Magnólia*, 1999; *As Horas*, 2002; *Longe do Paraíso*, 2002; *Ensaio sobre a Cegueira*, 2008).

NÃO PERCA DE VISTA: nas referências menos explícitas de outros filmes de Hitchcock (*Quando Fala o Coração*, 1945; *Um Corpo que Cai*, 1958); na desglamourização de Amy Adams e na irreconhecível Jennifer Jason Leigh como a segunda Jane Russell.

EU ME IMPORTO (2020)

POR QUE VER: o tema é próximo ao cotidiano de muitas pessoas. Comédia de humor negro em que advogada arrivista tenta tirar vantagem de pessoas idosas em boa situação financeira, destituindo-as de seu poder de decidir e muitas vezes as internando em asilos. Pela atuação de Rosamund Pike, que ganhou um Globo de Ouro na categoria comédia/musical.

DIRETOR E ATORES: J. Blakeson, em seu melhor filme até aqui, dirige as excelentes Rosamund Pike (*Garota Exemplar*, 2014; *7 Dias em Entebbe*, 2018; *Radioactive*, 2019; *O Informante*, 2020) e Dianne Wiest (*Hannah e suas Irmãs*, 1986; *O Tiro que não Saiu pela Culatra*, 1989; *Edward Mãos de Tesoura*, 1990; *Tiros na Broadway*, 1994; *A Mula*, 2018), contando o elenco ainda com Chris Messina (*O Melhor Amigo da Noiva*, 2008; *Vicky Cristina Barcelona*, 2008; *Argo*, 2012), Peter Dinklage (*O Agente da Estação*, 2003; série *Guerra dos Tronos*, 2014; *Três Anúncios para um Crime*, 2017) e Elza González (*Em Ritmo de Fuga*, 2017; *Alita: Anjo de Combate*, 2019).

NÃO PERCA DE VISTA: em como o diretor acerta a mão neste tipo de filme dos mais difíceis de serem feitos, pois necessita de ritmo adequado associado a fina ironia, a comédia de humor negro; no duelo entre a esperteza de uma e a resiliência da outra representado pelas duas protagonistas principais (Rosamund Pike e Dianne Wiest); no belo roteiro do próprio diretor com final insuspeitado.



O INFORMANTE (2019)

POR QUE VER: ex-detento é recrutado a se infiltrar em grupo mafioso em troca de diminuição da pena e proteção para sua família. Apesar do roteiro um tanto clichê, os aspectos éticos da relação detento-detetive merecem uma boa espiada, trazendo ao filme uma boa dose de ação, mas dando ao espectador um mínimo tempo para reflexão.



DIRETOR E ATORES: no seu segundo filme como diretor, o ator Andrea Di Stefano comanda ótimo elenco, tendo à frente Joel Kinnaman (das séries *The Killing*, *House of Cards* e *Hanna*), Rosamund Pike (*Garota Exemplar*, 2014; *7 Dias em Entebbe*, 2018; *Radioactive*, 2019; *Eu me Importo*, 2020), Ana de Armas (*Blade Runner 2049*, 2017; *Entre Facas e Segredos*, 2019; *Sérgio*, 2020; *O Recepcionista*, 2020), Clive Owen (*Closer: Perto Demais*, 2004; *Arthur*, 2004; *Sin City, A Cidade do Pecado*, 2005; *O Plano Perfeito*, 2006; *Filhos da Esperança*, 2006) e Common (*Rainhas do Crime*, 2019; *Ava*, 2020).

NÃO PERCA DE VISTA: em como o diretor consegue aliar ótimos desempenhos à beleza de Kinnaman, Pike e das Armas; nos ótimos filmes protagonizados por Rosamund Pike desde o impactante e fundamental *Garota Exemplar* (2014); na ética peculiar de personagens aparentemente fora da lei em contraposição à ética questionável de quem deveria possuí-la e que já rendeu belos filmes, do clássico *Madrugada da Traição* (1955), de Edgard J. Ulmer, até o mais recente *O Contador* (2016), de Gavin O'Connor (com Ben Affleck).

BADLA (2019)



POR QUE VER: todas as circunstâncias apontam para a acusada de assassinato. Pelo título mantido do original hindi (*Badla*), para que não houvesse possibilidade de “spoiler”. Pelo método de busca da verdade pelo advogado que nunca perdeu uma causa nos últimos 40 anos.

DIRETOR E ATORES: o diretor e roteirista Sujoy Ghosh dirige o excelente Amitabh Bachchan e a ótima Taapsee Pannu.

NÃO PERCA DE VISTA: na parceria anterior dos dois atores principais (*Pink*, 2016); como em *Pink*, Amitabh Bachchan protagoniza um advogado que é contratado por Taapsee Pannu; como o tempo foi generoso com Amitabh Bachchan, que de galã um tanto canastrão se transformou nesse extraordinário ator. Apesar de toda a produção ser indiana, o filme se passa em Glasgow (Escócia); na importância da frase que permeia o filme “O medo é somente dos que têm mais a perder”; no inesperado “grand finale”; na transformação positiva que sofreu Bollywood (a Hollywood indiana), a maior indústria cinematográfica do mundo.

FILMES CULT

SE A RUA BEALE FALASSE (2018)

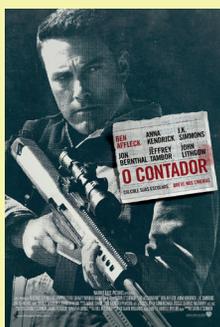


POR QUE VER: o filme foi nominado nas categorias de música original para filme e de roteiro adaptado e Regina King ganhou o Oscar de atriz coadjuvante. Além disso, o filme recebeu 107 prêmios em diferentes festivais de cinema. A trajetória de um casal afrodescendente que se ama desde a infância. O filme é baseado na obra de mesmo nome do imenso intelectual independente americano James Baldwin, que lutou pela causa dos direitos civis dos negros americanos na década de 1960 e cuja biografia pode ser vista no filme *Eu Não Sou o Seu Negro* (2016).

DIRETOR E ATORES: o premiado Barry Jenkins (*Moonlight: Sob a Luz do Luar*, ganhador do Oscar de melhor filme e roteiro adaptado, 2019), dirige KiKi Layne (*The Old Guard*, 2020; *Um Príncipe em Nova York 2*, 2021), Stephen James (*Selma, uma Luta pela Igualdade*, 2014; *Raça*, 2016) e Regina King (*Os Donos da Rua*, 1991; *Ray*, 2004).

NÃO PERCA DE VISTA: na suavidade do casal principal; na luta da sogra (Regina King) e esposa (KiKi Layne) para provar a inocência de Fonny (Stephen James); na qualidade de ambos, livro e filme, o que desmente o mito de que “o livro é sempre superior ao filme”; nas outras obras literárias de Baldwin (*Terra Estranha*, 1953; *Notas de um Filho Nativo*, 1955; *O Quarto de Giovanni*, 1956).

O CONTADOR (2016)

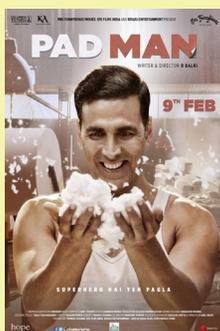


POR QUE VER: menino autista de alto desempenho se torna contador pela manhã e assassino de aluguel à noite. Pelo inusitado do tema. Pelo excelente roteiro e pela direção segura.

DIRETOR E ATORES: Gavin O'Connor, diretor de bom (*Força Policial*, 2008) e ótimo (*Guerreiro*, 2011) filmes de ação com pano de fundo moral, dá oportunidade a Ben Affleck (*Gênio Indomável*, 1997; *Atração Perigosa*, 2010; *Argo*, 2012; *Garota Exemplar*, 2014) em desempenho apropriado ao seu “physique du rôle”, com excelente elenco coadjuvante, tendo à frente JK Simmons (*Homem Aranha*, 2002; *Juno*, 2007; *Whiplash: Em Busca da Perfeição*, 2014; *La La Land*, 2016), John Lithgow (*Síndrome de Caim*, 1992; *Planeta dos Macacos: A Origem*, 2011; *O Amor é Estranho*, 2014; série *The Crown*, como Winston Churchill, 2016-9; *O Escândalo*, 2019) e Anna Kendrick (*Amor sem Escalas*, 2009; *A Escolha Perfeita*, 2012).

NÃO PERCA DE VISTA: no desfecho que complementa de modo sublime as cenas iniciais do filme; no perfeccionismo que o protagonista principal desempenha em suas diferentes funções; na fuga ao maniqueísmo da maioria dos roteiros de Hollywood.

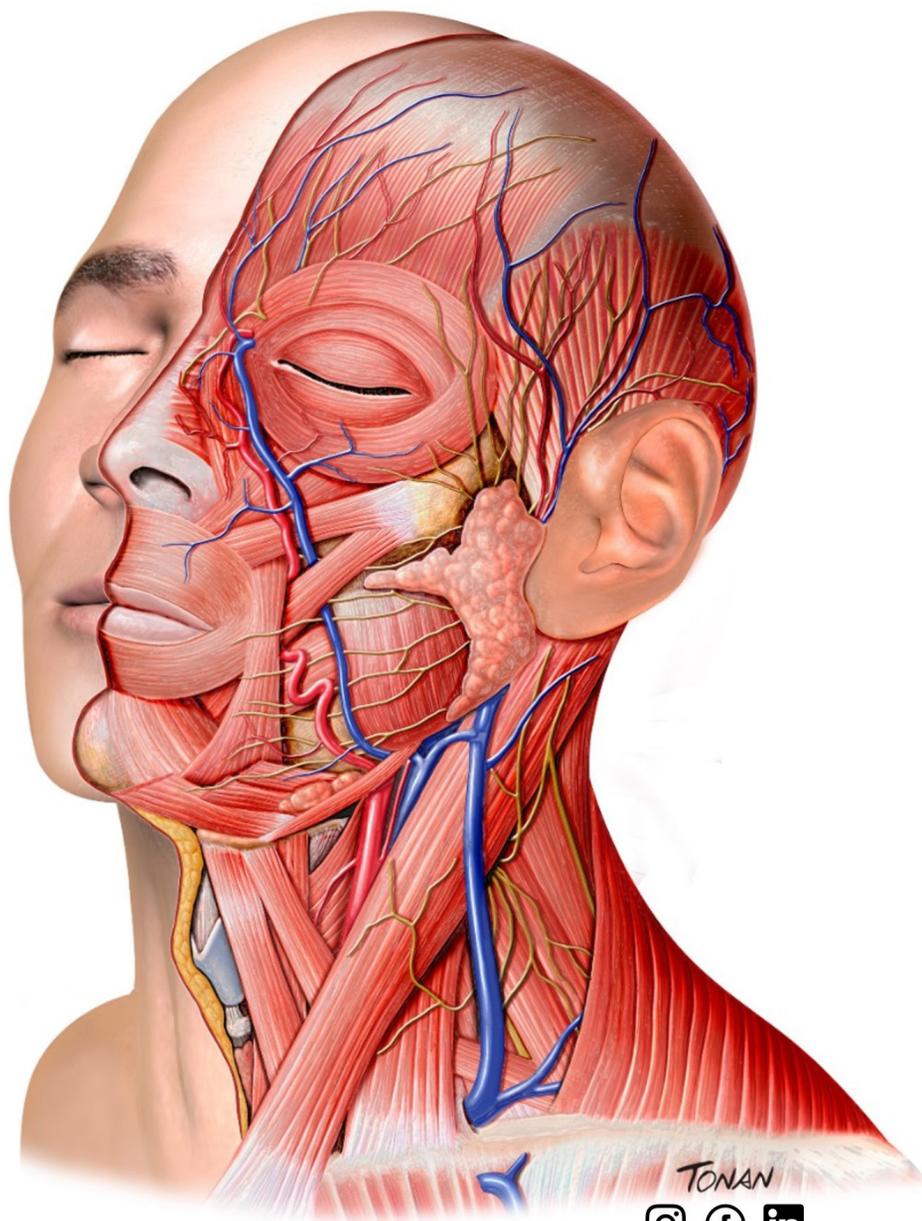
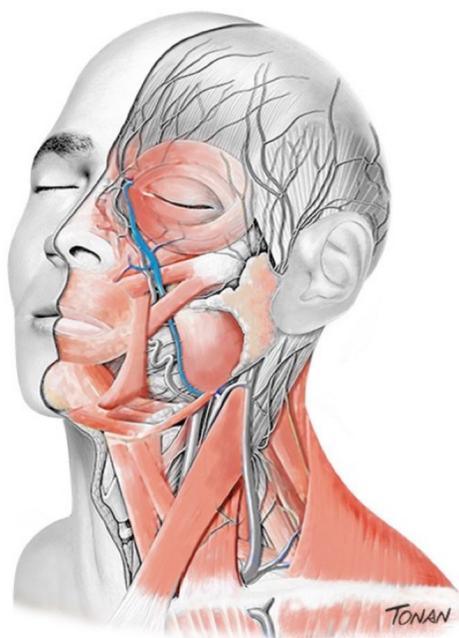
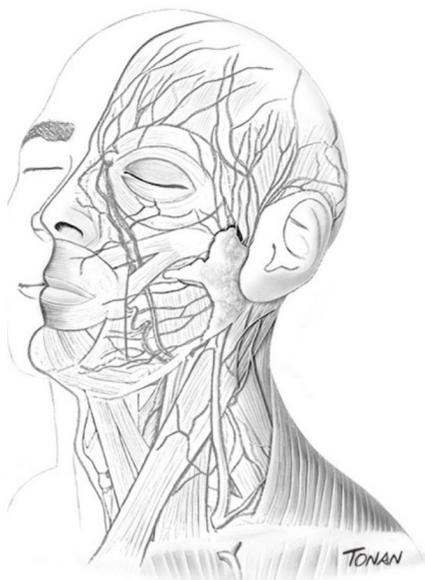
HOMEM-ABSORVENTE PAD MAN (2018)



POR QUE VER: empreendedor constrói uma máquina de absorventes para minorar o desconforto das mulheres indianas durante a menstruação. Pela relevância social do tema. Pelo conhecimento proporcionado por diferentes culturas.

DIRETOR E ATORES: R. Balki dirige os astros indianos Akshay Kumar (*Toilet: Ek Prem Katha*, 2017) e Radhika Apte (*O Convidado*, 2018).

NÃO PERCA DE VISTA: na boa vontade do personagem principal (Lakshmikant), cuja ingenuidade muitas vezes é confundida com más intenções; no humor proporcionado nas diversas confusões em que Lakshmikant se envolve; nas idas e vindas da mulher de Lakshmikant, conforme se altera a situação momentânea do marido de acordo com o seu conceito diante da sociedade.



Traduzindo a beleza das Ciências em Artes Médicas

DOS EDITORES

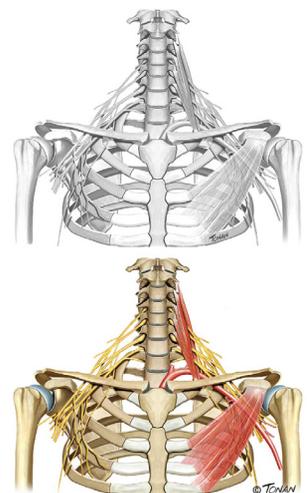
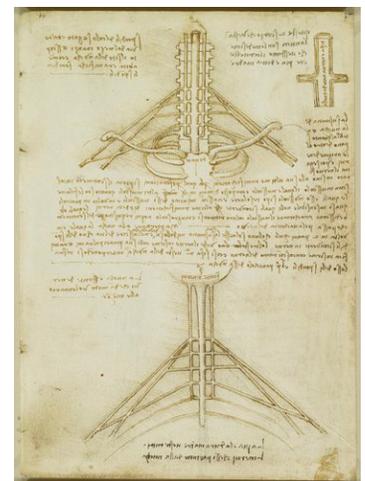
As técnicas do gênero evoluíram desde os estudos do corpo humano realizados por Leonardo Da Vinci até a era dos computadores e do aprimoramento de técnicas pelos artistas.

Ilustradores representam importante papel na evolução da Medicina e das Ciências no mundo ocidental. A conjugação de Arte e Ciência, impulsionada no período Renascentista, ganha uma dimensão especial nesta edição da revista, focada na temática ensinar-aprender. Ou aprender ensinando. A ilustração científica é um campo fértil no Mundo, mas em processo de consolidação no Brasil sob a perspectiva de que publicações e espaços artísticos passaram a valorizar o trabalho desses profissionais pela qualidade comunicacional e rigor científico.

Os desenhos permitem descrever uma realidade, com inserção de cortes, perspectivas variadas e registros explicativos. Podem exibir elementos não vistos em fotografias. Quer dizer, podem apresentar uma ótica artística fiel, revestida de ética científica, eis que os recursos hoje disponíveis ampliaram o campo de percepção do olho humano, levando a um patamar antes só imaginado. Na área médica, especificamente, são ilustrações de anatomia, músculos, tecidos, células e ossos, assim como os hospedeiros de doenças e seus ciclos.

Em países como os Estados Unidos, Canadá e Alemanha, é até comum hospitais manterem e valorizarem o cargo de ilustrador científico, que tem a missão de desenhar o passo a passo de procedimentos cirúrgicos, incluindo os mais complexos e que envolvem equipes especializadas e múltiplos instrumentos. Aqui no Brasil, um dos “artistas médicos” de renome e muitas premiações por seu trabalho é Rodrigo Tonan, paulistano que se iniciou na atividade como autodidata em 1997, no Hospital das Clínicas da FMUSP, e que incrementou a carreira depois de se formar em Artes Plásticas pela Faculdade Paulista de Artes, em 2004.

Hoje, depois de 24 anos na profissão e de ter realizado milhares de obras que ilustram livros, revistas, artigos e outras publicações, Tonan caminha firme para realizar o projeto do seu atlas de anatomia, “um sonho a se concretizar e, quem sabe, escrever nosso nome na história da Medicina, procurando juntar as artes médicas ao conteúdo e novas tecnologias”. O artista não apenas é o entrevistado desta edição da revista, para contar um pouco da profissão e de suas realizações, mas também é autor de obras que ilustram o *Iátrico* e que mostram toda a sua destreza e versatilidade no domínio de variadas técnicas. **1**



RODRIGO TONAN

Como é ser um artista médico?



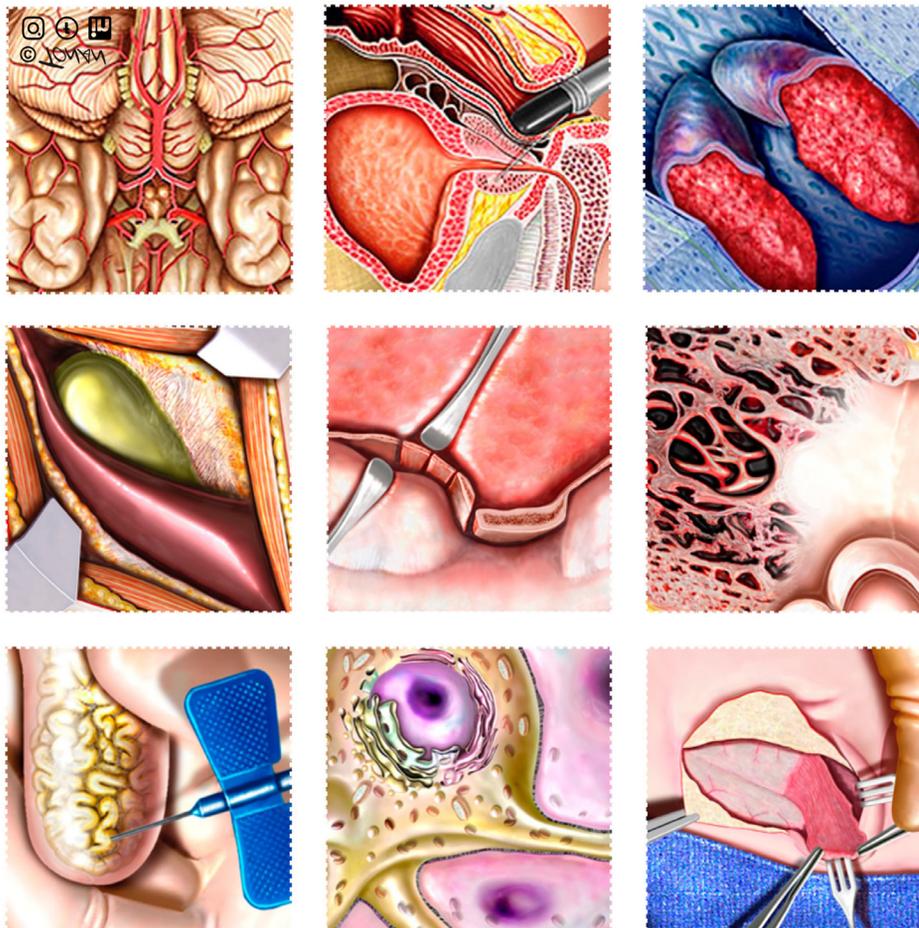
Rodrigo Ricieri Tonan nasceu em São Paulo, em 1978, e cresceu querendo ser um artista. Desde pequeno gostava de cantar com seu pai Dirceu e de se apresentar com o seu violão na escola e nas reuniões de família. Quando não tinha festa, passava bom tempo sozinho estudando ou observando sua mãe Izilda, que, nas horas vagas de seu trabalho como técnica de métodos gráficos no Incor, desenhava e pintava seus quadros para buscar uma renda extra em exposições no grêmio do próprio hospital ou na feira de artesanato de Embu das Artes, município metropolitano.

Tonan recorda: “Eu pegava gibis, fotos e outros desenhos e começava primeiro a copiar personagens e, depois, a modificá-los. Treinava muita luz, sombra e textura; fui aprimorando a cada dia para buscar o Hiper-realismo nos desenhos. Um certo dia, minha mãe disse que tinha um conhecido nosso que desenhava o corpo humano por dentro e gostaria de saber do meu interesse sobre essa oportunidade de ser desenhista médico. Fiquei encantado e, em maio de 1997, iniciei com o meu mestre José Falcetti. Comecei então as Artes Médicas no Instituto de Psiquiatria (Neurologia) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Me-

dicina da Universidade de São Paulo. Surgia ali, também, o sonho de ser alguém reconhecido.”

Homenageando a memória do artista plástico e artista médico José Falcetti, que faleceu em julho de 2018, Rodrigo Tonan conta ter sido aconselhado várias vezes de que a missão não seria nada fácil, mas que, se era isso que queria realmente, teria de estudar bastante e não só copiar desenhos, mas enfrentar o desafio de aprender muito a anatomia e fisiopatologias para se tornar um desenhista diferenciado. Isso incluía observar atentamente as cirurgias de todas as áreas da Medicina, além de ter o domínio pleno do desenho.

“Não me lembro de quantos cadáveres dissequei e quantas peças fui pedir para avaliar com o Professor Alfredo Luiz Jácomo, um ilustríssimo mestre de anatomia da Faculdade de Medicina do HCFMUSP. Ele sempre me apoiou em todos os momentos da minha carreira nos estudos da anatomia. Eu passava horas e até dias tentando entender as peças para buscar a riqueza dos detalhes corretos e texturas com o perfil de órgão do corpo humano; um verdadeiro desafio até os dias atuais”, relata Tonan.



"OS ILUSTRADORES MÉDICOS SE DISTINGUEM PELA CAPACIDADE DE CRIAR SOLUÇÕES QUE TRADUZEM CONCEITOS CIENTÍFICOS COMPLEXOS EM IMAGENS CLARAS, CONCISAS E MEMORÁVEIS."

O artista expressa seu agradecimento aos muitos professores, médicos cirurgiões e clínicos e outros profissionais - incluindo biomédicos e técnicos de laboratório e enfermagem - que fizeram parte de sua história e contribuíram para o aprendizado, dando dicas, aulas e até mesmo permitindo-lhe criar a partir de exames de diagnóstico e cirurgias que acompanhou ao vivo. "Eram pacientes para ensinar, fosse numa simples conversa ou orientação para contar como que seria o conhecimento de cada particularidade de uma simples doença e a sua solução para podermos desenhar o passo a passo", recorda.

CIRURGIA, O DESAFIO

O artista avalia que, na sua profissão, o maior desafio reside na cirurgia, pois precisa estar sob o espírito do médico-cirurgião e entender o passo a passo da técnica a ser empregada. "Funciono como se estivesse operando; a diferença é que, em lugar do bisturi e das pinças, uso lápis e pincéis. E o computador para retoques. Exige uma memória fotográfica para compreender os detalhes, as manobras que foram feitas por uma pinça e bisturi, além da anatomia do local para torná-la elucidativa, para todos aprenderem. Esses são os desenhos e o tipo de trabalho mais requisita[1]dos pelos médicos em suas publicações", diz.

Tonan avalia já ter desenhado o corpo humano 'dos pés à cabeça' em todas as áreas da Medicina. Essa convicção está amparada no seu vasto acervo. O banco de imagens reúne mais de 15 mil desenhos até os dias de hoje publicados e creditados, inúmeros deles presentes em revistas internacionais renomadas, como *RadioGraphics (RSNA)*, *Journal of Laparoendoscopic & Advanced Surgical Techniques*, *Elsevier ScienceDirect Journals & Books*, *IDKD Springer Series*, *Jacc Journals Case Reports*,



Tonan em dois momentos de seu trabalho artístico: no início de carreira e acompanhando cirurgia.

Frontiers in Neuroanatomy, The Journal of Craniofacial Surgery, European Society of Cardiology, Wolters Kluwer Health, Thieme Medical Publishers, além de outras tantas nacionais, como RBCP/Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, SBC/Sociedade Brasileira de Cardiologia, ABC Imagem Cardiovascular, IBEPEGE Arquivos de Gastroenterologia, Thieme Revinter, Editora Manole, RBO Revista Brasileira de Ortopedia, da SBOT/Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia.

O artista diz ter “o imenso agradecimento ao Departamento de Imagem Cardiovascular da Sociedade Brasileira de Cardiologia, principalmente aos membros da Vascular, pois me confiaram as ilustrações das diretrizes médicas e os pôsteres criados para os médicos terem em seus consultórios, em nome da Sociedade, e facilitar seus exames”. Ele reforça: “Lembro do grande desafio que foi quando os Drs. Arnaldo Rabischoffsky e José Carlos Moreira me convidaram, pois até então não tinha muita ideia de como que seria se reunir e aprender. E o principal: desenhar ao vivo em conjunto com vários palpites e ideias diferentes de uma equipe de 18 ilustres médicos de estados diferentes do Brasil, coordenados pelas doutoras Cláudia Maria Vilas Freire, Ana Cristina Lopes Albricker e Simone Nascimento dos Santos. Começava ali uma grande parceria com ilustrações nas diretrizes brasileiras cardiovasculares, em artigos científicos e exposição nos congressos.”

Essa parceria prossegue até hoje nos projetos do Departamento de Imagem Cardiovascular da SBC, tanto que Tonan produziu exclusivamente a nova logomarca e a presenteou à especialidade em agradecimento e confiança ao seu trabalho. “É preciso destacar o incentivo do departamento e de todas as diretorias do passado e presente”, diz. Rodrigo Tonan tem nada menos do que 25 livros ilustrados, com obras médicas inéditas criadas dentro do ambiente hospitalar, ao lado de médicos, alguns ao assistir à

execução de exames e outros desenhando em cirurgias. Entre os que destaca, aparecem *Ergometria Teoria e Prática*, *Eletrocardiograma Teoria e Prática* e *Eletrocardiograma Conceito e Conhecimento*, obras de autoria de Augusto Uchida; *Manual de Ecocardiografia e Ecocardiografia*, de Wilson Mathias Jr. e Jeane M. Tsutsui; *Fundamentos da Cirurgia Plástica*, de Rolf Gemperli, Ary Azevedo Marques de Neto e Alexandre M. Munhoz; *Cleft Lip and Palate Treatment*, de Nivaldo Alonso e Cassio Raposo do Amaral; e *Guia ilustrado para Injeção perineural em membros locomotores de Equinos*, parceria entre a Vetnil e os respeitados médicos veterinários Raquel Y. Arantes Baccarin, Luís Claudio L. C. da Silva e Patrícia Monaco Brossi.

“Cada livro teve seus momentos de desafios, mas o de veterinária foi um dos maiores até o momento, pois não conhecia a anatomia de um cavalo. Passamos seis meses com editores para aprendermos com as aulas de anatomia para tornar esse livro uma realidade. Ainda publiquei muitos trabalhos com a indústria farmacêutica nacional ou internacional, como atlas, manuais e separatas, junto com os médicos de renome. Um dos maiores sucessos foi a obra *Atualização em Traumatologia do Aparelho Locomotor*, do Instituto de Ortopedia da HCFMUSP. As pranchas originais, que envolvem meus trabalhos e do mestre Falcetti, ficam em exposição até os dias de hoje no serviço da especialidade”, relata o artista.

As ilustrações médicas de Tonan já mereceram muitas premiações, como o Prêmio Jabuti. Ainda foi premiado no Lupa de Ouro e capas de revistas nacionais e internacionais. Recebeu o Prêmio Pérez Castro, em Madri, com a Dra. Priscila Cardoso Braz, em trabalho publicado na revista espanhola *Archivos Españoles de Urología*, e, recentemente, da 106th Scientific Assembly and Annual Meeting of the Radiological Society of North America Implementing Bosniak 2020, com o Dr. Fernando Morbeck A. Coelho.

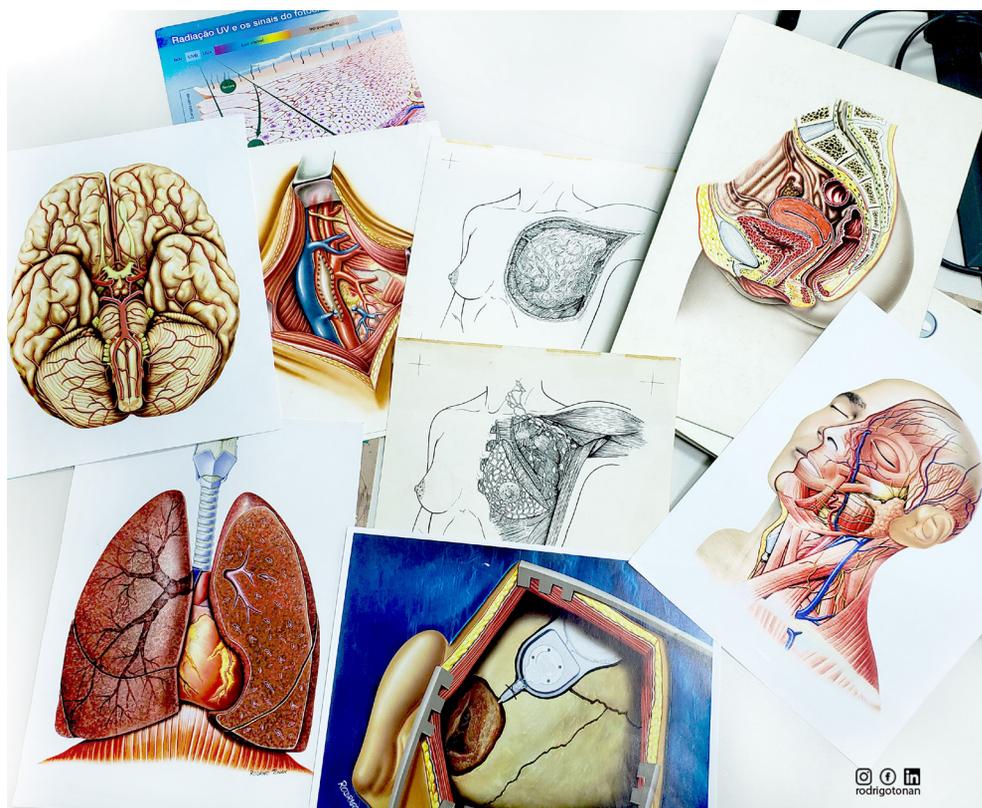
TESES MÉDICAS

Um dos trabalhos que Tonan gosta muito de fazer são as teses médicas de doutorado, livre docência e concursos para professores da área médica. “Desenvolvendo os desenhos e a montagens das aulas médicas ilustradas, foi uma forma de poder ajudar e fazer parte da história da carreira de cada médico em particular e, também, poder estar mais perto e conhecer os profissionais no seu dia a dia. É um momento inexplicável para mim também em ver meu trabalho sendo exposto e apresentado para todos. Assim, até o momento da apresentação, procuro estar ao lado dos médicos. Tenho hoje a produção de mais de 200 trabalhos desse tipo. Um dos nossos diferenciais foi criar os slides de forma didática, dando vida às aulas mesmo ele sendo um slide poluído de informação. Criamos uma grande amizade e admiração de cada médico, pois cada aula é uma história que estamos desenhando, além de aprender muito mais cada processo de um exame, cirurgia, anatomia... São delas, as aulas, que resultam grandes trabalhos em revistas importantes, pois estão dentro de hospitais e estão estudando sobre cada assunto”, relata.

Ao citar aulas memoráveis que lhe foram marcantes, pois não foram de apenas um dia, mas de meses de pro-

dução, Tonan inclui os doutorados de Flávio Henrique Duarte (vascular), Patrícia Moreno Grangeiro (ortopedista infantil), Priscila Cardoso Braz (urologia), Flavio Roberto Takeda, Allan Garms Marson (gastroenterologia), Cristina Pires Camargo (cirurgia plástica), Carlos Frederico Sparapan Marques (coloproctologia), Marcelo Bordalo Rodrigues (radiologia) e Jamil Cade (cardiologia).

O artista reforça que os concursos para professores titulares das disciplinas de Coloproctologia (Prof. Sérgio Carlos Nahas) e Cirurgia Plástica (Prof. Rolf Gemperli), do Hospital das Clínicas de São Paulo do HCFMUSP, foram os que mais marcaram a sua história, por envolver tanta tensão e emoção. Aliás, Rodrigo Tonan destaca o volume de trabalho e o enorme aprendizado com o Prof. Rolf, como estruturar e compreender a importância de uma aula complexa para um concurso: “Foram produzidos mais de 50 desenhos de cirurgias da reconstrução de mama, com quase um ano de dedicação e muita correção. O concurso do Prof. Nahas foi igualmente um desafio, pois fui pego de surpresa pelo convite e o empolgante foi contar com seus assistentes e residentes ajudando por meses, com muita dedicação. Foi um privilégio ter toda uma equipe para o meu aprendizado.”



OBRAS DETALHADAS

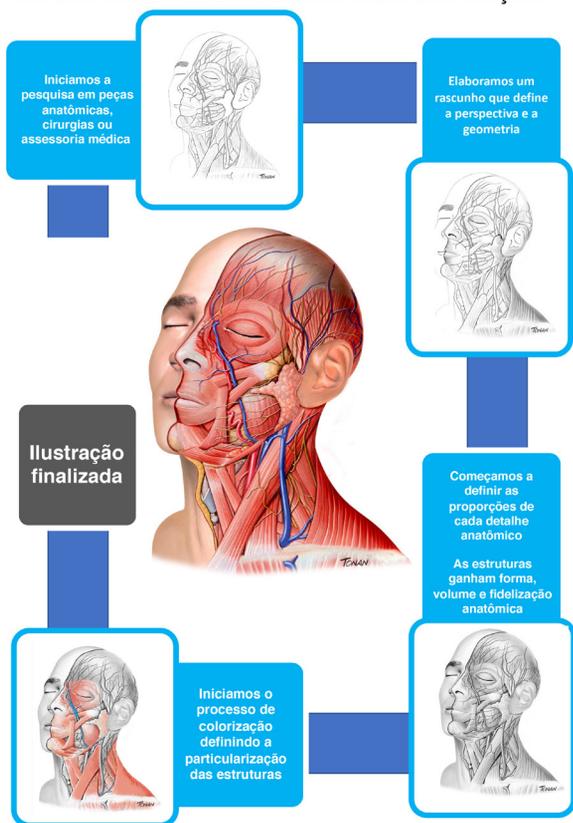
As artes médicas são um campo muito valorizado mundialmente, com profissionais altamente treinados. No Brasil, contudo, como analisa Rodrigo Tonan, são raros os artistas, entendendo que os que tentam se dedicar, só uma minoria encontra apoio nos grandes centros hospitalares. Com isso, diz, muitos acabam se tornando profissionais autônomos e conhecem e estudam a anatomia através de livros e vídeos.

O artista afirma ser grato pelas oportunidades que teve, calculando que, nestas quase duas décadas e meia que se dedica à área, já catalogou centenas de nomes de médicos e outros profissionais que fazem parte dessa sua história. “Com isso, fui buscando parcerias com diversos hospitais do Brasil e exterior para conseguir estudar e correr atrás do meu sonho. Foram anos trabalhando sem apoio financeiro, com dedicação diária. Tenho orgulho de tudo que passou e faria tudo de novo. Agradeço a Deus e minha família, principalmente meus pais, sogros, minha esposa Patrícia e meus filhos Pedro e Miguel, pelo apoio incondicional nessa carreira”, relata.

Como explica Tonan, os ilustradores médicos se distinguem pela capacidade de criar soluções que traduzem conceitos científicos complexos em imagens claras, concisas e memoráveis. Reforça que um desenho demora, em média, de 6 a 12 horas para ser elaborado, mas que já teve obra que durou 10 dias, pois inclui o devido acabamento com estudos, formas, luz, sombras e textura, principalmente, pois não se pode copiar.

“Temos que elaborar desenhos inéditos. O corpo humano não muda; o que muda é forma de desenhar e mostrar seu traço artístico. Somos autores e coautores de livros ou artigos nos quais são oferecidas contribuições importantes para o conteúdo. Por isso, valorizem e deem os devidos créditos a um desenho, respeitem os direitos autorais da obra de arte de um desenho. Todos têm direito sobre sua arte, realça Tonan, que, atualmente, está engajado no desenvolvimento de projetos educacionais em parcerias interdisciplinares com o Dr. Rodrigo Gomes Pires de Lima, no Rio de Janeiro, e Drs. Eduardo A. Bonin e Sérgio O. Ioshii, junto ao Hospital Erasto Gaertner, no Paraná.

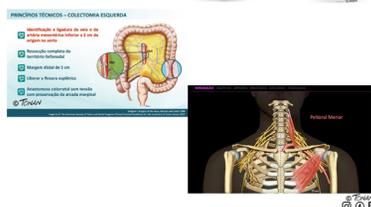
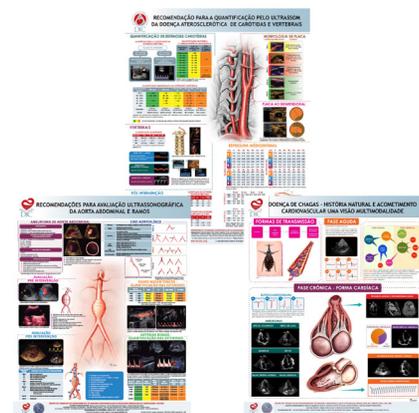
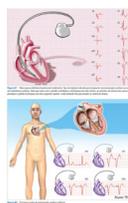
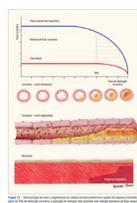
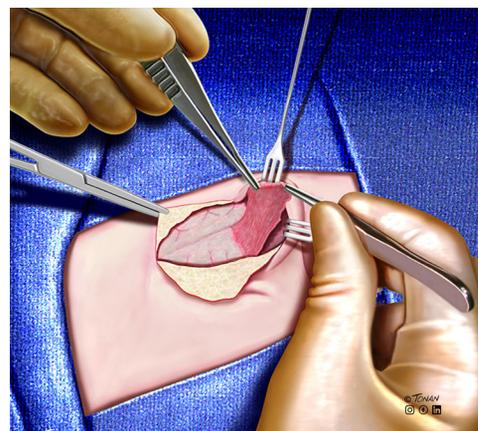
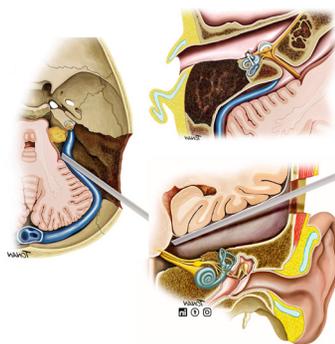
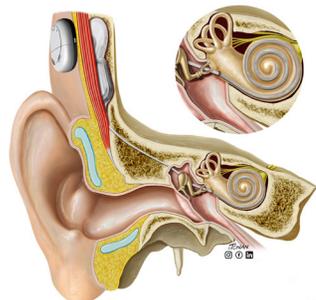
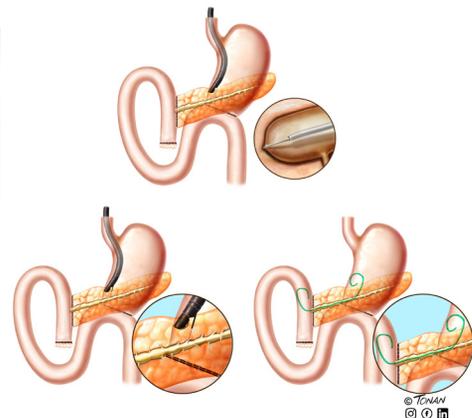
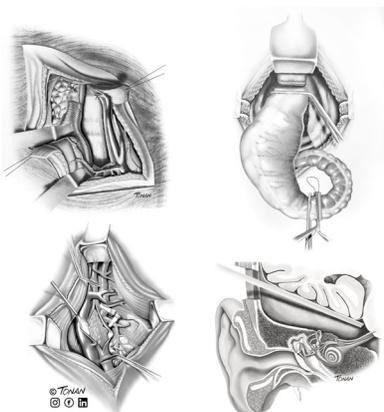
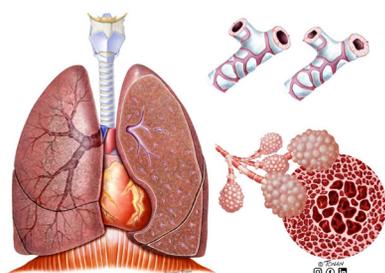
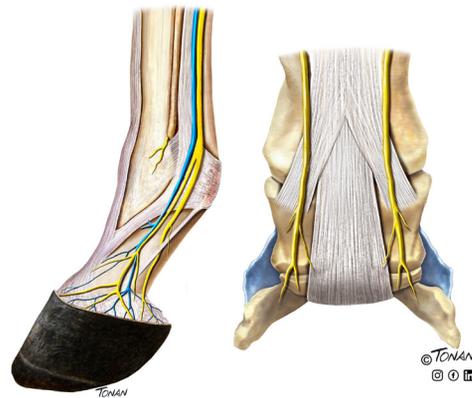
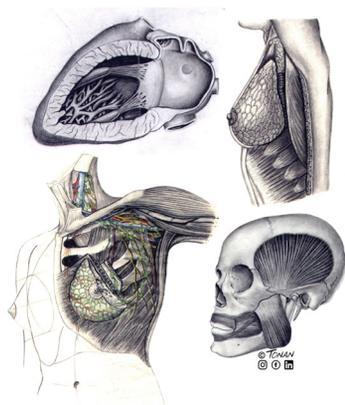
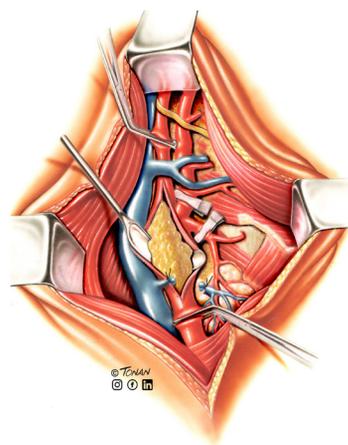
AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA ILUSTRAÇÃO



Para saber mais sobre o artista Rodrigo Tonan, acesse: www.tonan.com.br
 Para contatar: [@rodrigotonan](https://twitter.com/rodrigotonan)
ilustracoesmedicas@gmail.com

AGRADECIMENTO

Rodrigo Tonan diz que tem a agradecer inúmeros médicos cirurgiões e clínicos de renome mundial, que muito contribuíram para o seu desenvolvimento profissional. Nomeia aqui alguns deles: Ivan Cecconello, João Carlos Sampaio Goes, Ruth Maria Graf, Giovanni Guido Cerri, Raul Marino Jr, Adib Jatene (*in memoriam*), Ricardo Ferreira Bento, Rames Mattar, Wellington Andraus, Luiz Augusto Carneiro D’Albuquerque, Rodrigo Gomes Pires de Lima, Eduardo A. Bonin, Marcelo Balestro, Gabriel D’Álessandro, Édson dos Santos Neto, Maria Cristina Chammas, Paula Tardim Lopes, Nemer Luís Pichara, Flávio Henrique Duarte, Carlos Eduardo Rochitte, Marcelo Haertel Miglioranza, Flavio Mavignier Cárcano, Caio Sergio Rizkallah Nahas, Edmo Atique Gabriel, Rodrigo Ambar Pinto, Rodrigo Bahiense Visconti, Fernanda Bezerra e Frederico Scuotto. 📍



Todos os direitos reservados ao artista.



FORÇA, O OLHAR ARTÍSTICO DE PEJAC SOBRE A PANDEMIA

DOS EDITORES

Pintor e muralista espanhol retratou “distanciamento social”, “afago” e “superação” nas paredes externas do hospital de sua cidade natal para homenagear os profissionais de saúde

Pejac é um pintor e muralista espanhol, cuja arte se notabiliza principalmente pela estética do *trompe-l'œil*. Algo como “engana o olho”, onde se utiliza de técnicas que criam ilusão de ótica, muitas vezes dando a impressão da tridimensionalidade a uma superfície plana. Sua habilidade no exercício de proporções de corpos está presente no projeto que criou no final de 2020, em meio à pandemia. “Força” é o nome que deu ao conjunto de três painéis (pinturas) que levou à parte externa das instalações do Hospital Universitario Marqués de Valdecilla, que fica em sua cidade natal Santander (Cantabria, Espanha). O nome foi proposital por ser requisito marcante dentro de um serviço hospitalar.

Com aval da direção do hospital para explorar a sua criatividade, Pejac deu nome

para cada uma das suas intervenções artísticas: “distanciamento social”, “afago” e “superação”. Uma forma de homenagear os profissionais de saúde e também todo universo de pessoas sob a aflição da pandemia.

A obra denominada “distanciamento social” cria a ilusão de aparenta fenda profunda na parede do hospital, como se fosse uma rachadura. Ao aproximar o olhar, observa-se inúmeras pequenas silhuetas humanas como que tentando fugir daquela concentração. De acordo com o artista, quis representar a ferida que a pandemia deixou e, ao mesmo tempo, torná-la homenagem aos profissionais de saúde pelo seu respeito e solidariedade para com as vítimas. Apesar de a imagem servir de metáfora para os danos causados, também propõe o distanciamento como única forma



Detalhes das obras prontas, observadas por profissionais de saúde homenageados, e em elaboração pelo artista, que na obra "superação" teve a participação de crianças da ala oncológica do hospital. O colorido dá vida ao "afago" (ao lado), enquanto a falsa fenda retrata o "distanciamento" (parte inferior).

de corrigi-los. "Entre a grande multidão, incluí cenas de reencontro, empatia, cuidado e amor, sugerindo uma porta para um futuro melhor e cheio de esperança", diz o autor.

A segunda peça da série, "superação", foi realizada com a ajuda de pacientes oncológicos. Retrata uma criança recriando com as mãos o *Campo de Trigo com Ciprestes*, de Van Gogh. "É um pouco da versão de um trabalho que criei na Noruega, em 2015, mostrando um menino, com seus carros de brinquedo, recriando *O Grito*, de Munch. Nesta obra, uma criança está apoiada em uma cadeira de rodas e, por isso, consegue pintar mais alto que as demais. Isso é algo que nós, como sociedade, podemos fazer: pegar esta crise e usá-la para nos impulsionar para frente", realça o artista.

"Afago" é a descrição poética da nova dinâmica da relação entre pacientes e profissionais. Estão fisicamente distantes, em troca mútua de olhares, mas suas sombras retratam a necessidade e desejo de retornar ao contato físico. O artista reforça: "Eu também adicionei uma sensação de serenidade e beleza ao transformar suas sombras em um lago colorido e tranquilo com nenúfares, prestando homenagem a um dos meus pintores favoritos, Monet."

Pejac tem 44 anos. Estudou belas artes em Salamanca, depois Barcelona e, finalmente, na Accademia di Belle Arti di Brera (Milão, Itália). O reconhecimento de sua arte ganhou grande impulso nos últimos sete anos. Confessa que, apesar da habilidade com que faz remakes de obras-primas clássicas de Claude Monet, Edvard Munch, Eugène Delacroix e Katsushika Hokusai, ou referências a Alberto Giacometti (artista plástico suíço) e Lucio Fontana (argentino), sente-se confortável minimizando o seu trabalho para silhuetas nuas ou sombras quando necessário. Destaque para os murais *Kite*, *Migração* e *Trono*, com origem no campo de refugiados palestinos Al-Husseini, em Amã, Jordânia (2016). 



Fatos e fotos

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

“... procurar a menor variante possível que pudesse transformar a mais surrada e a mais comum das frases jornalísticas em algo digno de nota.”

EZRA POUND

Não leio jornais, por falta de tempo e de interesse, mas sou abençoada por pessoas que me mandam notícias interessantes do mundo. A última me veio de um amigo que mora em São Paulo, Maurício, um intelectual consumidor voraz do noticiário, publicada num jornal da Rede Mirante, do Maranhão.

A foto mostra uma família celebrando um aniversário: papai e mamãe; filho mais velho, em torno de nove anos de idade, de pé ao lado da mãe; e a aniversariante, de um aninho, no colo do pai. Sabemos que seu nome é Pérola, porque está escrito na decoração do bolo.

Todos estão vestidos com roupas novas e a pequena usa um vestidinho branco sem mangas, sainha rodada, um grande laço na cabeça ainda sem cabelos e lacinhos menores nos sapatinhos, também brancos, calçados com meias dessas com vira de babadinho de renda.

Contra a parede, num círculo revestido de cetim branco meio amarrotado e um pouco franzido nas bordas, salpicado de borboletas cor de rosa, lemos *Minha inspiração*. Balões cheios de ar, brancos e rosa, completam a decoração da festa.

A família faz pose atrás da mesa onde se vê o bolo, desses servidos em pedaços dentro de uma caixa redonda, encimada por nuvenzinhas, coraçõezinhos e uma princesinha de olhos baixos e grinalda na cabeça. Além disso, docinhos em embalagens decoradas, balas em copinhos descartáveis, brancos, e uma jarra com um buquê de flores de plástico, azuis, brancas e fúcsia. O enquadramento permite ver parte de uma cadeira de plástico lilás. Tudo é muito simples e tudo é muito digno. Vê-se que a grana pode ser curta, mas sobra alegria, visível nos olhos e nos sorrisos de todos os personagens. Eles estão felizes.

Na parede ao fundo, vemos duas fotografias, parte da decoração da casa. Com um recurso, que era futurista ao tempo de *Blade Runner* e hoje está embutido em qualquer smartphone, vamos ampliar essas fotos.

A primeira mostra o mesmo personagem que na festa de aniversário é o pai: ele usa beca e capelo de formatura, gravata borboleta e faixa na cintura de cor verde – é um doutorando de Medicina. Face recoberta pela máscara exigida pela pandemia, seus olhos não deixam dúvidas: é o mesmo homem e a mesma alegria. Ele ostenta orgulhoso

o diploma, no canudo verde e prata. Ao fundo, o brasão da Universidade CEUMA, instituição privada de ensino superior no Maranhão. Quer dizer, estamos na presença de alguém que conseguiu pagar uma faculdade particular de Medicina.

A segunda foto também mostra o mesmo doutorando, igualmente paramentado com os atavios da formatura, mas ele está em outro lugar. Em vez do brasão da universidade ao fundo, ele está enquadrado entre duas novas fotos. Vamos ampliá-las também, entrando no terceiro círculo da imagem em exame.

Uma delas mostra o mesmo homem, agora com as vestimentas usadas pelos profissionais de saúde dentro dos ambientes mais reservados dos hospitais. Ele toca violão para os pacientes de uma unidade de terapia intensiva. Na outra, ele está dentro de um ônibus, também tocando violão. A plateia agora é de gente que circula pela cidade.

O texto da reportagem nos ajuda a completar as lacunas deixadas pelas fotos. Esse médico, de 33 anos, Joel Mistokles Luis da Silva de Macedo Vale é seu nome, morador da periferia de São Luís do Maranhão. Além de tratar seus pacientes com os recursos da Medicina oficial, também canta para eles, acompanhando-se ao violão, composições suas, inspiradas em sua fé num deus misericordioso. Essa poderia ser a legenda desta foto. A outra exige uma explicação mais longa, com no mínimo seis anos de duração.

Para sustentar a família e pagar a escola, além de madrugando com a esposa e preparar junto com ela os bolos, cuscuz e beijos, que ela vendia na porta da casa para os passantes interessados num café da manhã apressado, ele também cantava no ônibus, na ida e na volta da faculdade. Ao mesmo tempo, entregava mensagens edificantes para os companheiros de trajeto e vendia CDs com suas composições – ao preço que o interessado pudesse bancar. Na volta da faculdade, começinho da noite, vendia espetinhos de carne na brasa, na mesma calçada de casa onde se oferecia o café da manhã.

Assim chegou lá e hoje pode celebrar aniversários com a família.

Quando e se enriquecer, o que é mais do que provável, será tachado de burguês conservador e responsabilizado pelas mazelas da desigualdade social no país e no mundo. **❶**

A luz do ensino

PEDRO JUAN FURTADO NEVES

Uma lâmpada se acende em um quarto escuro. Iluminado. Claro. Acolhedor. Quente. São as sensações que nos vêm à mente quando pensamos em ambientes com luz, enquanto que o escuro nos traz sentimentos de medo. Insegurança. Desconhecido. Perigo. Frio.

Quando a luz se acende em uma mente, é um passo que damos em direção ao esclarecimento. Não à toa, a lâmpada acesa simboliza uma ideia, um novo conhecimento, um momento “Eureka”. E este simbolismo se repete inúmeras vezes ao longo das histórias mais contadas pelo ser humano. A Caverna de Platão, o século das Luzes, seres iluminados, a luz divina, o calor humano. Luz e calor representam a derrota da escuridão e do frio; e o ensino é incitar os outros a esta batalha. E o fogo é a encarnação física da luz.

Saber acender esta lâmpada na mente dos outros é uma tarefa árdua e que demanda estratégias diferentes para cada aluno. O professor, perito em identificar o que aquele interruptor necessita. Os melhores professores identificam prontamente os mecanismos dos quais aquela mente carece e compartilha sua luz. E então a iluminação se multiplica. Como uma vela acesa é capaz de acender inúmeras outras, um professor dedicado forma, ao longo de sua vida, mentes que irão impactar o mundo e acender outras velas, deixando um legado imensurável.

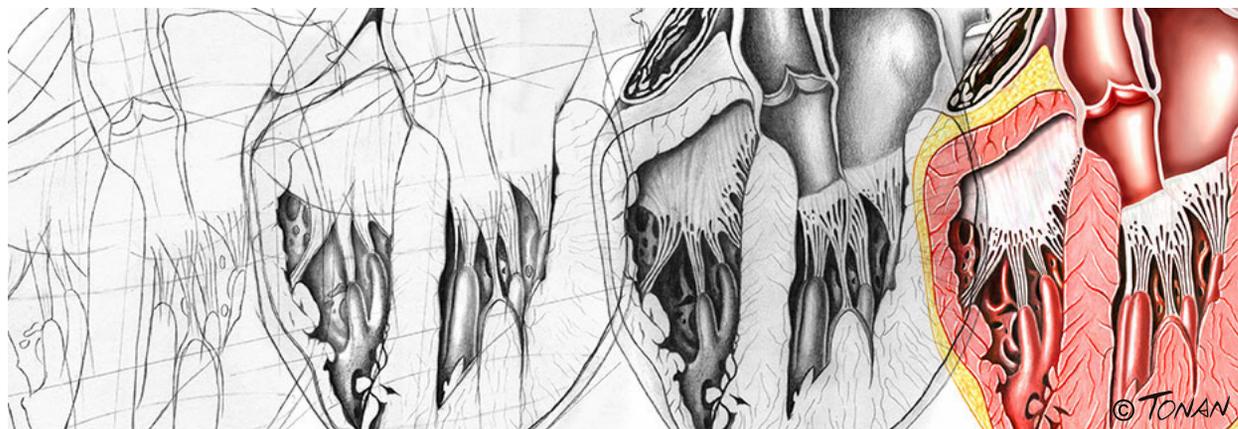
Esta é a minha visão do ensino. E, ao ingressar na trajetória da faculdade de Medicina, tive a oportunidade de conhecer diversas maneiras que os meus Professores-Doutores tinham de acender e disseminar suas luzes.

Como eram os professores que mais disseminavam seu brilho interno? Professores que ensinam através do

exemplo, que nos permitem vislumbrar o brilho que podemos alcançar através de nossos próprios esforços. Professores que iniciam uma faísca de inspiração em um amontoado de galhos secos, para que se torne uma fogueira imensa. Professores que servem de abrigo para chamas tímidas, protegendo-a de ventos que buscam extingui-la. Professores que fornecem combustível e entusiasmo para que o fogo se torne ainda mais caloroso e produza mais luz. De todos esses, tive o privilégio de aprender. Em diferentes momentos necessitei de estímulos diferentes, tudo para que o meu fogo pela Medicina se fortalecesse e se encorajasse diante das adversidades. Os maiores exemplos que tive tinham justamente este objetivo: incentivar e reforçar o brilho de quem os admira.

E que sensação maravilhosa é ser um aluno da Medicina e encontrar outra pessoa que queira incentivar sua luz. Que aflora sua curiosidade e permite que você ilumine uma parte da escuridão do mundo. E, sem que se perceba, forma-se um indivíduo comprometido com aprender mais e reproduzir este sentimento nos outros, para que o mundo todo dissemine a luz do ensino. E o ciclo se repete.

Então, professores e doutores, faço aqui meu apelo: busquem a luz dos seus alunos. Não precisam estar em posição de professor para ensinar, nem saber técnicas avançadas de ensino para fortalecer as faíscas que lutam contra a extinção. Esses alunos vão lembrar para sempre das influências que tiveram; e de como cresceram sob sua tutela. Nunca subestime a influência de um conselho sincero na hora certa, nem o impacto de uma lâmpada acesa em um quarto escuro. **■**



Mendel, o pai da genética

DR. WILMAR MENDONÇA GUIMARÃES

Gregor Johann Mendel foi um homem absolutamente muito à frente de seu tempo, que estatuiu os pilares da genética quando ela ainda nem existia como ciência, produzindo conhecimentos que por tantos anos a tecnologia e o avanço científico não desafiavam. Justo seja considerado o “Pai da Genética”.

Nasceu no dia 22 de julho de 1822, na cidade de Heinzendorf, na época o império austríaco. Era de uma família de fazendeiros, filho único, muito tímido e se destacava na escola pelas suas aptidões na compreensão da física e matemática. Essa facilidade na aprendizagem o vocacionou para o ensino e já era tutor de outros alunos com apenas 11 anos.

Ministrava aulas na escola de pequena comunidade, algo complexo para aquele jovem sem recursos disponíveis e carente essencialmente de livros. Essa atividade de ensino foi baldada quando o governo austríaco editou norma que, para que se pudesse ser professor, exigia-se aprovação numa prova e receber um certificado de proficiência em sete matérias.

Prestou o exame e tropeçou mais de uma vez, no desiderato da conquista do certificado. Seguiu então para um local próximo a Viena, nas imediações de um mosteiro agostiniano, local repleto de livros, que achava poderia ser o modo de ter acesso aos conhecimentos dos quais carecia para sua carreira de professor. Era Brünn, capital da Morávia do Sul (hoje República Tcheca), onde encontraria escolas de melhor estrutura para seu potencial de aprendizagem, posto que se observava capacidade diferenciada no rendimento escolar.

Tudo era difícil para o rapaz simples, que encontrara um emprego em uma casa de saúde para fazer frente às suas despesas. Mas aquele convívio com enfermos, com



todos os tipos de doenças, o deprimiu gravemente. Chegou a retornar para casa dos pais em Heinzendorf e, recuperado, seguiu para o mosteiro que já frequentava para ter acesso à biblioteca. Isso influenciou fortemente sua decisão eclesiástica e veio a fazer os votos de sacerdócio, então recebendo seu nome religioso de Gregor Johann Mendel. A sua decisão de entrar para a Ordem era contrária às aspirações de seu pai, que dele esperava assumir a fazenda da família. A opção parece ter sido motivada pelo desejo de continuar sua educação e perseguir seus interesses científicos.

Realizada a formação religiosa, Siddhartha Mukherjee, no seu livro *O Gene*, descreve que, no ofício da missa, não havia ninguém em tão aparente disfunção do que Mendel, o que parece ter sido motivo de ser trazido para funções administrativas do monastério. Porém, era reconhecida sua capacidade intelectual; foi então mandado para a Universidade de Viena, para complementação de seus estudos.

Por volta de 1856, Mendel iniciou um projeto de pesquisa para investigar padrões de herança. Iniciou com ratos, passou pelas abelhas, mas encontrou-se com as ervilhas como modelo ideal para seus estudos de hereditariedade, considerando a possibilidade de análise de características e da rapidez do crescimento delas. Estudando aquele sistema modelo, mais fácil de estudar do que seres humanos, o pesquisador pôde aprender princípios gerais que, afinal, se aplicariam a outros organismos e sistemas biológicos.

Mendel estudou a herança de características diferentes em ervilhas, incluindo altura, cor da flor, cor da semente, seu formato e outras. Para fazer isso, ele primeiro estabeleceu linhagens de ervilhas com duas diferentes formas de uma característica, tal como alta versus baixa. Ele cul-

tivou essas linhagens por algumas gerações até que elas fossem puras (sempre produzindo descendentes idênticos aos genitores), então as cruzou entre si e observou como as características eram herdadas.

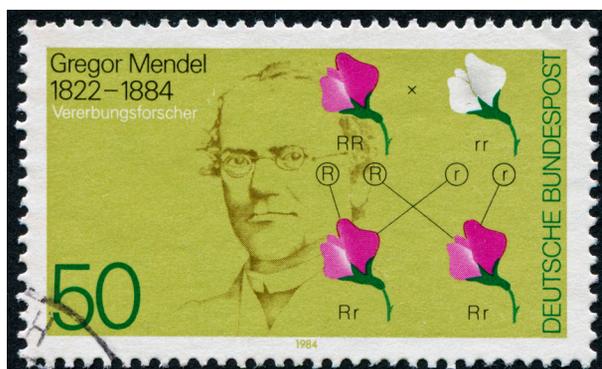
Em 1865, publicou seu livro *Experimento de Hibridização das Plantas*. Imprimiu 45 exemplares, a despeito de todas as dificuldades no acesso a meios de produção e edição. Mas ninguém deu a atenção que achava merecida. Nesse livro, trouxe luzes para a compreensão de conceitos de mutação e hereditariedade. Charles Darwin, seu contemporâneo famoso, recebeu um desses exemplares, mas não se conhece a repercussão da leitura ou da constatação da importância dos conceitos ali contidos.

Quinze anos depois da morte de Gregor Johann Mendel, os alunos de Morgan (Nobel de Medicina de 1933) acharam em uma biblioteca o trabalho dele e compreenderam tópicos obscuros e os segredos do padrão de hereditariedade; e, então, os créditos lhe foram finalmente conferidos.

Ele próprio, se acredita, tinha certa dose de ceticismo sobre seus conceitos no final da vida, posto que seu livro não havia causado impacto nas discussões sobre hereditariedade.

Mendel, que tanto queria ensinar e teve tantas dificuldades nesse propósito no seu tempo, como se sentiria se pudesse ver que todos os alunos do mundo e outros tantos de cursos superiores com maior minudência seguem aprendendo seus ensinamentos? Que eles continuam mais exatos que os de seu contemporâneo famoso e sua teoria evolucionista. Ainda, considerem-se os tantos ensinamentos que registrara, decorrentes de suas observações e que foram impiedosamente incineradas pelo abade que o sucedeu no monastério agostiniano depois de sua morte, em 6 de janeiro de 1884.

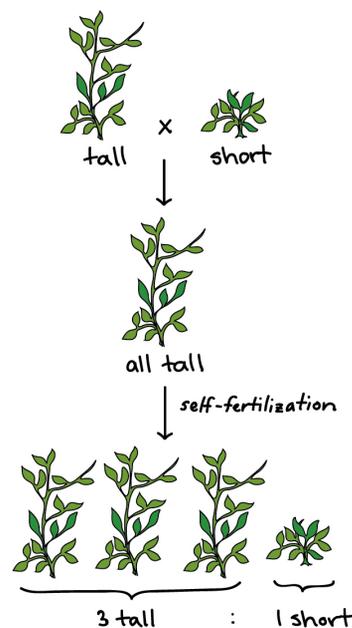
Esse homem foi um exemplo de como alguém que desejava ensinar aprendeu tanto e, hoje, depois de 137 anos, segue ensinando conceitos de tanta longevidade e exatidão.



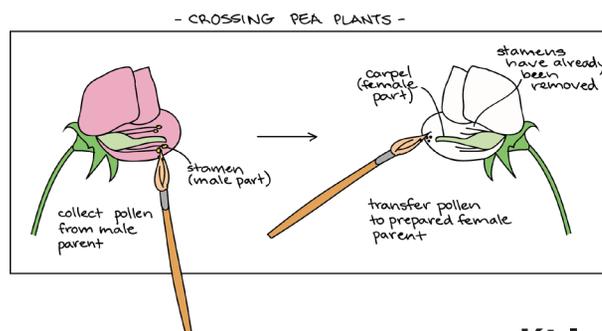
MUSEU

O Museu Mendel é uma instituição da Universidade Masaryk em Brno, República Tcheca, desde 2007, cinco anos depois de ter sido criado graças à cooperação internacional de várias organizações. O papel principal na criação do museu foi desempenhado pela sociedade austríaca VFG e por cientistas e patronos afiliados. O museu está localizado dentro dos recintos da abadia agostiniana em Brno Velho, onde o abade e cientista viveu e trabalhou. A região é rica em atrativos turísticos. O Festival Mendel é realizado anualmente em julho, para marcar o aniversário do biólogo, num encontro de ciência, fé e diversão.

Para saber mais sobre o Museu e até fazer um tour virtual, acesse: <https://mendel-museum.muni.cz/en> ⓘ



Mendel's actual numbers:
787 tall : 277 short (2.84:1).



O sono depois do plantão

DR. JOSÉ KNOPFHOLZ

Os rostos da noite ainda são nítidos. Apesar do corpo cansado, dormir torna-se difícil. Os choros e as alegrias, as lamentações e o sofrimento, as mãos dadas e os adeuses se mesclam em uma nuvem que torna o descanso depois do plantão agitado e cheio de vida. Apesar da exaustão quase incontrolável depois da noite difícil, as dúvidas assolam os médicos: será que fiz o que deveria ser feito? Como irá evoluir aquele paciente? E aquele filho pequeno que ficou sem a mãe, o que será dele?

Não é nenhuma novidade que ser médico é uma escolha de enorme responsabilidade. As lembranças de uma noite de plantão costumam ser sobrepostas por uma nova jornada, permeada por um sofrimento solitário e oculto, certamente motivado por intensas e genuínas intenções de cuidar do outro como gostaria de ser cuidado.

Mesmo assim, mais de 35.000 brasileiros adentram um curso de Medicina por ano nos dias atuais. Trata-se de pessoas com as mais variadas origens e intenções que se interligam por uma rede invisível de vontade de ajudar o desconhecido, que, em um lance, se torna o mais importante elemento da sua história.

No silêncio, cada enredo vai se transformando em me-



The Doctor's Visit, do pintor holandês Jan Steen (1625-1679).

mórias, formadas sob a névoa do cansaço e da vocação. Sim!!! Por qual outro motivo senão uma profunda vocação uma pessoa faz escolhas que diariamente repercutem de forma profunda e indelével para centenas de famílias, podendo significar simplesmente a vida ou a morte? Por qual motivo senão pela mais intensa vocação um jovem escolhe passar a vida imerso no diálogo com a dor e com o sofrimento para alentar, abraçar, acalantar e entregar o amor ao próximo como se fosse seu antigo e velho conhecido?

É inegável que para alguns poucos essa escolha vai se encobrindo de indiferença e motivações diversas. E é nesse momen-

to que cada um deve voltar ao “porquê”. O que me fez estar aqui? Qual foi a essência de minha escolha?

Retomar o brilho nos olhos pode resgatar as emoções que nos tiraram o sono, dar a elas um olhar mais maduro e direcionar o farol para o caminho mais nobre. Seguindo o círculo dourado, comece e recomece pelo “porquê”, afinal somente assim a vida irá trazer de novo o olhar capaz de ampliar os horizontes.

E lembremo-nos de que, cada um em sua área, mesmo que falíveis, escolhemos dormir o curto sono com os mais importantes desconhecidos em nossos sonhos. **❶**

Palavras e sonhos

A trilha sonora de uma vida não é só embalada por palavras e sonhos. Frustrações contam muito. E para cada revés é necessário preencher a vacuidade existencial com uma nova possibilidade. E não adianta mentir para si próprio. Qualquer sonho vazio, ou seja, sem intenção nem vontade, não entra na conta do horizonte vislumbrado. Não tem alcance, é uma melodia dissonante sem pauta nem palavras. É amargura que só a disposição de dar a volta por cima, de ter uma inclinação cimeira, guardará a realização prometida. Sem a cegueira da vitimização nem a penumbra da imobilidade, sem o verbo jogado ao vento nem o esforço inconsequente. A trilha de nossa vida necessita do encaixe de melodia e letra, onde entra o sonho e a epifania e, às vezes, o abandono. Sendo o pior de todos, a ausência de si.

UM NAUFRÁGIO

DR. CEZAR ZILLIG

A embarcação já se encontra bastante adernada; os porões inundados deixam prever que o barco vai soçobrar em breve. Há que se abandonar o navio e logo. Não vai ser possível salvar muita coisa, mas o quê?

Foi o que senti ao ter que deixar a casa de meu pai logo após sua morte. De nós cinco, ele foi a derradeira razão para a casa continuar existindo. Primeiro foram os filhos que no decorrer dos anos abandonaram aquele barco, seguindo seus destinos. Minha mãe tinha ficado no último porto quatro anos atrás. Foi assim que de uma hora para outra me vi na incômoda contingência de ter que escolher rápido a parte que me cabia daquele despojo. Escolhi e trouxe alguma coisa sim, mas ficaram tantas preciosidades naquela casa que simplesmente desvaneceu. Teve que dar lugar a outros planos, outros projetos.

Quanto mais o tempo passa, mais aumenta a sensação de perda e o pouco que trouxe fica cada vez menor. É certo que trouxe a competente mala de ferramentas de meu pai e todas as que estavam mais visíveis. Muitas delas velhas conhecidas desde meus tempos de guri. Algumas são relíquias familiares que já figuraram em heranças anteriores. Ferramentas vetustas, sérias, que vieram com meu avô, com meu pai menino, da Suíça, no enorme baú de madeira em que minha vida toda esteve atrás da porta do paiol. Trouxe as ferramentas, mas não trouxe a venerável caixa. Era tosca e maltratada por cupins. Deve ter ido direto para o fogo; só aqui comigo ela teria valor, muito valor.

Experimento uma espécie de remorso ao lembrar que a ignorei. Remorso que se estende a tantos outros objetos que sempre orbitaram em meu universo e que não salvei – mas poderia – daquele naufrágio. Em especial, me ressinto de um rastelo, uma das primeiras ferramentas a que me couberam ao ter idade para colaborar nos serviços no jardim, no quintal. Era um rastelo diferente, de ferro fundido e um cabo longo que permitia amplos lances para coar o mato carpido de dentro daquela maçaroca que ficava no rastro da enxada. Além de comprido, o cabo tinha a pátina deixada pelo uso de tantos anos e de tantos membros da família. É certo que hoje eu não teria utilidade para ele; aposentado, sua função seria mais nobre, heráldica, simbolizando aqueles dias, aquela casa, aquelas pessoas. Infelizmente eu o preteri ao abandonar aquele barco que desaparecia.

E a oficina? Por que não trouxera a sua bem montada oficina, resultado de uma vida de aquisições? Prenhe de recursos, desde criança me acostumara a ela recorrer. Deveria ter alugado um caminhão, trazido a oficina toda,

com suas bancadas, suas prateleiras, dezenas de vidros com milhares de parafusos, arruelas, porcas, de todos os tamanhos. Mas não! Não tive esta ideia. Estava meio entorpecido, decerto. Meu pai sempre teve cuidado com suas coisas, de algumas um verdadeiro ciúme. Sabia direitinho onde estava cada ferramenta, cada material, no meio daquela confusão aparente. Anos e anos de guardados estavam ali para quando se precisasse...

E de uma hora para outra todas aquelas coisas que lhe eram tão caras viraram espólio. Tudo estava ali aguardando o destino que lhe dariam, que eu lhe daria. Havia ferramentas, instrumentos mais delicados que demorei a ter acesso e mesmo assim sob sua vigilância. O paquímetro, por exemplo; certas facas especiais para cortar couros, vazadores, cinzéis etc.

Alguns objetos de que me ressinto ter ignorado eram pequenos, mínimos, no fundo de gavetas sempiternas. Gavetas que hoje só existem em minha lembrança, intactas, conservando os mesmos odores. Continuam como eram, abrindo leve algumas, emperrando outras.

Por outro lado, fico feliz com o que trouxe: o velho saca-rolhas, por exemplo. Embora tenha melhores, mais eficientes, este adiciona uma pitada de tradição, de memória, às tertúlias. Assegura-me estar em casa.

Hoje me pergunto: por que não planejara aquela retirada para não ter que tomar decisões tão sentimentais com tanta urgência? Afinal, era fácil atinar com o fim próximo, tão certo como um barco rumando arrecifes.

Além da idade, oitenta e oito anos, os sinais de declínio, de ocaso, eram muitos. Felizmente conservou sua memória, a razão, até o fim. Felizmente. **■**



“Snow Storm - Steam-Boat off a Harbour's Mouth”, 1842, inglês William Turner (1775-1851).

APRENDENDO E REAPRENDENDO

DR. CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JÚNIOR

As ações humanas abrem possibilidades ilimitadas e produzem experiências surpreendentes na aprendizagem de cada pessoa. Na constância de atividades livremente escolhidas, o ser humano alcança estágios mais elevados de conhecimento, de interação, de linguagem e de moralidade. Pela prática educacional, transformamos a melhor matéria-prima que possuímos, a saber, a nós mesmos. Confúcio afirmava que nascemos iguais e pela prática nos diferenciamos, tornando-nos territórios distintos uns dos outros. A beleza da geografia está na diversidade dos territórios que compõe a paisagem, assim como a grandeza da educação está na capacidade de tocar a vida em suas múltiplas competências.

O ser humano ainda continua sendo um território pouco conhecido. Na verdade, não o conhecemos plenamente. Existem partes desse território que o acesso não é facilitado. Há em nós montanhas rochosas que são avistadas de longe, tal como um aviador, atento observador, em voo panorâmico. Querer sobrevoar esse terreno exige minimamente dispor de um mapa nas mãos. Nos dias atuais é mais apropriado falar em GPS. Nem o mapa nem o GPS constituem o território. Ambos são traçados possíveis que nos conduzem ao encontro de nós mesmos. São instrumentos a orientar nossas ações no processo de desbravar aquilo que somos, com o intuito de (re)construir o que gostaríamos de ser. Os mapas pedagógicos orientam-nos a alcançar a nós mesmos, ajudando-nos a desnudar nosso ser, fazendo-nos territórios conhecidos e abertos a outras plagas.

A educação não se restringe à formação profissional; deve, antes, formar o ser humano na sua integralidade, permitindo a cada um, em particular, descobrir o melhor de si, os seus dons mais íntegros. Semelhante às linhas de um mapa, a educação forma as linhas do desenvolvimento do ser humano. Em nossa viagem existencial, vislumbramos várias paisagens e, a cada novo cenário, a cada novo horizonte, temos uma percepção diferente da realidade que nos cerca. As paisagens são os estágios ou níveis do nosso desenvolvimento pessoal. A cada novo horizonte

que se abre, temos um nível mais elevado que transcende e inclui as paisagens anteriores.

O filósofo norte-americano Ken Wilber afirma que “numa hierarquia de crescimento, os níveis mais elevados não oprimem os menos elevados, mas os abarcam! Eles literalmente os incluem, os abrangem. Cada nível de uma hierarquia de crescimento está disposto num arco superior, porque representa um aumento da capacidade de consideração pelos outros, da consciência, da cognição, da moral. Crescimento é um desenvolvimento que é inclusão” (WILBER, 2012, p.116). Desenvolvimento é envolvimento do eu para consigo e para com o outro. É o envolvimento pedagógico e integral para com todas as áreas que tocam a vida em suas múltiplas paisagens.

É nesse sentido que a pedagogia se vale de várias áreas do conhecimento para delinear um mapa formativo do ser humano, pleno e integral. Apoiado na psicologia, por exemplo, é possível inferir que a criança, na infância, vivenciou paisagens destituídas de valores éticos ou convenções sociais, um período, por assim dizer, egocêntrico, alicerçado no “Eu”. Ao assimilar as regras e as normas da cultura e da sociedade a que pertencem, homens e mulheres abandonam o egocentrismo e passam para o nível etnocêntrico, no qual constroem a noção de justo e de correto a partir do horizonte dos valores, dos costumes e das tradições partilhados comumente. As paisagens, agora, são alicerçadas com base no “nós”. A educação eficaz é aquela que ajuda o sujeito a enxergar outros territórios além daquele em que a sua identidade foi formatada. Trata-se de alçar o nível pós-convencional, também chamado de mundicêntrico, em que o indivíduo passa a enxergar todas as pessoas, todos os territórios, “todos nós”, independentemente de raça, cor, sexo, credo e valores culturais.

Educação é um processo pedagógico que visa à inclusão do Eu ao Nós e do Nós ao Todos Nós. E esse processo exige uma ação permanente de reconstrução, tal como o GPS que nos reposiciona e nos redireciona a cada novo conhecimento assimilado. **❶**

O SER HUMANO CONTINUA SENDO UM TERRITÓRIO POUCO CONHECIDO.
NA VERDADE, NÃO O CONHECEMOS PLENAMENTE. EXISTEM
PARTES DESSE TERRITÓRIO QUE O ACESSO NÃO É FACILITADO.

Tightrope Walker (Andando na corda bamba), 1924, por Everett Shinn (1876-1953).

A arte de não machucar

DRA. VICTÓRIA AMPESSAN DAMAS



Na rotina, é fácil perder a noção de como nossas ações realmente impactam a vida dos outros. Assim como nossa vida é impactada pelos demais.

Como seres complexos, é como se tudo em nós tivesse camadas, níveis de conhecimento, a maioria quase inacessível ao público e a nós mesmos. Não entendemos completamente porque nos comportamos e pensamos de uma determinada forma. São tantas variáveis... Se não nos conhecemos tão bem, imagine conhecer e entender quem está à nossa volta.

Isso influencia nossa capacidade de empatia e como lidamos com as mais variadas situações. Na profissão médica, com intenso contato humano, a incompreensão do porquê agimos como agimos é um inimigo silencioso. O médico que não desenvolve empatia com a doença, realidade ou modo de viver de um paciente. No exterior, parece um profissional sem sentimentos, grosseiro. Difícil ver além, como uma luta sincera desse profissional em tentar achar empatia, apesar de todas as memórias e vivências que o impedem de ir além. E sua cegueira em ver como uma frase ou uma ação impacta o outro.

O mesmo com um paciente que se acha no direito de ser mal-educado e te rotular como um mau médico. Mas no fundo está com medo e precisa de um bode expiatório para suas inseguranças, frustrações e tristezas. A família inconformada. O colega que não concorda com você e se acha no direito de criticar sua forma de trabalhar e de viver. Porque opinião deve ser sempre encarada como construtiva, não é mesmo?

Os julgamentos que você talvez ouça da família e dos amigos. E nem sempre vão perceber como aquilo te afeta; não é tão difícil e nem tão fácil perceber. A vida não é um filme que te esclarece na sinopse quem é quem, os aliados, os inimigos e os objetivos. Quem dera fosse simples. E quanto às duras críticas que nós fazemos dos outros e suas decisões? Os julgamentos. As brigas.

Somos humanos, afinal. Nosso diferencial, ainda mais numa profissão tão... Humana. Nossa qualidade e, em última análise, também nosso defeito.

É como se a vida fosse andar por uma corda bamba: cheia de incertezas, desequilíbrio, desafios, sem saber por quanto tempo vai aguentar, se sobreviverá a uma que-

da, se chegará até o fim... E nós – como equilibristas – temos que levar conosco nossa personalidade, vivências, sentimentos dicotômicos, cultura, percepção do mundo e como acreditamos que o mundo nos vê.

A dificuldade do equilíbrio na caminhada varia tanto que pode parecer insuportável, dependendo de como o mundo está nos vendo ou, pior, como nós estamos nos vendo.

Podemos pensar sobre fatos menos óbvios e alguns bem simples. A mera recusa de desejar parabéns a alguém se não recebeu uma mensagem em seu próprio aniversário. Ou deixar de dar bom dia porque nunca é recíproco. Muitas dessas decisões tomamos diariamente e não necessariamente estão erradas; não se trata de certo ou errado. Apenas uma reflexão um pouco mais profunda.

Essas escolhas que fazemos como resposta ao ambiente não deixam de ser, de alguma forma, uma tentativa de autopreservação. São essas experiências sem equilíbrio que nos provam como podemos cair feio. Não podemos nos importar com quem não se importa conosco, não é? Para quê dar uma colher de chá se eu não tenho? Se funciona comigo, tem que funcionar com todos.

Machucar os outros é tão certo quanto se machucar na vida, infelizmente. Apesar de nossas boas intenções esculpidas no juramento de Hipócrates. Isso vai além da nossa profissão e vontade. Somos humanos e vulneráveis. Até tentando nos defender das contusões, acabamos batendo nos outros.

Diria que é impraticável viver sem machucar ninguém no percurso, seja com decisões imperceptíveis aos nossos olhos, como descrença, indiferença, cansaço. Porém, o real valor de se equilibrar no percurso é se esforçar ao máximo para ferir o menos possível quem está à sua volta. E prestar atenção nessa meta, pela nossa humanidade e apesar dela.

Você não tem a menor ideia do que o outro está passando. E ninguém tem real ideia de como você se sente. Eu vou errar muito, todos os dias. E irão errar comigo. São tristes certezas da vida. Que essa convicção não nos desanime, apenas abra nossos olhos para algo maior. Podemos não evitar os desgastes, eventuais embates e desentendimentos, mas quem sabe iluminar o que realmente está escondido, além da superfície.

E assim se vai mais um dia nessa corda bamba. **!**

A ARTE DO SEMEADOR

DR. JOÃO MANUEL C. MARTINS (IN MEMORIAM)

Professor exerce profissão humilde. Planta em terreno desconhecido as melhores sementes que seleciona. Se medrarão, ignora. Se se desenvolverão com útil produtividade, a si não caberá a colheita. Tampouco sabê-lo-á. Mas sabe que cumpre missão essencial. E que a falta do resultado final é a condição para continuar oferecendo o melhor de si, o sentido do esclarecimento e da iluminação. Essa é a arte do sementeiro, uma arte sem arte porque não se aprende, se desprende; desprovida de completude e vivida no talento e no esforço de desiguais.

A respeito dessa nobilíssima arte de semear, disse o melhor o Padre Vieira no *Sermão da Sexagésima*: “Nas outras artes, tudo é Arte: na música tudo se faz por compasso, na Arquitetura tudo se faz por régua, na Aritmética tudo se faz por conta, na Geografia tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte, caia onde cair.”

AOS PROFESSORES, PARA REFLETIR

Aula é esclarecimento. A boa aula projeta luzes fortes sobre o estabelecido e ilumina tendências. Só o que é tÍbio necessita da penumbra.

Sessenta minutos de aula equivalem a dez minutos de leitura. Portanto, seja pródigo em explicações e módico em informações. Aliás, uma semana depois do que aprendemos só retemos dez por cento. Por isso, a compreensão deve prevalecer.

Não se pode ministrar aula sem informações, mas precisamos entender que são apenas a matéria-prima das conexões articuladas que formam os esclarecimentos e reflexões, e se constituem no saber. E que, assimilado, pode ser discutido, confrontado, recriado, para eventualmente formar novo conhecimento. Já a cultura é um outro saber, derivado desse primeiro; um saber do próprio saber.

Ao tornar-se autônomo, independente, o professor aperfeiçoa sua responsabilidade. Aula é também um dom: precisa-se saber esquecer para poder generalizar.

Professor, viva para entender e levar aos outros esse parco entendimento. Isso lhe dará um sentido de missão. E o aperfeiçoará.

Somos estudiosos do possível no hipotético. O raciocínio interior é a lógica exterior. Ser informado é ser livre. Tá certo, Norbert Wiener, mas só se conseguir juntar e conectar os dados.

Ser professor, preceptor ou tutor é ser um pouco catalizador da descomplicação. Ensinar é esclarecer, treinar habilidades ou invocar atitudes. É colocar possibilidades dentro do outro.

Ser educado é saber pensar. É colocar para fora possibilidades mudadas. É tornar fluente o desengonço.

Fluxograma da fluência: informação > memória > pensamento > aprendizado > recriação.

Fluxograma de aula: dados > esclarecimento > reflexões > encantos.

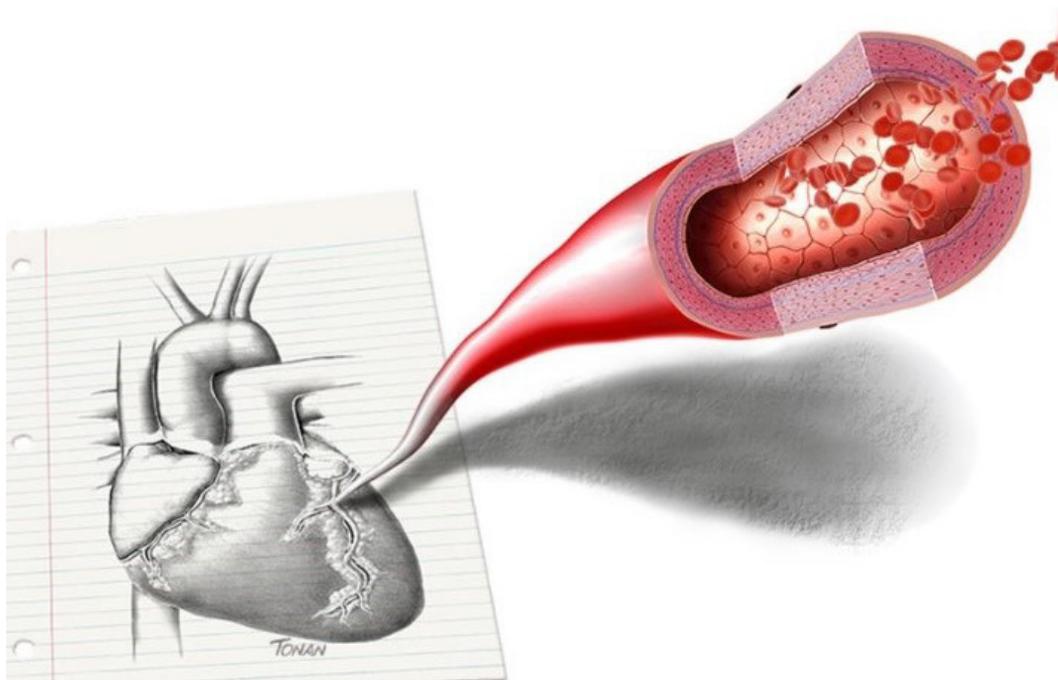
Três degraus do aprendizado: lembrar informações, pensamento (rearranjo das informações) e aprendizado (processamento tornado fluente).

As imagens servem à síntese, as palavras à análise. Há coisas que ficam bem se faladas; outras ficam bem se escritas. Quase sempre intercambiáveis. Depende do operador.

O professor deve ser uma projeção de nosso ideal. Fundamental que sobressaia, para nos fazer crer que podemos atingir novos horizontes, nos superarmos. Se se faz entender, dá verniz ao caos, torna-se seu brilho. Mudando Camões: “Se apreende, senhor, na fantasia. sonhando, imaginando, ou estudando. Se aprende, senhor, vendo, tratando e pelejando.”

Aula não é simples divulgação de informações, é esclarecimento e reflexão. Se também contiver encanto será um acontecimento.

Uma boa aula leva ao livro, à revista, à apostila, à internet, ao que for. Se desdobra em consequências.



Beda, um monge beneditino, anglo-saxão, legou a nós, professores, uma tríade útil a todos que não desejam despontar para o fracasso: ensine o que sabe, pratique o que ensina e pergunte sobre o que ignora. Uma prescrição para a justeza intelectual de qualquer professor.

Em ciência, como em qualquer outra atividade, quando criticamos – o que é essencial para a formação e desenvolvimento do aluno – temos que dizer o porquê, usar argumentos lógicos, para não entrarmos na esfera proibida da violência verbal, tão danosa quanto qualquer outra forma de violência. E brochante. Não estimula, não agrega, não inclina à curiosidade.

Ciência é invenção controlada. Aula é efusão controlada. Educar não é transmitir informações, mas ensinar a adquirir conhecimentos.

Ensinar a pensar é preparar o aluno para ser livre, autônomo e, sobretudo, mais responsável por suas tarefas e compromissos. Pensar é ser reflexivo sobre nossa liberdade no estreito caminho do respeito e dos limites que encerram nossa vivência. Com direito a expandir esse território na medida de nossa competência e compreensão. Convencendo, não submetendo.

Antes de escolher a profissão de professor pondere as palavras do abade Dinouart: “Não falar é uma arte ao alcance de todos; já a virtude de falar com habilidade e aplicação poucos têm”.

Medicina é fato e trato. Aula é dado alumiado. Ou seja, informação e iluminação. Ao aluno que está aprendendo, mande seguir o apotegma: “Tente de novo, fracasse de novo, fracasse melhor”.

Profissionais inconscientes de sua responsabilidade ética e científica são a ruína de qualquer profissão que lida com atitudes e conhecimento. Ao ministrar uma aula, não se restrinja aos dados e ao esclarecimento. Aproveite Simon Bolívar (sim, tinha coisas úteis), e permeie sua apresentação com moral e luzes, artigos de primeira necessidade.. **!**

N.R. Este artigo traz compêndio de ensinamentos compartilhados pelo Prof. João Manuel em seu livro *Primeiras Impressões – Iátrico em Perspectiva*. Uma homenagem e agradecimento ao seu legado, na passagem do sétimo aniversário de sua morte.

Ensina-me a viver com a morte?

DRA. ÚRSULA BUENO DO PRADO GUIRRO

A morte é estranha ao médico. Quase a vilã da história da vida. No entanto, o adoecimento, o envelhecimento e a morte deixam profundas marcas nos vivos.

Proponho algumas dicas para viver melhor com a morte.

1. A morte é inevitável

Mesmo com os avanços científicos, pessoas envelhecem ou adoecem e morrem. Não significa que a Medicina falhou, mas que o ciclo da vida está cumprindo o papel.

2. Você vai morrer

Desculpe te contar, mas você também vai morrer um dia. Espero que demore, mas vai acontecer. Já que é inevitável, que tal olhar todos os dias para este fato? Desacelere, aprecie o momento. Observe a paisagem. Reclame menos, abrace mais. Cuide da sua saúde física, emocional e use filtro solar.

3. Mais compaixão

Que tal acolher quem está adoecido com atenção, inclusão, aliviar sintomas e evitar a distanásia? Relembre das suas dores e de como foi bom ter alguém ao seu lado.

4. Fale sobre a morte

Por que bater na madeira e evitar falar da morte? Falar não traz má sorte, nem atrai, mas deixa consciente de que a vida é hoje e precisa de atenção dos vivos.

5. Comunique más notícias com gentileza

Comunicar diagnósticos desfavoráveis e morte é uma arte pouco treinada no curso de Medicina. Fale devagar, explique com palavras inteligíveis e esteja lá para acolher as lágrimas. Conheça o protocolo SPIKES.

6. Não se torne insensível, mas também não se quebre como um cristal

Eu sei que a rotina é exigente e há necessidade de ser forte para sobreviver. No entanto, a saúde mental agradece se você conseguir se manter humano, resiliente e alguns preferem o ser antifrágil.

7. Ria mais

Ria dos erros e dos acertos, tanto dos seus quanto dos outros. Use e abuse da vida, aprenda com tudo e todos.

8. O fim do mundo presumido

Com a morte, tudo aquilo que acreditávamos estar garantido escapa do controle. Chama-se isso de perda ou fim do mundo presumido.

É a necessidade de apoio que nunca contamos quando a doença se instala ou a mudança do cotidiano que acreditávamos ser imutável.

Ninguém está preparado para a perda do mundo presumido, nem você, nem os pacientes.

9. Morreu. E agora?

Mostre-se humano, acolha as pessoas e fale “sinto muito”. Neste momento os termos técnicos provavelmente são menos necessários do que um abraço e a escuta recheada de atenção.

10. O luto

O luto não cura. Aprende-se a viver com a ausência e com o irrecuperável. Para alguns isso leva dias e para outros uma vida inteira. Os mortos podem ser eternos na memória dos vivos. ⓘ

DA ANAMNESE GERIÁTRICA...

DR. CARLOS SPERANDIO JUNIOR

1. Perda abrupta de *performance* no idoso é equivalente a febre em crianças: há algo de errado que precisa ser diagnosticado. Se exame físico normal, não havendo suspeita em medicamentos novos, cogite doença orgânica aguda, pratique propedêutica armada e mantenha observação clínica.
2. Polifarmácia em idosos pode ser nocivo; desprescrição é boa prática médica. Remédios devem sair na mesma frequência que entram, poucos são necessários continuamente.
3. Quanto maior a fragilidade do idoso, menor sua capacidade de responder à alteração de sua homeostase. *Delirium* (estado confusional agudo) ocorre por muitos motivos, desde doenças graves, como broncopneumonia, até uma simples mudança de ambiente, como a hospitalização.
4. O idoso robusto, aquele capaz de realizar plenamente suas atividades da vida diária, tem mais reserva física para enfrentar estresses orgânicos e reabilitar mais rapidamente que o pré-frágil e o frágil. A presença da Síndrome da Fragilidade carrega consigo maiores chances de desfechos negativos, como quedas, hospitalização, incapacidade e morte.
5. Sempre exclua as causas de demência potencialmente reversíveis, independentemente da idade do paciente. A idade não conta, e sim funcionalidade!

...E DO EXAME FÍSICO HEMATOLÓGICO

DRA. CECÍLIA VASCONCELOS

6. A tríade do exame físico na anemia é a palidez de conjuntivas, mucosa oral e palma das mãos. Língua despapilada sugere anemia carencial, enquanto queilite angular aponta deficiência vitamínica, em especial B12.
7. Emagrecimento involuntário de mais de 10% do peso corpóreo define síndrome consumptiva; na ausência concomitante de anorexia, pense em três doenças: hipertireoidismo, diabetes mellitus e síndrome disabsortiva.
8. Linfadenopatias sistêmicas remetem a doenças sistêmicas; já as localizadas sugerem doença na topografia de drenagem da cadeia de linfonodos respectiva.
9. Púrpura palpável sugere vasculite de pequenos vasos; já a púrpura plana que desaparece à vitropressão sugere plaquetopenia.
10. A etiologia dos sangramentos podem ser: vasculares (sangramentos recorrentes no mesmo sítio anatômico, pontuais), plaquetopenia (sangramentos imediatos, petéquias e de mucosas) ou ainda por distúrbios de fatores de coagulação, caracterizados por sangramentos tardios, exuberantes, com grandes hematomas. ❶

NASCE UMA VINHA...

Urologista em Apucarana, o Dr. José Eduardo Rupolo é um dos 121 médicos distinguidos este ano com o Diploma de Mérito Ético-Profissional pelo Jubileu de Ouro, com o que reiteramos os cumprimentos enquanto expoentes exemplares da Medicina. Antes da homenagem, ele nos observou que a Vinícola Guaspari, mencionada no artigo “Nasce uma vinha” como detentora de um dos 10 melhores vinhos brasileiros, está localizada em Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, que fica a 200 km da capital e é a sua cidade natal. Ao cumprimentar pela edição da revista, acentura que a Guaspari é produtora do Syrah Vista do Chá, “por sinal o primeiro vinho brasileiro a ganhar a medalha de ouro na Decanter World Wine Awards”. Reitera que a vinícola merece ser visitada, tal qual “a bela cidade do interior, que produz também um dos melhores cafés do Brasil”. Ainda, exalta a qualidade da edição do *Iátrico* nº39.

Cadernos
de viagem



Caderno
do sudeste
asiático



Páginas do
Vietnã



Com uma área idêntica à do estado do Maranhão, o Vietnã ocupa uma superfície longa e estreita, ao longo da costa oriental da península da Indochina, sobre o Golfo de Tonkin e o Mar do Sul da China.

Apertado entre mar e montanha, apresenta paisagens de uma beleza indescritível e uma herança cultural digna de respeito e admiração.

O país tornou-se tristemente famoso por causa da chamada “Guerra do Vietnã”, também conhecida como “Segunda Guerra da Indochina” ou “Guerra de Resistência Contra a América”, que se desdobrou por longos 20 anos, até a tomada de Saigon em 1975. Passado quase meio século, o Vietnã vai, merecidamente, ganhando espaço no cenário turístico internacional.

Vietnã, *reliquia turística no sudeste asiático*

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

A palavra “Vietnam” resulta da associação de dois termos: *Viet*, que significa “gente tranquila”, e *Nam*, que se traduz como “do sul”. Assim, no antigo império chinês, o termo *Viet Nam* referia-se a uma zona geográfica ao sul, habitada por gente tranquila e pacífica.

Aqui já cabe a observação de que no Vietnã fala-se um idioma monossilábico, cada sílaba admitindo seis significados por meio de seis acentuações diferentes, a maioria delas imperceptíveis para os ocidentais. Quer dizer que todas as palavras são monossílabas e, havendo duas sílabas, há duas palavras. Assim, o termo “vietcong” significa “vietnamita comunista”. Soldados americanos referiam-se aos vietcongues como *Victor Charlie* (do alfabeto fonético da Organização Internacional da Aviação Civil para as letras “V” e “C”), ou simplesmente VC.

A língua escrita usava caracteres baseados nos ideogramas chineses, até que se adotou o alfabeto latino em 1920. Como esse alfabeto foi oficializado e popularizado pelo governo revolucionário, como fator de unificação do país, ficou conhecido pelo povo como “letras de Ho Chi Min”, o líder da revolução mais importante da história do país.

A sonoridade da língua nativa torna a pronúncia do inglês bastante desafiadora para os locais. No entanto, não é difícil encontrar guias que falam espanhol: bons alunos do curso secundário, recebendo como prêmio bolsas para estudar em Cuba, retornam fluentes no castelhano, com o que se habilitam a trabalhar no turismo internacional.

Os guias com quem tivemos contato declaravam-se muito felizes pelo país ter saído do comunismo – que, segundo eles, só gerou pobreza generalizada e corrupção ilimitada – e adotado a economia de mercado, em que é possível trabalhar e enriquecer. Declaram que os vietnamitas são ávidos por oportunidades de trabalhar e ganhar dinheiro e acreditam que só assim se constrói riqueza.

Registre-se que visitamos muitas comunidades rurais e, na nossa observação, os camponeses têm, lá, um nível de dignidade que não se vê no nosso país: quando viajamos pelo interior do Brasil, o que se vê da estrada são ou extensos cultivos mecanizados ou gente vivendo em choupanas miseráveis, ladeadas, quando muito, por uma pequena roça de milho ou de mandioca. Lá no Vietnã eles vivem em casas próprias, muito dignas, ainda que em diferentes níveis de conforto e elegância, conforme a produtividade de cada família; dispõem de ter-

ra para cultivar (propriedade do Estado); cada comunidade tem uma escola (e as crianças são bem nutridas e bem-vestidas, cada uma com a sua bicicleta), um centro administrativo e um cemitério (compram a terra do Estado para seus jazigos familiares – e cultivam, inclusive, os espaços ainda não ocupados por túmulos).

A dignidade dos lavradores é solidária a uma disposição impressionante para o trabalho. Palmilhando quilômetros do país, não se vê um único pedaço de terra cultivável que não esteja sendo trabalhado; nem um trecho de rio ou mar em que não haja pescadores ativos; nem um metro de calçada nas cidades onde não se veja alguém vendendo ou produzindo algum bem ou serviço.

Toda essa disposição para trabalhar, aliada à presença poderosa de investidores internacionais e à explosão do turismo – asiático, europeu e sul-americano –, dá ao país um ritmo febril, de construção e crescimento, visível ao olhar um pouco atento.

É claro que a história é sempre escrita pelos vencedores, mas um grão de verdade sempre subsiste sob as aparências de cada versão. Assim, em Hanói, no Museu de Etnologia, um guia aproveita um mapa do país para dar uma aula sobre as guerras de independência do Vietnã.

A primeira guerra, pela independência do Japão; a segunda, pela independência da França; a última, pela independência dos EUA. Para eles nunca houve uma guerra entre o Vietnã do Norte (Hanói) e o Vietnã do Sul (Saigon) – o que houve foi uma guerra de todo o país para se livrar do jugo norte-americano (o que não era desejo de todos). Os russos ajudaram com armas e logística, mas nunca lutaram no Vietnã: os vietnamitas é que entraram com a carne e o sangue – o que acham certo, porque tratava-se de conquistar a soberania para o seu país. No relato emocionado que ele faz, aqui é que estão as margens plácidas que ouvimos de um povo heroico o brado retumbante!

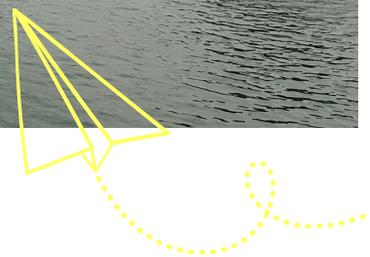
O resultado? Lá é possível ver que há lavradores com botas adequadas para entrar no lamaçal do arroz – e outros que entram descalços; há quem tenha uma roda de arado – e outros que preparam o terreno com uma enxada ou um rastelo; há casas melhores e outras nem tanto. Ou seja: a meta declarada pelo comunismo – “a cada um conforme sua produtividade” – restabeleceu a inevitável desigualdade.

Na capital é possível circular por um bairro de comércio milionário, com lojas de grifes internacionais que mais lembram Paris ou Nova York. Comparando-se essa realidade com os cortiços do centro antigo, percebe-se que o contraste entre o sublime e o sórdido é brutal, também no Vietnã. Parece que, contra todos os receios do Ocidente e contra todos os sonhos de Ho Chi Min, para o bem e para o mal, ali o capitalismo venceu.

Que mais a dizer? Trata-se de um país com história e cultura milenares; de uma geografia pontuada por sítios de grande beleza natural e cidades cheias de pontos de interesse; onde vive um povo trabalhador, simpático e acolhedor.

A um só tempo antigo e contemporâneo, com uma gastronomia elegante e deliciosa, o Vietnã merece ser estudado e visitado: das antigas capitais imperiais, passando pelas cidades modernas e vislumbrando paisagens deslumbrantes, especialmente na espetacular Baía de Ha Long, a viagem vale muito o esforço de se cruzar meio mundo.





O norte do país

HANÓI, A CAPITAL

A cidade não é bonita, mas apresenta-se como um caleidoscópio estonteante: a cada giro o cenário altera-se entre Ásia e Ocidente. Ao longo de belas avenidas arborizadas, desdobram-se a arquitetura colonial francesa, lagos aprazíveis, templos orientais e museus interessantes. No centro velho os cortiços são a regra, todas as calçadas tomadas por comerciantes e prestadores de todo tipo de serviço, misturados com uma profusão de vendedores de comida, já que as habitações são tão pequenas que não há onde cozinhar: compra-se comida pronta e... é isso!

O “centro cívico” é tão ocidental que poderia estar em qualquer lugar da Europa ou da América: um espaço amplo e elegante do tempo da ocupação francesa, onde hoje está o mausoléu de Ho Chi Min e os edifícios de governo do Viet Nam. Só lembrando, Ho Chi Min, lá aclamado como *Fundador do Partido Comunista do Vietnã, da Pátria Vietnamita e do Exército Popular*, foi nomeado pela Unesco como Herói da Liberação Nacional e Celebridade Cultural Mundial. Nem sempre foi conhecido por esse nome, porque utilizou mais de quinze pseudônimos durante toda a sua vida, dependendo do momento, do trabalho e da situação política em que se encontrava o país. Alvo de perseguições encarniçadas, sobreviveu graças à sua competência de camaleão.

O símbolo da cidade é o Templo da Literatura, a primeira universidade do país, fundada em 1070 para formar os mandarins que auxiliavam os imperadores no governo e que (pasmem!) eram selecionados entre os habitantes por meio de um exame vestibular em três fases – local, regional e nacional. Os melhores eram levados à universidade e estudavam Filosofia, Matemática e Literatura. Os que conseguiam ser aprovados nos exames finais tornavam-se ministros de estado e governadores de províncias. O complexo arquitetônico, declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, é admirável.

O Museu de Etnologia exhibe uma coleção interessante e variada da cultura vietnamita. Ali nos ensinam que há cerca de 90 grupos étnicos identificáveis, dentro de 5 grandes etnias, cada um dos grupos com seu idioma, seu vestuário, seu modo de vida e seu arranjo social e cultural. O noticiário diário percorre as cinco grandes línguas, para que não desapareçam.

O Museu de Belas Artes, instalado em uma casa construída na década de 30 (para abrigar as filhas dos colonizadores franceses, que vinham, de todo o país, estudar na capital) e enriquecida com detalhes arquitetônicos da casa comunal vietnamita, exhibe obras de arte local e internacional, com destaque para o acervo de pintura da época da

guerra (que eles contabilizam em 30 anos ou 11 mil dias): suas tintas são sombrias e pesadas – mesmo assim, há poesia e quadros muito bons.

Dentre os marcos arquitetônicos históricos, destacam-se: o “pagode de um único pilar”, construído em 1049 pelo Imperador Ly Thai Tong – um salão de madeira de lei sobre um pilar único, de pedra, com desenho que tenta simular uma folha de lótus, em homenagem a Buda; e a Cidade Imperial de Thang Long, fortaleza e palácio cercados por muralhas, idealizada como uma cópia da Cidade Proibida dos imperadores chineses em Pequim. Em 2010, a Cidade Imperial de Thang Long foi classificada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade e os edifícios que ainda restavam foram restaurados e preservados.

Destaque também para uma intervenção de arte contemporânea: um impressionante mural em mosaicos de cerâmica que se estende por 4km, considerado o mais longo do mundo. Cada setor do mural foi instalado com peças de cerâmica por um artista representante de uma determinada comunidade, celebrando, em 2008, o aniversário de 1.000 (mil!!!) anos da cidade de Hanói.

Também mandatária a visita ao Templo Ngoc Son, que fica no meio do extenso Lago Hoan Kiem, sendo alcançado por pontes.

A palavra templo aqui precisa de uma explicação: trata-se de um lugar público, onde pessoas de todos ou de nenhum credo podem ir reverenciar um personagem importante e lhe pedir, ou não, algum benefício. Pode ser um médico, um político, um professor, um general... E a cada um desses pode-se pedir saúde, acordo entre partes em litígio, sucesso nos exames ou conquistas de qualquer tipo. Quem quiser pode levar oferendas – flores, frutas, velas, incenso, dinheiro (verdadeiro ou falso – há venda de dinheiro falso específico para as doações, inclusive dólares). Se quiser, depois de fazer a oferenda, também pode levá-la embora – afinal, é sua!

Além disso, há igrejas católicas, pagodes budistas e outros edifícios religiosos – mas o povo, na sua maioria, é confucionista e professa o culto aos antepassados, que recebem um altar em um lugar privilegiado na habitação.

O capítulo “habitação” é também muito interessante. O país tem 90 milhões de habitantes (o Brasil tem mais de 210 milhões) concentrados num território do tamanho do Maranhão. Muita área montanhosa deixa pouca terra, que precisa ser extensiva e intensamente cultivada. Resultado: há pouco espaço para as pessoas, que acabam morando em espaços muito reduzidos.

O centro de Hanói é ocupado principalmente por cortiços que sobraram depois dos bombardeios. O que foi destruído foi refeito em bases contemporâneas, mas o que sobrou são prédios sórdidos, onde até quatro pessoas ocupam quartos de 10 metros quadrados, isso significan-

do, para cada um, apenas o espaço onde se vai dormir, muitas vezes no chão, e varais para cada um pendurar seus pertences. Atualmente, com as telas planas, começaram a ter televisão (não cabia antes). Os corredores só dão passagem para uma pessoa de cada vez - se duas se cruzam, precisam ficar “de lado”. Há um quintal central onde fica o banheiro coletivo e as pessoas se inscrevem para a fila do banho. Algumas compram biombos de bambu e banham-se ao ar livre, cercadas pelo biombo, com um balde de água. Muitos resolvem o problema da fila do banheiro pela manhã da seguinte maneira: vão 15 minutos mais cedo para o trabalho e lá fazem a higiene matinal. Morar ali não impede que as pessoas disponham de roupa de grife e motos caríssimas. O trecho da calçada em frente ao prédio “pertence” ao condomínio. Se um morador quiser usar a calçada para ali dispor o seu negócio (venda de comida, ou artigos de qualquer natureza ou salão de manicure ou de cabeleireiro), ele paga uma taxa ao condomínio. Se dois quiserem, eles se organizarão – um negocia pela manhã, outro à tarde; ou um às segundas, quartas e sextas e o outro às terças, quintas e sábados, alternando-se aos domingos. Todo tipo de arranjo entre os interessados é possível. Os que moram ali são de dois tipos: os que esperam o dia em que uma incorporadora resolva comprar o prédio todo para fazer um edifício novo – pagando a cada um, pelo cubículo atual, uma soma que dê para comprar uma habitação mais digna fora do centro; e os que não querem sair dali por nada desse mundo, porque ali estão ganhando a vida e estão perto de tudo – e estes às vezes empatam a esperança dos demais (tem que haver unanimidade para se fechar o negócio).

Talvez nada seja mais pitoresco e emocionante do que passear pelo trânsito caótico em um riquixá acoplado a uma bicicleta pelo bairro antigo de Hanói, o “bairro das 36 ruas”, cada uma delas dedicada a uma profissão em particular, onde ainda vivem e trabalham artesãos de todas as especialidade: rua dos marceneiros, dos ferreiros, dos latoeiros... Mas, se você quer flores, o lugar certo é o Mercado de Flores de Hanói: funciona a noite toda e a oferta maiúscula de flores, em quantidade e diversidade, proporciona uma experiência inesquecível.

Entre os espetáculos disponíveis, o teatro tradicional de marionetes sobre água é uma atração interessante: os bonecos não chegam a encantar, mas o espetáculo tem música ao vivo, com instrumentos autênticos e canto de época. Vale conferir.

Na época do Ano-Novo – que não coincide com o ocidental –, a cidade se enche de luzes: bairros pobres ou ricos cintilam à noite. Durante o dia, a decoração, à base de pessegueiros em flor e laranjeiras carregadas de frutos, acrescenta uma alegria adicional ao movimento incessante da cidade.



Sul do Vietnã

SAIGON, HOJE HO CHI MINH

Cidade menos caleidoscópica que Hanói, seus pontos mais interessantes podem ser visitados em um dia, com destaque especialíssimo para o Museu de Medicinas Tradicionais Fito. Instalado na belíssima casa de um médico famoso, oferece uma visão detalhada do fascinante mundo da medicina tradicional vietnamita, que é fortemente influenciada pela filosofia chinesa. Com uma coleção de quase 3.000 itens relativos aos remédios tradicionais, alguns dos quais remontam à Idade da Pedra, exhibe amplas e detalhadas coleções de instrumentos usados para prepará-los, como morteiros e pilões, moedores e facas. Há também uma grande coleção de livros e documentos sobre o assunto, além de itens encontrados em farmácias tradicionais, como balanças, moldes de impressão, armários de medicamentos e uma variedade de peças de cerâmica. O Museu Fito também conta com equipamento audiovisual, usado para exibir um documentário sobre a história da medicina tradicional no Vietnã.

Fora do centro, Cu Chi, um complexo impressionante de túneis que compunham uma cidade vietcongue subterrânea, merece ser visitado (comentário publicado no *Iátrico* número 37), bem como o delta do Mekong.

O rio Mekong nasce nas montanhas do Tibete, a mais de 4.900 metros de altitude. No início, ele corre rapidamente pelo terreno montanhoso do sudoeste da China. Adiante, seu curso se torna lento e mais largo. O Mekong passa entre Laos e Mianmar e faz parte da fronteira entre o Laos e a Tailândia. Perto da cidade de Phnom Penh, já no Camboja, o Mekong se liga por um braço de rio ao Ton-

le Sap (Grande Lago). Na estação chuvosa, com o volume aumentado, parte da água do rio retorna ao Tonle Sap. Ao sul de Phnom Penh, o Mekong atravessa todo o Vietnã. Por fim, o rio deságua no mar da China Meridional, ao sul da cidade de Ho Chi Minh. Ao desaguar, o rio Mekong forma em sua foz um grande delta de solo fértil, sendo um dos maiores produtores de arroz do mundo. A água do rio é usada na irrigação dos campos, garantindo produção mesmo na época da seca.

O passeio pelo delta descortina um mundo completamente diferente, onde a vida se desenrola ao redor do rio, além de proporcionar uma experiência cinematográfica de se navegar através de canais estreitos rodeados de vegetação densa, em pleno coração do delta. Prepare-se para ver arrozais (na época do plantio e da colheita, intenso movimento de trabalhadores; no intervalo, a beleza dos campos verdejantes ou dourados, quando já maduros, colheita à vista); plantações de *dragon fruit*; casas flutuantes com criadouro de peixe por baixo; coqueiro aquático, cujos frutos parecem pinhões enormes agrupados como florões de madeira; fruta-pão, semelhante à jaca, mas com outro sabor; caramelos de leite de coco embrulhados em papel de arroz, que se come junto com a bala; pratos servidos no almoço, os quais a garçonete precisa ensinar como comer; igreja que venera Buda, Confúcio, Jesus e Lao-Tsé (taoísmo) – Templo Cao Dai, em Bem Luc – todos ao mesmo tempo, como manifestação do mesmo deus, representado por um olho dentro de um triângulo.





HANÓI, REGIÃO METROPOLITANA

Nos arredores da capital, convém visitar Tam Coc (região de Ninh Binh), o belíssimo vale de um rio com cultivos de arroz bordando suas margens. Numa embarcação tradicional (sampan), algumas conduzidas por jovens mulheres que remam com os pés (!), percorre-se uma paisagem muito bela, cercada por montanhas de formato singular, e visitam-se grutas.

Vista do alto, Tam Coc é considerada uma das mais belas paisagens do Vietnã.

Igualmente, a 16 km do centro de Hanói, convém não perder Bat Trang. Quando o segundo imperador da primeira dinastia vietnamita transferiu a capital de Ninh Binh (província onde está Tam Coc) para Hanói (ano de 1008), trouxe os melhores artífices da corte com ele e os instalou ao redor da cidade, em lugares apropriados para seus ofícios – os ceramistas foram para Bat Trang, devido às qualidades de sua argila.

Chega a ser um espetáculo de mágicos ver os artífices dando forma ao barro e/ou pintando os produtos já cozidos, à mão, peça por peça. A exposição dos artigos vai ao infinito, em formas e cores e finalidades, desde o mais utilitário até o puramente decorativo. A exposição de louça imitando peças antigas impressiona: além de maravilhosas, as peças foram envelhecidas com tal arte que poderiam estar num museu e enganar completamente um desavisado.

Os fornos, hoje a gás (originalmente a carvão), ficam fora da cidade e não são abertos à visitação: são verdadeiros edifícios.

Hanói é também ponto de apoio para o cruzeiro na baía de Ha Long, a que se chega por uma estrada que corta as ricas terras agrícolas do delta do Rio Vermelho. Na paisagem, campos de arroz, búfalos de água, cenas da vida rural e tradicional do Vietnã.

BAÍA DE HA LONG

Prepare-se para encontrar o resto da humanidade que, como você, estará visitando o esplendor desse arquipélago espetacular, patrimônio natural tombado pela Unesco – a cada visada você vai contar uns trinta barcos como o seu, com mais de cinquenta pessoas em cada um. Quando você desembarca nas ilhas, você se junta a um formigueiro. Mas num dos desembarques pode-se subir ao topo de uma montanha, por uma escada de 400 degraus, de onde é possível uma contemplação num círculo de 360 graus: no primeiro terço, vê-se uma centena de barcos de turistas; no segundo terço, uma dezena de barcos pesados de pesca industrial; felizmente resta um arco de 120 graus para ver Ha Long como ela é, em todo o seu esplendor, sem artefatos humanos que lhe reduzam a maravilha e a poesia.

O Vietnã é considerado um paraíso para a espeleologia e, em um dos desembarques do cruzeiro, visita-se uma caverna extraordinária, com espeleotemas belíssimos.

Estreita faixa de terra entre as montanhas e o mar: o centro do país

HOI AN

Importante porto comercial da Ásia nos séculos XVII e XVIII, exhibe arquitetura colonial francesa sobre assentamentos de japoneses e chineses que já faziam comércio internacional em terras vietnamitas naquele então.

No centro da cidade antiga, visitam-se residências e estabelecimentos dos antigos comerciantes, uma ponte coberta de mais de 400 anos de antiguidade (liga o setor japonês ao setor chinês), o museu com a história da cidade, bares e restaurantes, tudo sob a profusão mais que espetacular de milhares de lanternas chinesas de todas as cores e formatos.

À noite, lanternas acesas, a cidade transforma-se numa verdadeira galáxia colorida.

DA NANG

Nas suas praias ocorreu o primeiro desembarque militar de americanos no Vietnã: um batalhão de fuzileiros navais fortemente armados, cumprindo uma ordem do presidente norte-americano Lyndon Johnson, para proteger uma base aérea dos Estados Unidos naquela localidade. Foi o primeiro envio de tropas de combate ao Vietnã do Sul, em 1965.

Destaques locais: O pagode Linh Ung, de onde se avista a cidade; a bela costa da península Son Tra; as montanhas de mármore – são mesmo de mármore e, de uma delas, a montanha Thuy Son (acesso por elevador), pode-se desfrutar de uma bela vista do litoral; e o museu de esculturas Champa, uma civilização da Grande Índia que floresceu entre os anos 500 e 1500 da era cristã, ao longo da costa que hoje pertence ao Vietnã.

HUẾ – ANTIGA CAPITAL IMPERIAL DO VIETNÃ

A Cidadela Imperial de Huế é uma fortaleza cercada por muralhas e rodeada por um fosso alimentado por um canal que trazia água do Rio Perfume, o rio que corta a cidade. Foi idealizada como uma cópia em menor escala da Cidade Proibida dos imperadores chineses em Pequim, sendo nomeada Cidade Proibida Púrpura. Em 1993, foi classificada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade, com a designação de Conjunto de Monumentos de Huế. Os edifícios que ainda restavam foram restaurados e preservados. Infelizmente, a maior parte do lugar foi destruída pela guerra, encontrando-se, por isso, coberta por arrozais. Ali a dinastia Nguyễn governou o Vietnã entre 1802 e 1945.

Ainda em Huế, uma experiência inédita é a visita ao mercado de Dong Ba – uma verdadeira babilônia, comércio asiático no seu melhor estilo.

Imperdível a visita ao mausoléu do imperador Khai Dinh, na montanha Chau Chu, nas imediações de Huế: o apogeu do mosaico com fragmentos de porcelana nobilíssima. Trata-se de uma megaobra de arte, de tal forma impactante, que depois dela não se pode assimilar nenhuma outra atração no mesmo dia. **i**





DR. JOSÉ CLEMENTE LINHARES

Sofri, mas fui feliz!

No dia 10 de dezembro de 2020, acordei normalmente e fui para o trabalho. Estava no fim da primeira cirurgia do dia quando passei a apresentar um tremor incontrolável na mão e pude ver o olhar assustado de minha equipe, embora me sentisse bem. Fui rapidamente atendido pela equipe do hospital e encaminhado ao Hospital das Nações, em Curitiba, onde graças ao rápido atendimento não tive lesões miocárdicas.

Mas, afinal, esta é uma coluna de culinária e não de cardiologia. Ocorre que, quando estava na UTI, tive uma agradável surpresa. Minha primeira refeição veio cheia de estilo: uma apresentação de dar água na boca, coberta por uma cúpula de metal (cloche), pratos de louça, em um sabor incrível. O jogo americano contava a história do movimento de Gastronomia Hospitalar levado a cabo pela instituição.

Tomado pela curiosidade, resolvi descobrir mais sobre esta excelente ideia e agora compartilho com vocês.

A grande responsável pelo projeto é a nutricionista Thalita Paula Toso, formada pela PUCPR em 2008. Começou a trabalhar em 2009 e já em 2012 começou a introduzir este conceito de “*comfort food*” no ambiente hospitalar. Thalita relata sua inquietude e insistência à época com o empenho para melhorar a comida sob o ponto de vista do sabor e apresentação, justamente para fugir do estigma da “comida de hospital”.

Imaginem esta jovem tentando convencer os diretores do hospital a apostar no conceito! Que bom que tiveram esta visão de futuro. Ela trouxe então um chefe de cozinha (Guilherme Guzela) para reformular o cardápio e adaptá-lo ao ambiente hospitalar. Um grande desafio. Não era apenas a comida que precisava mudar, era necessário um enxoval e técnica. Hoje ela tem total apoio e confiança da diretoria e com isso consegue manter seus projetos de inovação.

Ninguém faz nada sozinho e uma grande líder tem também que reconhecer os talentos de sua equipe e, para tanto, Thalita encontrou em sua equipe Jandira de Oliveira, uma cozinheira talentosa que tinha o sonho de ser chefe de cozinha.



Reencontrando a Thalita Toso e a Jandira de Oliveira.

Não deu outra. Lá foi a Thalita convencer os administradores a patrocinar o curso para a Jandira. Sucesso certo! Comida simples, bem-feita e bem apresentada não aumenta o custo final, mas o efeito é outro. Jandira fala da comida com entusiasmo e me disse como o aprimoramento técnico no curso de “chef” incrementou sua habilidade na cozinha do hospital. Também me disse como divide com as demais cozinheiras todo seu conhecimento e experiência na busca dos melhores resultados com foco no paciente. E vou dizer: conversar com ela chega a abrir o apetite, tamanha é sua simpatia e sorriso enquanto fala dos pratos que prepara.

Em minha visita para esta entrevista, tive de abandonar a dieta. Fui recebido com pão de queijo, bolo e apresentado com um prato generoso de nossa receita da coluna.

Tudo isso ainda precisa atender as necessidades dos pacientes, como por exemplo os pratos com carnes em pedaço para facilitar a ingestão. Ou atender opções alimentares, como vegetarianos e veganos, além da necessidade dietética de cada paciente.

A humanização no atendimento precisa ir além. Cita situações em que atendeu um paciente com chimarrão e outro com bolo enfeitado com o símbolo do Palmeiras. Aliás,

Frango em cubos ao leite de coco e curry

INGREDIENTES

- 1,5 kg peito de frango sem osso e sem pele
- 2 colheres de sopa de óleo
- 2 dentes de alho picado
- 1 colher sopa rasa de Curry (caril)
- 100 ml de leite de coco
- 200 g cebola picada
- Cebolinha
- Sal



COMO PREPARAR

- Pique o frango em cubinhos.
- Em uma panela, coloque o óleo e deixe aquecer.
- Vá aos poucos colocando os cubinhos de frango para irem fritando com o alho e a cebola. Frite todo.
- Acrescente o curry e o sal, colocando água para ir formando um caldinho.
- Depois, acrescente o leite de coco e deixe levantar fervura e pronto. Ao finalizar, salpique cebolinha verde.

DICA DA THALITA: Gostamos de deixar o frango em cubinhos para facilitar o corte aos pacientes. Quanto mais caldinho ficar, melhor a aceitação.

ela tem um controle de todos os pacientes aniversariantes e sempre faz algo especial para comemorar, como mensagens afetivas e até balões. Nada escapa de sua atenção.

Para ela, cuidar de quem cuida também é importante; tanto assim que, para os integrantes da instituição, faz eventos temáticos. Para os médicos em atividade no centro cirúrgico, por exemplo, faz um empratamento em descartáveis, mas com o mesmo capricho do emprata-

mento em louça. Completando: também ninguém escapa de sua atenção.

Hoje, Thalita comanda uma equipe de 30 membros e os envolve nas decisões do departamento. Com isso, atende os 90 leitos do hospital com técnica, profissionalismo, humanismo e muito carinho.

Eu vivi esta experiência e posso dizer que foi sensacional! Tornou minha estada no hospital muito mais fácil.. **i**



NA PORTA DA ESCOLA...

“Educar não é ensinar as respostas. Educar é ensinar a pensar”. A frase, reiterada por Rubem Alves, coloca-nos diante do impasse da informação fácil no clique digital, do consumo da ideia alheia, da comodidade que atropela a reflexão e a razão. “Na porta da escola”, óleo sobre tela, é uma obra que data de 1897 e integra o acervo do Museu Estadual Russo, em São Petersburgo. É de autoria do pintor russo Nikolay Petrovich Bogdanov-Belsky (1868-1945), afamado por pinturas de gênero, principalmente da educação de crianças camponesas e sem poupar a sua visão crítica. Já doente, morreu ao final da Segunda Guerra durante bombardeio dos aliados a Berlim. Sua biografia é um exemplo da origem simples e trabalho duro, tal qual o menino humilde, em trajas surradas, receoso de receptividade em esmerado ambiente escolar. Lições de vida.



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br